

A romantic couple embracing on a rooftop. The woman has long, wavy blonde hair and is wearing a dark, lace-trimmed dress. The man has short dark hair and a beard, wearing a white shirt under a dark suit jacket. They are standing on a balcony with a metal railing, with a city skyline visible in the background under a clear sky. The entire image has a blue color overlay.

usada pelo
CEO

ALINE PÁDUA



usada pelo
CEO

ALINE PÁDUA

Copyright 2023 © Aline Pádua

2º edição – março 2023

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Edição: AAA Design

Sumário

[Nota I](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Bônus](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Nota II](#)

[Redes Sociais](#)

[OUTROS LIVROS](#)

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

FELIZ NATAL, TORRES

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO

GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA

UMA FILHA INESPERADA PARA O CEO

UMA FAMÍLIA INESPERADA

Nota I

Esse livro é um relançamento. Anteriormente, intitulado como “O que sobrou da sua paixão”. Espero que seja essa sua primeira ou segunda experiência com eles, que ela seja incrível!

Boa leitura,

Aline

Playlist

Agora Eu Quero Ir – Anavitória

Big Girls Don't Cry – Fergie

Caso Indefinido – Cristiano Araújo

Dangerous Woman – Ariana Grande

Flashlight – Jessie J

I Don't Wanna Live Forever – Zayn feat Taylor Swift

João De Barro – Leandro Léo

Perde Tudo – Lua Blanco

Rockabye – Clean Bandit feat Sean Paul & Anne-Marie

Se Olha No Espelho – Maiara e Maraísa part. Cristiano Araújo

Sentimentos São – Disney

Side To Side – Ariana Grande feat Nicki Minaj

Singular – Anavitória

Style – Taylor Swift

Wish You Were Here – Pink Floyd

Sinopse

Sophie Moraes é uma mulher com objetivo claro: dar uma vida melhor para a mãe. E isso inclui ter que aturar um chefe que mal lhe diz obrigado, e que de repente, surge com uma proposta de relacionamento falso.

Daniel Lourenzinni é um homem conhecido pela frieza e poucas palavras, e sabe que o melhor caminho para fugir de qualquer sentimento, é demonstrar o oposto. Contudo, não sabe como agir com sua mais nova assistente.

Ela, acaba aceitando uma proposta de namoro falso com o chefe que claramente a detesta.

Ele, não sabe mais o que fazer para tirar os olhos sinceros da assistente de sua mente.

Tudo o que não esperava, acontece: ela acaba apaixonada pelo homem que só quer usá-la.



PRÓLOGO

Daniel

— Isso é pra hoje, senhorita Moraes! — praticamente berro, sem olhá-la e entro em minha sala.

Paro um instante antes de fechar a porta e viro-me para ela, a qual está empenhada arrumando vários papéis. Por um segundo esperava que ela estivesse reclamando ou até mesmo divagando com raiva de mim, porém ela não o faz. E essa é apenas uma amostra das várias vezes que ela apenas fica de cabeça baixa e continua seu trabalho, enquanto eu não consigo segurar meu *lado animal* perto dela.

— Merda! — bufo sozinho e fecho minha porta.

Vou até minha cadeira e jogo-me com tudo, sem conseguir mais raciocinar direito. Minha vida se tornou uma bagunça, e grande parte dela, é culpa de uma mulher que sequer percebe meus olhares para com ela.

Desde que vi sua foto e seu currículo, quando procurei sobre uma funcionária da empresa para ser minha assistente pessoal por um tempo, vejo-me sem conseguir me controlar. Os olhos castanhos, que evidenciam ainda mais a pele morena, da cor do pecado, e um fraco sorriso branco, o qual ela quase nunca mostra, mas sua foto foi minha aliada nesse fato.

Pego novamente a pasta a qual tem suas informações e encaro a mesma foto que me deixou perplexo quando a vi pela primeira vez. Desde quando me vi assim por uma mulher?

Nem mesmo com Carla foi assim...

Respiro fundo, deixando a foto sobre minha mesa e tento não gritar mais uma maldição.

A princípio, quando voltei ao Brasil, tinha motivos claros e uma coisa certa a fazer. Mas como a vida ama pregar peças, quando fui ter noção de tudo, minha irmã já tinha sofrido um acidente e perdido parte

de sua memória, e pior, eu não pude evita-la de estar próxima a seu marido, o qual era meu melhor amigo, e ainda foi capaz de traí-la, sendo também o culpado do acidente. Se voltei foi para contar a minha irmã a respeito do que descobri sobre seu marido, mas no fim, uma bagunça tomou conta de todos nós.

Por enquanto apenas esperamos que ela melhore e sua memória volte, e que assim possa decidir o que fazer da vida. E eu? Pela primeira vez quero poder cuidar de verdade de minha irmã, protege-la de fato, deixar de ser um egoísta de merda.

Fracas batidas na porta fazem-me suspirar e encosto-me contra minha cadeira.

— Entre.

A porta se abre, e a mulher que me leva ao delírio, entra.

Será que ela não percebe o que causa em mim?

Desde que a vi pessoalmente, esperei algum olhar, algum resquício de interesse. Mas pelo contrário, Sophie parece completamente alheia a mim. Como se fosse invisível a ela.

Sempre me pergunto porque de nunca tê-la vista nas viagens que fiz ao Brasil e nas várias vezes que vim para festas na empresa ou até

mesmo nas reuniões, mas nunca consegui entender isso de fato. Sei que se tivesse a visto, ela teria me chamado atenção.

— Senhor Lourenzinni, aqui estão os papéis que pediu. — diz, como sempre calmamente, e coloca uma pasta sobre minha mesa. — Precisa de mais alguma coisa? — pergunta, mas não me encara, olhando de leve pra qualquer lugar da sala, menos pra mim.

— Olhe pra mim, Sophie. — peço, pela primeira vez dizendo seu nome. Gosto do modo como ele sai de meus lábios.

Ela pisca, acho que surpresa com meu pedido, porém, logo levanta seu queixo e me encara. Os olhos castanhos um pouco vacilantes, mas não consigo captar nada além sobre ela. Além de que é linda, completamente.

— Algum problema, senhor? — pergunta e eu nego com cabeça.

— Pode sair. — digo, e ela assente, saindo de imediato da sala.

Queria ter me controlado, mas usei como sempre, meu tom duro para com ela. Por que ela causa isso em mim?

Parece que a qualquer momento perto dela, notando sua indiferença, vou explodir. Acho que por isso não consigo trata-la bem, ao menos, desejar-lhe bom dia. Essa mulher mexe comigo, de um modo

como nenhuma conseguiu. Mas não sei como seguir, ao menos não por agora.

Por ora, concentro-me no trabalho. Porém, saber que a mulher que me enlouquece está há poucos passos, apenas piora tudo.

Estou perdido.



CAPÍTULO 1

Meses depois

Sophie

Encaro a tela do computador, enquanto tento controlar a frustração que sinto. Leio e releio o que está escrito na tela, e tenho vontade de corrigir o significado de ditador no próprio dicionário. Falta um dos significados: Daniel Lourenzinni.

Nunca fui de estressar-me ou até mesmo sofrer por algo no trabalho, mas desde o dia em que fui convocada a ir à sala do meu chefe, isso mudou. De imediato, pensei ser o senhor Gutterman, porém, assim que me encaminharam a sala ao lado da dele, e encarei os olhos cor de mel mais claros que já vi, soube que não era.

Desde minha época de recepcionista, sempre ouvi boatos sobre o chefe que ficava na filial do exterior e vinha esporadicamente para festas e reuniões no Brasil. Comentários como: "Ele é lindo", "Ele não presta, mas tem músculos que valem a pena", e "Ele é o peão mais sexy que já vi".

Houve um tempo no qual até cheguei a querer saber de quem se tratava, mas como nunca tive alguma amiga nessa empresa, nenhuma delas sequer fez questão de me mostrar. Poderia ter pesquisado na internet sobre ele, mas no fundo, sempre senti que seria demais. Fui criada em uma ideologia de que não devemos procurar e nem falar sobre a vida alheia, e assim, contra minha vontade, não procurei.

Na primeira vez que o vi, constatei que todas as coisas que ouvi a respeito de seu físico eram reais, porém, nada me preparou para quando ele começasse a falar. Desde então, os gritos, maldições e ironias são constantes. Daniel Lourenzinni pode até ser lindo por fora, mas é um verdadeiro monstro por dentro.

— Se eu descontasse de seu salário todos os momentos que te encontro divagando sentada nessa mesa, tenha certeza de que não ganharia nada. — ouço sua voz dura e firme atrás de mim.

Suspiro fundo, fechando de imediato o navegador e pegando as pastas que ele pediu para que separasse. Assim que me levanto, ele simplesmente pega as pastas e joga de volta na mesa, encarando-me como sempre, de modo autoritário.

— Vem. — diz firme e mesmo sem entender, passo por ele, entrando em sua enorme sala.

Não sei quanto tempo passei divagando comigo mesma sobre meu chefe, que sequer percebi que ele tinha finalmente voltado do almoço.

Permaneço em pé, em frente a sua mesa. Encaro meus pés por alguns instantes, notando que preciso urgentemente comprar um novo par de saltos, já que estes já mostram seu desgaste. Com certeza, se meu querido chefe perceber, irá criticar.

— Sente-se.

Mesmo estranhando seu pedido, sento-me e aguardo ele passar por sua mesa e se sentar a minha frente. Geralmente, o tempo que passo

junto a ele, é entregando os papéis e organizando, nenhuma vez, nesses meses que se passaram, sentei nessa cadeira. Bom, ela é confortável.

— Há quanto tempo está formada, senhorita Moraes?— pergunta, e o encaro sem entender.

Ele já leu meu currículo, não?

— Há três anos, senhor. — digo e ele assente, passando as mãos pelos cabelos ralos, os quais nunca sei dizer a cor correta, já que com a luz, ele parece ser um cobre.

Ele de repente se levanta e afrouxa a gravata, sem em nenhum momento me encarar. Ele vai até um armário ao lado esquerdo da sala e se apoia, como se tivesse pensando sobre algo sério. *Ok, acho que perdi meu emprego.*

— Tenho uma oferta a mais de emprego. — diz, surpreendendo-me.

Espera aí... A mais?

— Não vou te dizer o porquê, mas apenas saiba que vai ganhar o mesmo que se fosse uma das economistas da empresa.

O que?

Não, ele está debochando de mim... Só pode ser isso.

Encaro-o, analisando seu semblante que mais parece de tortura. De repente seus olhos encontram os meus, e tento ao menos ver se é alguma brincadeira de mau gosto... Mas ele não parece estar brincando, está completamente sério.

— Senhor, do que se trata o trabalho? — pergunto, e ele desvia o olhar, encarando o relógio.

— Fingir que é minha mulher. — diz, encarando-me novamente.

Fico estática, sem entender mais nada. Como assim sua mulher? Ele endoideceu!

— Eu acho melhor... — levanto-me da cadeira e me afasto da mesa, indo em direção a porta.

Nem tenho tempo para pensar e logo meu corpo é virado e prensado contra a porta.

— Quieta, tem alguém na porta... — diz, praticamente num grito.

Fico parada, sem saber como reagir.

Alguns segundos se passam, e escuto passos se afastando... Como ele sabia que tinha alguém ali fora?

Levanto meu olhar e o encontro divagando, encarando a porta branca atrás de mim. Não dei muita atenção, mas agora, percebo que sua mão está em minha cintura, prendendo-me de forma dura.

— Me solte. — peço, e ele me encara, saindo de perto de mim no mesmo instante.

Nunca, em nenhum momento em que estivemos próximos, ele me tocou. A não ser a vez em que teve de tirar uma de "suas mulheres" de cima de mim.

— Preciso sair, senhor. — digo já aflita, e ele revira os olhos.

— Não, você não vai. — diz, encarando-me sério, como sempre faz quando está nervoso.

— Mas...

— Vai conseguir trazer sua mãe do interior e conviver com ela... Além de comprar uma boa casa para vocês duas.

— O que? — pergunto incrédula. — Como sabe que...

— Sei de tudo, Sophie. — diz convencido.

— Não pode fazer isso! — digo, sem conseguir mais raciocinar direito.

— Olhe, está me respondendo pela primeira vez... — sorri fraco, e assim, sinto-me pior. — Não tem mais como fugir, sua mãe já me deu a benção dela...

Não! Ele não...

— Sim, eu falei com ela. — diz como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Para todos os efeitos você pertence a mim, e deve agir assim daqui por diante.

— Até quando isso? — pergunto, analisando o sorriso arrogante em seu rosto.

— Até quando for preciso. — diz, indo até sua mesa e se sentando. — Agora sente aqui, precisamos conversar os detalhes.

Literalmente, Daniel Lourenzinni é a melhor definição para ditador. E agora, ele simplesmente é meu homem. Como vou lidar com isso?

— Eu arrumei todos os detalhes. — diz e coloca um envelope em cima de mesa. — Pegue. — diz impaciente e eu apenas respiro fundo.

Não seja fraca.

Pego o envelope e o abro, tirando de dentro um cartão com meu nome, além de chaves de um carro.

O que?

— Preciso que esteja segura. — ele diz, como se escutasse minha pergunta silenciosa. — O cartão é para o que quiser e o carro, bom, para que possa se locomover melhor.

— Isso está errado. — digo, e coloco as coisas em cima da mesa.

Levanto-me e fico de costas pra ele.

— Não há nada de errado nisso. — ele diz, e sinto sua presença atrás de mim.

Respiro fundo e espero ele ordenar para que eu me vire, porém, ele não o faz. Sinto suas mãos em minha cintura, e delicadamente ele me vira.

— Sophie, eu sei que parece estranho, mas você é a única que pode me ajudar. — diz, e pela primeira vez vejo-o em um momento de fragilidade.

— Senhor, eu...

— Daniel. — corriji-me rapidamente. — Começemos com isso, chame-me de Daniel ou Dani.

— Dani? — pergunto sem conseguir controlar minha língua. — Desculpe, eu...

— Minha irmã me chama assim, pensei que talvez te deixasse mais confortável.

Impossível me sentir confortável com qualquer coisa agora.

— Senh... Quer dizer, Daniel. — digo e respiro fundo, e noto um novo brilho em seu olhar.

Ok, estou começando a divagar.

— O senhor... Quer dizer, você tem tantas mulheres e... Não tem porque me usar pra isso, seja lá qual for o propósito. — digo calmamente, buscando que nenhum grito ou palavra rude saia de sua boca.

— Não tem que entender o porquê de nada ainda, Sophie. Quando for pra saber, eu mesmo lhe direi. — diz, e noto seu cenho franzido.

Sinto seus dedos apertarem um pouco contra minha cintura, e no mesmo instante me afasto.

— Precisa se acostumar ao meu toque. — diz e puxa-me pela cintura novamente.

Abro a boca para relutar sobre, porém ele nega com cabeça.

— Não vou abusar de você, Sophie. Isso... — ele faz um sinal entre nós. — Não tem nenhum propósito em sexo, e eu jamais, ouça bem, jamais faria algo contra a sua vontade ou te forçaria.

— Ok. — digo, já sem conseguir raciocinar.

Daniel sempre foi rude, mal humorado, porém não consigo duvidar de sua palavra.

— Ótimo. — diz e toca de leve meu cabelo, colocando uma mecha atrás de minha orelha.

Sinto um pequeno formigamento passar por meu corpo e tento não demonstrar nada, porém quando o pequeno sorriso no canto da boca dele se abre, mostra claramente que ele percebeu como estou.

Eu não posso sentir nada por ele. Nem mesmo atração.

— Marquei um jantar pra nós. — diz e me puxa ainda mais perto. Para tentar contê-lo, espalmo minhas mãos contra seu peito, porém o mesmo formigamento percorre-me novamente. — Precisamos fazer algo antes disso.

— Como assim? — pergunto, sentindo sua respiração próxima ao meu rosto.

Ele é bem mais alto o que me faz sentir completamente indefesa. Mas uma estranha segurança dentro de mim faz com que o encare, e seus olhos castanhos claros me encantam.

Não divague, Sophie!

Ele é um ogro, sabe disso!

— Pela primeira vez aparecerá em público comigo, e por mais que não seja um jantar especial, caso encontremos algum de nossos conhecidos, eles terão que acreditar que estamos apaixonados.

— O que? — pergunto de relance, incrédula com seu pedido.

— É fácil. — diz simplesmente. — Eu vou tocar de leve sua bochecha e olhar direto em seus olhos. — ele então transforma suas palavras em movimentos. — Enquanto isso, você segura em minha nuca e não deixa de me encarar. — faço-o, diante de seu olhar observador e ele continua. — Com minha mão livre, vou te puxar firmemente pela cintura. — diz, e o faz, fazendo com que eu solte uma lufada de ar. — Agora, sua outra mão fica em meu peito. — ele toca minha mão espalmada em meu peito. — Vou de encontro aos seus lábios bem devagar. — diz e o faz. — E você vai me olhar como se não quisesse estar em qualquer outro lugar no mundo. — eu já esqueci até como se respira, pela surpresa de tudo que está havendo. — E assim, eu vou te beijar.

Abro a boca assustada, e quando vou dizer algo, já é tarde demais. Sua boca carnuda assalta a minha, sem delicadeza alguma. Eu já beijei outros caras, mas nenhum deles o fez como Daniel. Ele parece querer tirar tudo de mim, apenas com um beijo, e sem saber como fugir disso, retribuo o beijo, e ele solta um gemido em minha boca.

Deveria pensar em como isso é estranho ou até mesmo que ele é meu chefe, o *chefe ditador*. Mas tudo que consigo fazer é me entregar à luxúria do momento.

Separamo-nos em alguns instantes, pela falta de ar. Daniel tem os lábios manchados de vermelho, com toda certeza, por conta de meu

batom. Espero que ele estrague o momento ou diga algo que me deixe ainda mais confusa, porém, pela segunda vez no dia ele me surpreende.

— Isso vai dar certo. — diz, relaxado.

Dou um passo pra trás, porém seus braços me seguram.

— Precisamos conversar mais algumas coisas. — diz, e se afasta, puxando a cadeira de frente da mesa pra mim.

Isso é até mais estranho que o beijo.

Daniel Lourenzinni sendo gentil comigo... Em que mundo estou?

Ele dá a volta na mesa e senta-se a minha frente.

— Fidelidade. — diz e seu tom duro está de volta.

— O que?

— Exijo fidelidade, Sophie.

— Ah. — exclamo, finalmente entendendo seu propósito. — Não precisa se preocupar com isso.

— Ótimo. — diz e encosta-se contra sua cadeira, parecendo completamente despreocupado.

— Tenho que assinar algo? — arrisco perguntar.

Não que isso seja parte de meu mundo, mas sei bem que muitas pessoas ricas fazem contratos e mais contratos sobre qualquer coisa.

— Não, será algo apenas entre nós. Posso confiar em você, não é?
— pergunta e eu assinto de imediato.

— Não tem porque contar isso a ninguém. — digo. *Ainda mais algo do qual não me orgulho.*

— Ok, assim que terminar o expediente, vamos jantar. — diz e eu assinto.

— Posso sair, senhor? — pergunto e ele muda sua expressão, exibindo uma carranca. — Ah, Daniel.

— Bem melhor. — diz e faz sinal com a cabeça para que eu saia.

A passos incertos saio de sua sala e tento me manter em pé.
Assim que me sento em minha cadeira, respiro fundo.

O que diabos acabou de acontecer?



CAPÍTULO 2

Sophie

Escoro-me contra a mesa e tento não pirar com tudo o que houve. Toco de leve meus lábios e ainda sinto o formigamento do beijo... Daniel me beijou.

Meu chefe me beijou.

Isso está errado, completamente errado.

Olho para a sala que fica a alguns passos de mim e penso em falar com o outro dono da empresa - Levi Gutterman. Mas não sei como dizer

ou ao menos expressar sobre, já que neguei sua oferta de assistente.

No momento junto com Daniel dentro da sala, foram tantas surpresas que não consegui reagir. Mas agora, vejo o quanto isso pode me prejudicar.

Respiro fundo e me levanto, tomando coragem de ir até a outra sala.

Assim que dou o primeiro passo meu celular pessoal toca e levo um susto. Subitamente o pego e encaro o número de minha mãe.

Como se finalmente entendesse tudo, olho para trás - a sala de Daniel - e vejo-o encostado contra a porta entreaberta.

Espero ele dizer algo, porém ele apenas acompanha meus movimentos.

— Oi, mãe. — digo incerta, atendendo ao telefone.

— Ah, Sophie Moraes! — adverte-me. — Acabei de falar com seu namorado e ele me disse que anda não se alimentando direito. Veja só, logo você que sempre foi responsável.

Arregalo os olhos e pela primeira vez, encaro Daniel, com fúria.

— Mas mãe...

— Nada de "mas", Sophie. Quando eu chegar aí em duas semanas, quero ver carne no seu corpo. Tem que se cuidar, menina.

— Espera, duas semanas? — indago completamente perdida.

— Ah sim, seu namorado disse que era surpresa. Droga! — reclama sozinha. — Aliás, quero saber tudo sobre o pedido de namoro e filha, que sorte grande em? Um homem que veio falar comigo para pedir sua mão em namoro. Ele é das antigas e eu gosto disso! — diz e solta um suspiro.

Olho para Daniel, o qual ostenta um sorriso. E pela primeira vez não quero me segurar diante dele. Estou enfurecida.

— Ele é um cavalheiro, filha. Assim como seu pai. — diz e tenho certeza, pelo seu tom de voz, que está emocionada.

Esse babaca conseguiu enganar minha mãe.

— Oh sim, mãe. Ele é um cavalheiro. — digo rapidamente, tentando não parecer desdenhosa.

— Bom, tenho que voltar pra cozinha. Beijos, meu amor. Fique com Deus!

— Mas mãe, o que tem em duas...

Ela desliga e fico sem fala. Não sei bem ao certo sobre o que ela estava falando.

— O que foi que disse pra ela? — pergunto, já não conseguindo me segurar.

Eu sempre me mantive calma, não o encarei, não ousei mostrar minha tristeza e raiva diante de seu tratamento comigo. Mas porque era tudo estritamente profissional. Ele saiu do âmbito profissional assim que fez essa proposta ridícula e ainda envolveu minha mãe.

— Ei, calma. — diz sereno, e tenho vontade de socá-lo. — Eu te disse que falei pra sua mãe sobre nós.

— Por Deus, senhor Lourenzinni. — digo incrédula e ele me encara desgostoso. — Não existe "nós". Muito menos podia ter envolvido minha mãe nisso.

— Já está feito, Sophie. Pense pelo lado bom, você vai ganhar um bom dinheiro e poderá dar uma vida melhor pra ela...

— Isso é golpe baixo e...

— Sabe o que tem que fazer. — diz, cortando minha fala. — Eu menti pra ela sobre várias coisas, sinto muito por isso, mas se não o fizesse você não aceitaria. Além de que, sei que iria até Levi contar algo.

— Óbvio que sim, não é comum um chefe pedir a assistente pra ser sua mulher honorária. — explodo e só assim vejo que estou em meu limite.

Ouçó pela primeira vez a gargalhada de Daniel e fico ainda mais perplexa.

— Nunca pensei que me faria rir. — diz e continua com um sorriso, como se estivesse satisfeito. — Sei que isso é estranho, Sophie, mas...

— Isso é antiético. — digo por fim.

— Eu sei. — Daniel diz e se aproxima de mim. — Só confie em mim. Eu sei que não tenho sido o melhor homem do mundo com você mas... Só preciso que me ajude com isso.

Vejo verdade em seus olhos e fico estática. Esse dia só piora.

— Olha, senhor eu... Daniel eu preciso pensar sobre isso. Por mais que tenha resolvido tudo em minha vida e até convencido minha mãe. Não estou conseguindo...

— Digerir isso tudo, não é? — pergunta, completando minha fala e eu assinto.

— Eu vou trazer sua mãe em duas semanas pra te ver. Sei que sente falta dela. — diz e eu apenas o observo. — Mas preciso de uma resposta amanhã, Sophie.

— Ok. — digo vencida.

— Tire o dia de folga pra pensar. — diz e me entrega o mesmo envelope de poucos minutos. — Eu insisto.

Apenas assinto, pegando o envelope e minha bolsa pendurada ao lado de minha mesa.

— Tenha um bom dia, Daniel. — digo e vou para o elevador, como se carregasse o mundo em minhas costas.

Entro pelas portas de metal e aperto o botão para o térreo. Olho para frente e noto que Daniel continua parado, observando-me.

A única coisa que consigo pensar é que esse homem enlouqueceu, ou simplesmente, está fugindo de algo.

Um homem como ele pode pedir isso a qualquer mulher. Qualquer uma daria tudo para passar um tempo com ele, tanto por ser rico, como por sua beleza.

Se eu aceitar isso, serei tão louca quanto ele. E por isso, preciso pensar.

Daniel

Jogo-me contra minha cadeira novamente, sem conseguir crer no que acabei de fazer, ou melhor, no que venho fazendo. Fui ao interior de Minas Gerais em busca da mãe de Sophie, conversei com ela a respeito de sua filha e pedi sua mão em namoro.

Desde quando faço algo como isso?

Isso só pode soar como um ato romântico, mas lembro-me bem como tudo ocorreu quando o fiz pela primeira vez. A mulher pela qual dia fui apaixonado escolheu outro homem, o qual na época, em minha mente, não a merecia.

Encaro novamente o anel que comprei, pensando se realmente fiz a escolha certa. Tudo bem, quem escolheu foi a vendedora, mas eu acabei dizendo a ela cada mínimo detalhe a respeito de Carla. E no fim, uma aliança delicada, com um diamante em forma de pera, foi o escolhido. Simples e romântico, segundo a vendedora.

Eu acabei pegando escondido um anel de Carla há algum tempo, desde o momento em que viajei com ela para o nordeste. Só nós dois, e eu apenas queria ajudar. Ajudá-la a superar uma fase tão difícil em sua vida. Onde ela tentava superar uma traição e a perda de um filho.

Respiro fundo e olho novamente para a porta de sua casa. A casa a qual ela morava com o marido, mas que de repente, voltou a fazer parte novamente de sua rotina. E quando ela me ligou e contou que aceitou como seu, o fruto da traição de seu marido, não a julguei. Carla apenas me mostrou novamente o quão terna é, e mesmo quando disse que aceitou o marido de volta, não consegui me opor a ela. Eu não

entendi ao certo o que houve, mas eu sabia que parte de mim já a havia perdido. Bastava agora, tentar lutar pelo que me restava.

Sei que ela terá que escolher entre eu e seu marido, mas pela primeira vez na vida, resolvi me arriscar por uma mulher.

Mando uma simples mensagem pra ela e em poucos minutos a porta da frente se abre. Carla aparece, como sempre fazendo o meu coração acelerar e o ar ficar escasso. Eu nunca me imaginei apaixonado, muito menos que compraria uma aliança... Mas por ela, sei que vale a pena. Ela tem o melhor de mim.

— Dani. — diz e vem até mim, abraçando-me. — Eu sinto muito por ter sumido alguns dias. Aconteceram tantas coisas e...

— Casa comigo. — peço de repente, ignorando totalmente o as falas que tentei decorar e a cena que imaginei. Ajoelho-me em seguida e Carla arregala os olhos no mesmo instante.

Pego a caixinha com a aliança e a abro, mostrando para ela que realmente estou disposto a isso. Que estou aqui por ela. Mesmo sabendo que ela já possa ter feito sua escolha. Mesmo que ela sequer saiba que eu a vejo com outros olhos, sem que seja apenas uma amiga.

— Dani...

Ela parece surpresa, e ao mesmo tempo, sem palavras.

— *Eu sei que é cedo, sei que nunca te disse que... Droga, eu não sou bom com palavras, Carla. Mas eu te amo, posso te dar o mundo, e tudo aquilo de mais real que tenho em mim. Casa comigo? — peço novamente e lágrimas descem por seu rosto.*

Por um segundo, por um leve e mero segundo, penso que isso é algo bom... Porém, seus olhos assustados continuam intactos.

— *Eu não sei como te dar uma resposta, Dani. Eu aceitei Rafael como filho e eu... Aceitei Ricardo também. — diz, e fecho os olhos no mesmo instante, absorvendo suas palavras.*

Eu sempre soube que seria um tolo ao vir tentar uma chance, ainda mais comprando uma aliança e a pedindo em casamento. Mas o que um homem perdidamente apaixonado pode fazer? Ver a mulher que ama simplesmente ficar com outro e aceitar calado? Sem tentar? Bom, eu tentei.

Saio de minha posição e fico de pé, encarando a mulher que amo. A qual acaba de destroçar meu coração. Viro de costas e saio andando até meu carro.

— *Dani, espera... — Carla vem até e segura de leve meu braço.*

— *Não. — digo rude, pela primeira vez usando esse tom com ela.*
— *Preciso ir, Carla.*

— *Eu te amo. — diz, e meu coração falha uma batida. — Mas o amor que posso te dar não é o mesmo que está me oferecendo.*

Ela me força a virar para ela, e mesmo sem querer a encaro. Lágrimas correndo por minha face, do modo que nunca imaginei que ficaria.

— *Você é um homem incrível. Se eu pudesse escolher a quem amar, do modo como uma mulher ama um homem, seria você. Mas eu não posso... Não podemos escolher isso. — diz e toca de leve meu rosto. — Me perdoe.*

— *Eu também não escolhi te amar, Carla. Simplesmente aconteceu. — digo, soltando um falso sorriso. — Mas eu posso escolher tirar esse amor de mim, e eu vou fazê-lo.*

Me solto dela, deixando-a com o semblante transtornado. Dou-lhe as costas e vou até meu carro, arrancando com ele no mesmo instante.

A primeira mulher que amo, simplesmente jogou meu amor fora. A única coisa que possa fazer é esquecê-la. Além de nunca mais deixar nenhuma mulher dominar meu coração.

Respiro fundo, voltando a realidade e encarando minha mesa bagunçada. Agora, vejo-me perdido, tentando ser próximo de uma

mulher que sequer me olha. Ao menos Sophie desperta algo diferente em mim, algo diferente do que Carla foi. Sophie me traz sentimentos diferentes, os quais não sei determinar, mas de certa forma, sei que nenhum deles ainda é amor.



CAPÍTULO 3

Sophie

Olho para a foto em minhas mãos e respiro fundo, tentando entender a confusão que me meti. O sorriso largo no rosto de minha mãe na foto, olhando para mim, bem no dia em que saí de casa, diz tudo sobre como Daniel a usar contra mim, me abala.

Fui criada apenas por ela, uma mulher que batalhou e conquistou o mundo pra mim. Nunca a ouvi reclamar ou até mesmo a vi chorar, ela sempre se fez de forte e inabalável, e eu sei que nunca conseguirei dar de volta para ela tudo que me deu.

Meu celular vibra e o pego no mesmo instante, imaginando ser ela. Porém, para minha total contradição, é Daniel.

Posso manter as reservas de hoje?

Respiro fundo, encarando a foto de minha mãe novamente. Eu penso sobre tudo. Sobre como esse acordo é estranho, até mesmo porque Daniel poderia escolher qualquer mulher pra fazer esse papel. Sinto-me dentro de um romance, desses de cinema, onde o mocinho vem com uma proposta indecorosa. Porém Daniel, não é nenhum mocinho.

Sempre sonhei desde que saí de casa, uma cidadezinha do interior de Minas Gerais, em trazer minha mãe para morar comigo. Já que ela já morou no Rio, e é apaixonada pela cidade. Eu tenho a oportunidade de ter isso agora... E por mais estranho que pareça, e eu possa me arrepender, respondo-o. Sei que meu prazo era até amanhã, mas melhor resolver isso de uma vez.

Seja o que Deus quiser!

Daniel

Dou um soco no ar, e mordo de leve minha mão, sem acreditar na resposta que ela me deu.

Algo formal?

Respondo rapidamente e aguardo ansioso por alguma outra mensagem dela. Porém, ela apenas manda um “ok”, deixando-me decepcionado. Porém, isso já é um começo.

Há quanto tempo eu não me sinto assim? Pareço um adolescente.

Deixo o celular de lado um pouco e vou até o banheiro. Retiro as roupas, de mais um dia cheio de trabalho, e entro debaixo da ducha fria. Fecho os olhos e a apenas consigo pensar em uma morena... Minha morena.

Por mais que esse acordo seja estranho e ela não o entenda, muito menos eu saiba o que estou fazendo é apenas um modo de estar próximo a ela, e tentar mudar sua impressão sobre mim, e ao mesmo tempo desvendá-la. Sei bem que por conta de minha fama, ela jamais aceitaria sair comigo e muito menos acreditaria ser um convite sério. Mas então, como Melissa uma vez me disse: “Não precisa ser sempre certinho, Dani, se arrisque”.

Então, aqui estou eu, arriscando-me.

Seja o que for que aconteça. Eu vou pagar pra ver.

Saio do banho e me seco, deixando apenas uma toalha enrolada em minha cintura.

Encaro-me no espelho e tento arrumar meu cabelo, mas no fim, fica como sempre, meio bagunçado. Eu não consigo não me perguntar se ela vai gostar dele assim ou de outro modo. Por mais que Sophie desperte um calor dentro de mim, ela parece fria em todo momento que me olha, ou nos poucos em que me analisa. Nenhum pouco como a maioria das mulheres se mostram a meu respeito.

Vou até meu closet e procuro uma roupa social, já que marquei nosso jantar em um grande restaurante. Acho que é um jeito de ver do que ela gosta se prefere algo mais simples ou não, ou até mesmo surpreende-la.

Escolho uma roupa não muito formal, uma calça preta e uma camisa azul clara com um blazer preto por cima. Deixo a gravata de lado, para que não ela não me veja como sempre. Só consigo imaginar o modo que ela estará e isso me faz suspirar. Preciso sobreviver a essa noite.

Olho as horas em meu celular e vejo que falta algum tempo ainda para ir vê-la. Passo meu perfume e continuo na briga com meu cabelo. Acho que nunca fiquei tão preocupado com minha aparência quanto agora. Pareço um completo idiota.

Ouçõ meu celular tocar e praticamente corro até onde ele está, mas logo vejo que não é Sophie e sim, minha mãe.

— Oi linda. — digo e ouço uma risada masculina no fundo. — Pai?

— Oi filho, peguei o celular de sua mãe emprestado, já que ela fez o favor de quebrar o meu. — explica e eu sorrio.

— Nem quero imaginar como ela fez isso.

— Então, antes que sua mãe saia do banho e venha te interrogar, diga pra mim. O que está acontecendo com você? — pergunta e eu fico sem entender.

— Você sumiu Daniel, sua mãe não para de perguntar o porquê de você não ligar ou vir nos visitar. Você morou anos fora, Dani. Mas nunca o vi tão afastado quanto agora.

— Eu... — começo a dizer e paro, só agora percebendo o quanto fiquei longe deles. Tudo porque não consegui pensar em nada além de Sophie nos últimos tempos. — Tem uma mulher, pai. — conto.

— Isso muda tudo. — ele diz e respira fundo. — Está apaixonado, filho? — pergunta e eu fico sem saber o que dizer.

— Eu não sei. — sou sincero. — Ela mexe comigo, fiz coisas que nunca imaginei por conta dela. Não sei explicar.

— A última vez que fiz coisas que nunca imaginei por uma mulher, acabei me casando e tendo dois filhos. — diz e sorri, fazendo-me sorrir também. — Espero que tudo dê certo, filho. Mas se precisar de alguma coisa, apenas nos ligue, ok?

— Pode deixar, pai. Desculpe pelo sumiço.

— Se for pra me dar netos, te desculpo. — diz brincalhão e logo nos despedimos.

Olho a hora novamente e vejo que está na hora de ir buscá-la. Confiro pela última vez meu visual e solto uma respiração profunda. Essa noite promete.

Espero ansioso, em frente ao prédio simples em que ela mora. Passo uma mão na outra tentando não parecer desesperado ou até mesmo demonstrar meu nervosismo.

Penso em meu passado, em como mesmo com outras mulheres, as quais levei pra sair diversas vezes, nunca me senti assim. Sempre fui confiante, mas hoje, nada parece me ajudar.

Sinto um cheiro agradável de baunilha e levanto meu rosto no mesmo instante, vendo-a caminhar até mim. Paro de respirar por um instante, embasbacado com sua visão.

Ela usa um vestido vermelho justo ao seu corpo, deixando todas as suas curvas bem delineadas. Seus cabelos estão lisos e presos em um rabo de cavalo, dando um ar sofisticado ao conjunto todo, fora os saltos pretos com solado vermelho que com certeza podem matar qualquer homem. Neste caso, eu estou morto.

— Oi. — ela diz, assim que chega próxima a mim, embriagando-me.

— Oi. — digo e a puxo de leve pela cintura.

Eu apenas quero seu corpo próximo ao meu.

— Está linda. — digo e ela em dá um sorriso sem dentes, e noto que parece um pouco perdida. — Tudo bem?

— Tentando me acostumar com isso. — diz em um sussurro. — Temos que atuar sempre? — pergunta, e sinto meu interior se remoer.

Isso é apenas uma atuação pra ela. Ela não se arrumou pra mim, ela simplesmente... Está fazendo o que o acordo pede.

— Sim, temos. — respondo rapidamente e a solto, abrindo a porta do carro no mesmo instante.

Ela entra em silêncio e eu faço o caminho até o outro lado, sentando-me no banco de motorista.

Penso em lhe contar a verdade e dizer que não precisa fazer isso. Que eu apenas quero uma chance e... Droga, eu não quero que ela trate isso como uma obrigação.

Isso é errado. Como pude ser tão idiota e agir desse modo?

— Sophie. — a chamo e ela me olha incerta.

— Algum problema? — pergunta.

— Não. — digo e engulo em seco. — Mas talvez você corra daqui quando eu te disser algo.

— Como assim?

— Você me disse que eu poderia ter a mulher que fosse pra isso, certo? — pergunto e ela assente, concordando. — Mas a questão é que... Se eu fui atrás da sua mãe, se eu insisti nisso com você é que... Eu não quero outra mulher, quero você. Quero te conhecer. — digo, olhando em seus olhos.

Ela pisca algumas vezes, parecendo incrédula com minha confissão.

— Eu não queria inventar algo mas... Foi o único jeito que consegui pensar de te trazer pra perto. Já que sempre está distante de

mim. Sei que sou um babaca às vezes com você, mas quero consertar isso. Peço desculpas por tudo, pela proposta, pelo meu jeito... Só me dê a chance de te conhecer.

— Você inventou tudo isso só pra poder me conhecer? — pergunta e eu assinto, já a imaginando sair do carro.

Como Melissa também sempre disse, eu sou péssimo em planos.

— Isso é estranho, ainda mais agora que minha mãe pensa que tenho um namorado e...

— Podemos fazer isso real. — digo de imediato. — Podemos nos conhecer e deixar acontecer.

Ela fica em silêncio e isso me mata por dentro.

Que merda eu fiz?

— Sua mãe vai vir morar com você, sei o quanto isso é importante pra ela, pelo pouco que conversamos. Eu posso te ajudar com isso, podemos apenas ser amigos e...

— Eu estou confusa, mas... Acho que podemos conversar melhor comendo. — diz e abre um simples sorriso, fazendo tudo dentro de mim se contorcer.

Essa mulher é uma incógnita.

Saio com o carro e dou mais uma olhada para ela, colocando o cinto de segurança. Por mais que isso seja uma confusão. Ela parece tão determinada, com um olhar decidido. Ela não está indo por conta de uma atuação, ela está indo porque quer.

Isso é um sentimento impagável. Sinto-me pela primeira vez no caminho certo com ela.



CAPÍTULO 4

Sophie

Meu coração bate forte e seguro com força minha pequena bolsa, tentando não demonstrar para Daniel meu estado. Olhando as ruas passarem pela janela, penso em tudo o que ele admitiu. Não consigo ainda acreditar nisso. Ele me odeia, não é?

Respiro fundo, e o silêncio dentro do carro é completamente constrangedor. Confesso que quando o vi encostado no carro, esperando-me, fiquei embasbacada com sua visão. Ele é um homem lindo, de tirar o

fôlego, mas nunca parei por muito tempo o admirando, até porque levaria algum xingamento por isso.

O que me faz estranhar ainda mais toda essa situação. Daniel ligou para minha mãe, mentiu sobre nós, sendo que “nós” nunca existiu e agora me diz a verdade. Que na realidade está interessado em mim... Olho para o teto do carro, procurando alguma câmera. Tem que ser alguma pegadinha.

Ele para no sinal do vermelho e eu me ajeito melhor no banco, tentando espantar tudo isso pra longe. Eu deveria ter descido do carro e voltado para o meu apartamento, ligado para minha mãe e contado a verdade, mas a vulnerabilidade e a sinceridade que Daniel demonstrou, não me permitiram sair. De certa forma, deu-me coragem para querer entender melhor tudo isso.

— Música? — ele pergunta, então finalmente tomo coragem para olhá-lo.

Seguro um suspiro, vendo seus cabelos loiros despontarem em sua testa. Apenas assinto para sua pergunta e ele aperta algo no som do carro. Em poucos segundos uma música pop começa a tocar no carro, e arregalo os olhos, sem acreditar que ele tem o mesmo gosto musical que eu.

— Que foi? — ele pergunta, dando de ombros. — Tenho uma irmã mais nova que adora esse tipo de música.

— Sua irmã está melhor? — pergunto, um pouco incerta. O sinal abre então ele volta sua atenção para a estrada.

— Parece que ouviu algo pelos corredores da empresa, não é? — pergunta, mas seu tom duro não está presente. Ele parece, por incrível que pareça, relaxado.

— Bom, sempre evito ao máximo escutar o que dizem, mas fica impossível quando as pessoas insistem em falar da vida alheia em alto e bom tom.

— Tudo começa com aquela loira que trabalha na recepção. — ele diz, como se soubesse de tudo. — Sim, eu fico atento aos meus funcionários, por isso, mesmo ela tendo mais tempo na empresa que você, escolhi você para ser minha assistente.

— Como assim?

— Bom, eu li o currículo de todas as pessoas aptas para serem assistentes, além de ter observado por um tempo cada um. Vi que dentre todas elas, você foi a única que não deu continuidade ou até mesmo falou algo sobre o assunto de minha irmã. — diz e fico estática. Nunca imaginei que ele fosse capaz disso.

— Mas como? Eu nunca o vi...

— Eu tenho um amigo que se fez passar como funcionário novo por um tempo, foi ele que me passou cada detalhe. — diz e pisca de leve.

— Eu nunca gostei de fofocas, são desnecessárias eu acho. Ainda mais porque nunca sabemos de fato o que aconteceu, só quem está envolvido. Então, apenas deixo de lado e me concentro em trabalhar. — digo e ele abre um leve sorriso.

Ele está sorrindo, isso sim é estranho.

— Mas respondendo sua pergunta, Melissa está melhor sim. Aliás, obrigado por perguntar. — diz e eu sorrio de volta, tentando controlar minhas emoções.

Como pode ser tão simples falar com ele?

— Chegamos. — diz e para o carro em frente a um restaurante fino, deixando-me boquiaberta. — Tudo bem? — pergunta, e fecho minha boca, abrindo um sorriso para disfarçar.

O que eu esperava, afinal? Ele é um homem rico, acostumado com lugares assim. Tive sorte de Lola me ajudar com as roupas e maquiagem, se não, ficaria completamente deslocada.

Ele desce do carro e entrega a chave a um rapaz parado na calçada. Assim que vou abrir a minha porta, ele o faz antes e me ajuda a

descer.

Um pouco desastrada, piso em falso, chocando nossos corpos. Levanto meu olhar, pedindo desculpas silenciosas, e ele apenas sorri, segurando-me pela cintura.

Andamos até a entrada e logo nos levam até nossa mesa. Não consigo evitar ver o quanto as mulheres presentes prestam atenção em cada passo dele. Será que é sempre assim?

— Não gostou do lugar? — ele pergunta, chamando minha atenção, e finalmente volto à realidade.

— Desculpe, só estava distraída. — digo e vou me sentar, porém ele me impede, puxando minha cadeira. — Ah, obrigada!

— Posso ser um cavalheiro, Sophie. — diz e pisca um olho, sentando-se a minha frente.

— Então... — encaro-o, vendo seus olhos cor de mel, parecerem ansiosos. — O que disse é verdade? Ou melhor, qual parte de tudo isso é verdade? — pergunto, e ele respira fundo, deixando o cardápio de lado.

Um garçom vem até nós e Daniel me encara em expectativa.

— Posso pedir pra você? — pergunta e eu assinto, já que nunca tive problema em experimentar algo novo.

Ele conversa com o garçom e pede algum vinho que não faça ideia do nome. Pelos pratos no cardápio, presumo que seja um restaurante italiano. Ele acertou em cheio! Por mais que não seja acostumada com toda essa estrutura fina, nunca negaria uma massa bem preparada.

— Então, respondendo sua pergunta. — diz e coloca os braços sobre a mesa. — Eu me senti atraído por você desde que a vi, aliás, desde que vi sua foto no arquivo que temos dos funcionários. Olha, eu sei que pode ser estranho, mas eu estava lidando com muitas coisas quando voltei para o Brasil, algumas delas, espero poder te contar com calma um dia, mas preciso que saiba que, eu não sabia lidar com o que estava sentindo. Além de que, você nunca me olhou, ou demonstrou algo, e essa “rejeição”... — ele diz e faz aspas no ar. — Fez com que eu só piorasse meu comportamento e bom, tratasse você mal. Mas aí, vi que não estava funcionando de modo algum tentar deixar você de lado e fingir que não me atingia. Então, resolvi ser um idiota e armar pelas suas costas, tentar assim chamar sua atenção e...

— Conseguiu. — digo, ainda tentando absorver sua confissão. — Por que mudou de ideia?

— Quando perguntou se precisávamos sempre atuar eu vi que não era desse modo que queria sua atenção, não como se fosse obrigada a

estar comigo. — diz e leva as mãos aos cabelos, deixando-os ainda mais bagunçados. — Eu agi feito um adolescente quando fui até sua mãe e falei com ela, sei disso agora. Isso é novo pra mim, Sophie. Agir sem pensar e tentar conquistar alguém. Eu... Só estava tentando acertar e vi que não tinha o feito.

— Ok. — digo, pensando sobre tudo. — Você ia usar esse acordo pra me conquistar?

— Sim, porque que pensei ser a única forma de te trazer pra perto. — diz, e parece completamente envergonhado.

Daniel Lourenzinni envergonhado, nunca pensei que veria isso.

— Parece que estou dentro de um filme ou até mesmo um livro. — sou sincera.

Nossos pedidos chegam e sorrio ao ver uma lasanha em meu prato, porque mesmo sem saber do que é feita, tenho certeza que não tem como ser ruim.

— Posso perguntar algo? — Daniel pergunta e começa a comer, olhando-me algumas vezes.

— Claro.

— Por que nunca me olhou? — pergunta e eu paro com o garfo no mesmo instante, encarando-o, sem entender sua pergunta. — Digo,

nunca flertou comigo ou simplesmente me olhou.

— Nunca foi boa com isso. — digo e sorrio. — Aliás, meu emprego vem em primeiro lugar e não queria perder essa oportunidade apenas por olhar para o meu chefe bonito.

Ele então é quem para de comer e me encara, abrindo um leve sorriso.

— O que foi? — pergunto sem entender.

— Você me acha bonito. — constata e eu dou de ombros.

— Tenho certeza que já ouviu elogios melhores. — digo, sentindo-me confortável e ele sorri abertamente.

— Você é diferente aqui, completamente diferente de como é na empresa. — diz e é minha vez de sorrir.

— Diz o senhor mal educado na empresa e completamente cavalheiro fora dela. — provoco.

— *Touché.*

Ele está certo quando diz que sou diferente, obviamente sou. Se tem algo que sempre presei é pelo meu trabalho, pois sei o quanto isso é importante tanto pra mim quanto para minha mãe, que batalhou por tudo. Por isso nunca discuti com ele ou até mesmo o encarei, por medo de dar um passo em falso e perder minha única fonte de renda.

Encaro-o com carinho, sentindo pela primeira vez algo diferente de raiva por esse homem. Ele realmente é uma caixinha de surpresas. Mesmo ainda não entendendo sua atração, vou deixar me levar por esse jantar. Pela primeira vez, arriscando-me com alguém.

Ouçõ um som de mensagem e pego meu celular rapidamente, notando assim que não é o meu. Encaro Daniel e ele digita algo, parecendo completamente perdido.

— Desculpe. — diz e eu assinto.

— Tudo bem? — pergunto, notando seu olhar perdido.

— O aniversário de minha sobrinha está chegando e bom, a festa pelo jeito será na casa do ex-marido de minha irmã. — diz e suspira fundo. — Eu só não sei como Melissa pode ser tão compreensiva.

Fico sem palavras, pois nunca ouvi muito sobre o que houve entre Levi e Melissa. Só fiquei sabendo do acidente por conta de que por isso consegui um novo cargo e Daniel me explicou no primeiro dia que meu outro chefe ficaria um tempo fora. Nunca fui íntima dele e muito menos de Levi, que já está de volta, então resolvo apenas ficar em silêncio.

— Não sabe sobre nada do que houve, não é? — ele pergunta e eu assinto envergonhada. — Bom, não é uma história muito bonita.

— Não precisa falar sobre isso, eu só não sabia o que dizer a respeito. — digo, e toco sua mão que está sobre a mesa.

Ele me encara, surpreso com minha atitude e eu sorrio, sem saber onde colocar minha cara. Estou agindo no automático, só pode ser isso.

— Obrigado. — diz e aperta minha mão, levando-a até seus lábios, beijando de leve.

Noto o contraste de nossas peles e me pergunto o porquê dele e Melissa serem tão diferentes.

— Você e Melissa são diferentes por completo. — digo, e ele sorri assentindo.

— Eu puxei completamente a minha mãe, digo, fisicamente, tirando a altura que é de meu pai e os olhos mel de minha avó. Melissa puxou a meu pai e o temperamento de nossa mãe, as duas são muito parecidas.

— Você puxou a quem em temperamento? — indago.

— Meu pai, com toda certeza. Somos muito diretos e honestos, além de sermos completamente bobos por nossas garotas. — diz e pisca, deixando-me sem jeito. — Melissa, Laura e minha mãe, além de minhas avós, deixam-nos loucos.

— Parecem ser uma família muito unida. — digo e ele assente sem jeito.

— Mesmo tendo passado um bom tempo fora do país, nunca deixei de falar com eles. São uma parte essencial de mim.

— Bom, eu só tenho minha mãe, mas sei como é isso.

— Ela realmente se mostrou uma mulher incrível comigo. — ele diz e gargalha.

O som de sua gargalhada me faz sorrir também, já que nunca o vi fazendo isso. Bom, não pra mim.

— Ela me interrogou por completo, pediu todos os tipos de informação e claro, perguntou quais eram minhas intenções. — diz e balança a cabeça de leve. — A melhor parte é que ela não me julgou em momento algum ou disse algo ruim por eu ser seu chefe.

— Minha mãe não é do tipo que julga alguém pelo seu *status*, além de que ela confia em mim. — digo e pisco pra ele. — Agora sobre suas intenções, aposto que são as melhores. — brinco e ele pega minha mão novamente, beijando-a.

— Claro que sim, senhorita Moraes. — brinca e eu sorrio, enquanto sua mão ainda permanece na minha. — Tem pressa de ir pra casa? — pergunta e eu nego.

— Bom, tenho que acordar cedo, meu chefe pode ser um pouco mal humorado. — não resisto em brincar novamente.

— É bom vê-la assim. — diz e pede a conta.

— Assim como? — pergunto.

— Solta comigo.

Tivemos uma breve discussão na hora de tentar pagar a conta, mas no fim, ele acabou sendo mais rápido e entregou seu cartão para o garçom.

Saímos do restaurante e olho rapidamente em meu celular, vendo que já passa das nove horas da noite.

— Espero que tenha gostado. — diz e vem ao meu lado, até o carro, abrindo a porta para mim.

— Foi perfeito, aliás, a comida estava maravilhosa. — respondo e me sento no banco.

Ele fecha minha porta e logo entra no carro também.

— Mas ainda quero te mostrar algo. — diz, e eu o encaro curiosa.
— Pode ser? — pergunta, e noto que ainda está um pouco incerto mediante a mim.

— Claro que sim.

Ele me olha, parecendo com certo alívio, e aperta algo em seu celular. Ele logo sai com o carro e uma música começa a tocar. Sorrio ao ouvir uma música sertaneja, pois pelo que ouvi por aí, ele está mais para um peão, mesmo que não se vista como um.

— Gosta? — pergunta e eu assinto, tentando me controlar para não cantar.

— Essa música me lembra de uma amiga. — digo e ele me encara com canto de olho.

— Por que?

— Bom, porque ela ama esse tipo de música, onde o cara se declara com um simples violão e voz.

— Entendo. — diz e sorri um pouco.

— O que?

— Você está cantando quase em um sussurro. — diz e fico sem saber onde me esconder. — Ei, não me importo se cantar, até canto com você se quiser.

— Essa eu pago pra ver. — o desafio e ele abre um sorriso convencido.

— Pode começar, senhorita Moraes.

“Moça, eu não sei falar

Coisas bonitas pra te conquistar

Eu tenho só uma viola, moça

Eu só sei cantar

Moça, eu não tenho dinheiro

Minha riqueza eu vou te contar

É um braço da viola, moça

Eu só sei cantar”

Paro de cantar e olho pra ele, e ele simplesmente começa a cantar,
deixando-me sem fala.

“Moça, se você parar um pouco

Pra me ouvir

Em alguns minutos vai me descobrir

Enxergar o fundo do meu coração

Moça eu já sei que o papo agora

É só ficar

Mas eu to querendo mesmo é me casar

Se me achar careta

Te peço perdão

Mas eu quero falar com seus pais

Pedir a sua mão...”

Fico assustada com sua voz linda, mas não consigo me conter, soltando a voz no refrão.

“E se você aceitar o amor de um violeiro

O seu coração vai ser meu paradeiro

Eu e a viola e uma eterna canção

Moça, eu não tenho pressa pra te conquistar

O braço da viola vai me consolar

Até você abrir de vez seu coração”[\[1\]](#)

Outra música sertaneja começa e vejo-o sorrir de leve. Ele coloca a mão direita sobre a minha, apertando de leve. Acho que é um gesto que ele realmente gosta.

Mal sabia eu que essa noite seria assim, e ainda nem acabou.

CAPÍTULO 5

Daniel

Assim que descemos do carro, Sophie me lança um olhar curioso. Como se quisesse entender rapidamente o que está acontecendo. Bom, eu também.

Quero entender como de repente todo meu plano mudou e resolvi apenas ser sincero. Quero entender o porquê de me sentir como um adolescente e ter trazido ela pra cá, justo aqui.

— Algum problema? — ela pergunta, passando as mãos levemente pelos cabelos.

Encaro-a, e solto uma respiração profunda. Ela, nesse exato lugar, parece ainda mais... Perfeita.

— Onde estamos?

Sorrio pra ela e seguro de leve em sua cintura, guiando-a até onde tem o imenso lago que sempre gosto de nadar, onde venho esfriar minha cabeça.

Longe do centro da cidade, da bagunça e caos que tive que me acostumar por conta de meu trabalho. Tudo aqui é calmo, assim como as estrelas que refletem na água, a lua imponente e clara no céu. O verde em volta de tudo, deixando a natureza mostrar toda sua beleza.

— Meu Deus, é magnífico.

Noto por sua voz o quanto está encantada com o lugar. Ela analisa tudo e a passos incertos me acompanha até o píer que fica sobre a água, o qual sempre passo alguma tarde sentado, tocando algo em meu velho violão.

— Gostou daqui? — pergunto, assim que paramos a beira, e há apenas água a nossa frente.

— É lindo demais, me lembra de casa. — diz e suspira fundo, encarando-me. — Obrigada por me trazer aqui.

Não sei o que dizer a ela, se nem eu mesmo sei por que estamos aqui. O porquê de tê-la trazido justo ao meu lugar favorito do mundo, a fazenda que comprei há muitos anos.

Mas de certa forma eu não queria que nossa noite acabasse em um restaurante, mesmo o jantar tendo sido maravilhoso. Quero estar com ela, tentar a sorte de fazê-la me olhar como homem... Como seu.

Seus olhos continuam a me analisar e a puxo mais pra perto, sentindo a irregularidade de sua respiração, do mesmo modo que estou. Passo minha mão de leve por suas costas e seguro um rosnado, ao sentir sua pele nua. Um turbilhão de sensações se apodera de mim, e a única coisa que consigo pensar é em seus lábios. Como se eles me implorassem para serem beijados.

E eu o faço.

Desço minha boca para sua e aos poucos a sinto se entregar. Não é como o beijo em meu escritório, não algo de surpresa, nós dois o queremos. Parece-me tão intenso e poderoso, que apenas consigo trazer seu corpo pra ainda mais perto do meu, sentindo sua pele se arrepiar sob meu toque.

Minha- *grito internamente.*

Sem conseguir me conter, levanto-a em meu colo, deixando com que tenha total controle do beijo. Seus dedos se aprofundam em meu cabelo, puxando-me para ela, enquanto tudo que consigo pensar é que nunca me senti assim. Tão vivo, tão completo.

Aos poucos nossos lábios se separam, mas não a tiro de meu colo, analisando sua bela face enquanto ela ainda abraça meu pescoço.

Por um segundo, antes dela abrir seus olhos e me encarar, sinto um medo profundo em meu interior, medo de ver arrependimento em sua face. Porém, assim que ela me encara e abre um leve sorriso tímido, apenas consigo sorrir também. De alguma forma estamos conectados, e quero manter assim... Mantê-la como minha, em meus braços.

Sophie

Sem saber o que dizer, apenas encaro a face do homem, que nem em mil anos, imaginei estar nos braços, literalmente. Seus olhos tem um brilho incomum, além de seus cabelos que estão revoltos por minha causa... Pela forma desesperada que me agarrei a eles.

Por quê? Não faço ideia.

Daniel Lourenzinni não se parece, nessa noite, em nada com o que formei em minha mente de acordo com suas atitudes na empresa. Ele parece ser muito mais do que um homem bem sucedido, muito além, e de alguma forma, quero saber mais.

— Eu poderia jogá-la dentro desse lago. — diz de repente e eu arregalo os olhos.

— Não ousaria. — digo, mas já pensando em como sair de seus braços.

— Oh sim, eu ousaria. — sorri lindamente. — Porém, pode ser diferente caso aceite passar essa noite comigo.

O que?

— Me solte. — peço no mesmo instante e ele me encara parecendo perdido.

— Mas eu...

— Agora eu entendi o porquê de estar fazendo tudo isso. — digo com raiva sentindo meu coração se apertar.

Ele me solta com cuidado e apenas me afasto.

— Se me queria na sua cama não precisava fingir nada, era só dizer, poupava seu tempo e dinheiro, já que...

— Acha mesmo que eu estou fingindo algo essa noite? — pergunta, aparentemente furioso. — Sendo que comecei a noite lhe contando toda a verdade. Como pode pensar isso?

— Bom, levando ao fato de que quer que eu passe a noite com você, não seria de duvidar que tudo não passou de uma mentira.

Ele respira fundo e se aproxima ainda mais de mim.

— Sim, eu queria mesmo que passasse a noite comigo, mas não para levá-la pra cama. — meu queixo cai. — Óbvio que a quero pra mim, a desejo como um louco, mas não é isso que quero fazer, ou ao menos não nessa noite. Eu só quero mantê-la por mais tempo ao meu lado, te conhecer, talvez nadar no lago... — ele leva as mãos aos cabelos e se afasta. — Droga, eu não sei! Estou agindo como um maldito adolescente sem controle, porque você me causa isso. Eu só sei que te trouxe para o meu lugar favorito do mundo porque queria que me conhecesse, por algum motivo a mais que ainda desconheço. Eu nunca quis apenas sexo com você, Sophie. Eu sou um homem com muitos erros, mas eu sei ver claramente quando avançar ou não, e eu nunca...

Suas palavras me atingem em cheio, e seu olhar raivoso e ao mesmo tempo perdido, me deixa completamente sem chão.

Eu só queria mantê-la por mais tempo ao meu lado.

Estou agindo como um maldito adolescente sem controle, porque você me causa isso.

Eu nunca quis apenas sexo com você, Sophie.

Ele continua a falar e fico apenas o observando, vendo que acabei considerando um tipo de homem que não é. Ele é sincero, até demais.

— Eu sei que tem motivos para me repudiar, mas...

— Ei. — digo alto, porém ele não me dá atenção, e continua a falar. — Eu não te repudio. — grito e ele finalmente se cala, encarando-me.

— Mas...

Aproximo-me dele e toco de leve em seu peito, encaro-o e noto o vinco em sua testa se desfazer.

Toco sua nuca com cuidado e sem pensar muito, puxo-o para mim, beijando-o com delicadeza. Ele logo me puxa contra seu corpo com leveza, e sinto novamente meu corpo formigar, sem saber ao certo como ele exerce tanto poder sobre mim.

Logo ele separa nossos lábios e me encara em expectativa, com uma pergunta implícita em seu olhar.

— Eu fico.

— Não quero que se sinta pressionada ou algo assim.

— Eu quero. — digo e lhe dou um leve selinho.

Ele abre um sorriso no canto da boca e entrelaça nossos dedos, levando-me em direção contrária do lago. Em poucos passos chegamos até onde o carro está parado e logo avisto novamente a linda casa de cor branca aqui construída.

— É minha fazenda. — diz e sorrio, pois já havia desconfiado disso. — Vem, entra.

Ele abre a porta e acende as luzes. Logo uma ampla sala me recebe, em cores claras, mas muito bonitas. Há uma escada grande que leva a outro andar. Um sofá grande cinza se contrasta com um tapete de pelos pretos, onde há uma mesa de centro de madeira assim como um painel pendurado na parede, com uma televisão enorme acoplada a ele.

Daniel me leva para conhecer o restante da casa e fico perplexa com toda beleza. As cores e os móveis estão em perfeita sintonia, assim como tudo ao redor.

— Quantos quartos tem aqui? — pergunto ao entrarmos no corredor do primeiro andar.

— Oito. — diz dando de ombros. — Tem lugar para meus amigos e familiares, e ainda mais para o dia que tiver filhos.

— Pelo jeito muitos filhos. — brinco e ele sorri.

— Não sei ao certo.

Andamos mais um pouco e ele me mostra a decoração dos quartos. Assim que abre a porta do último do corredor, arregalo os olhos ao ver o tamanho do quarto. Não que os outros sejam pequenos, pelo contrário, mas esse aqui é enorme.

— Meu quarto. — diz e eu apenas olho por fora, embasbacada com a beleza.

— Quem decorou? — pergunto, assim que ele entra e logo some por uma porta que acredito ser um closet.

— Minha irmã. — diz, voltando com algo em mãos. — Comprei algumas roupas para ela, caso precisasse ou quisesse vir pra cá. Eu espero que te sirva.

O olho desconfiada e pego as roupas, vendo que ainda tem etiquetas. Há um vestido branco curto, completamente lindo, mas o que me chama atenção é a peça debaixo dele, um maiô preto com predarias.

— Preparada para nossa noite, senhorita Moraes?

Fico muda com sua pergunta e ele sorri cafajeste.

Estou perdida.



CAPÍTULO 6

Sophie

Separo os papéis em pilhas, então finalmente me sento na cadeira, para começar a trabalhar. Encaro a tela de meu computador primeiro, e então encaminho todos os e-mails necessários, anotando na agenda os compromissos do próximo dia.

Apenas mais um dia em minha vida.

Mas a quem eu quero enganar? Eu apenas consigo suspirar desde que acordei essa manhã. Desde que desci as escadas da grande casa na

fazenda e encontrei Daniel usando apenas uma calça de moletom, expondo-se quase que por completo pra mim.

Desde antes disso, quando ele praticamente me obrigou a entrar com ele no lago, e senti que a qualquer momento poderia morrer de hipotermia, porém, seu corpo quente estava lá, ao redor do meu, protegendo-me. Suas palavras doces e seu sorriso cafajeste.

Suspiro alto, pois sei que estou muito perdida.

— *Preciso sair, Daniel. — digo, com os dentes já batendo. — Por favor.*

Ele me encara com ternura e me puxa para seus braços, abraçando-me com força. Sinto cada parte do meu corpo corresponder ao dele, assim como é, desde que tem me tocado constantemente. Como isso aconteceu? Eu o odiava há horas atrás, e agora... Eu gosto de estar com ele.

— *Vamos sair daqui, morena.*

Sequer consigo sorrir pelo apelido carinhoso, por conta frio que ainda sinto. Subo junto a ele, a escada do píer, de onde ele praticamente nos jogou há pouco tempo atrás.

Ele pega uma toalha que deixou depositada ali e seca meus cabelos, tento impedi-lo, porém seu olhar diz o que quer, então permito

que continue a cuidar de mim. Ele então coloca um dos roupões em torno de mim, e sinto-me mais aquecida no mesmo instante. Ele faz o mesmo e então passa as mãos em volta de meu pescoço.

Suspiro fundo, sem saber como detalhar o que estou sentindo. Há um misto de curiosidade, desejo, vontade... É como se estivesse caindo em um precipício e sei que no fim, há apenas alguém para me segurar embaixo.

— O que tanto pensa? — ele pergunta, enquanto andamos até a casa.

— Não sei. — digo e dou de ombros, sem saber muito que dizer.

Ele faz uma leve careta e sorrio de sua expressão. Deus, ele ficou ainda mais lindo.

— Me fala sobre você. — peço e ele aquiesce.

— Como assim?

— Bom... — penso sobre algo que já sei sobre ele, algo superficial. — Por que se mudou para o Canadá?

Sinto seu corpo tenso no mesmo instante e o encaro, sem entender nada.

— Eu só precisava esquecer algumas coisas, coisas que me feriram na época. — diz sucinto e eu apenas assinto, entendendo

claramente que não a hora de falar sobre isso.

— Entendo. — digo, e enrosco-me em sua cintura.

Ele me encara, agora ainda mais próximo e mesmo para abrir a porta, não faz questão de me soltar.

— O que foi? — pergunto, ao ver um leve sorriso no canto de seus lábios.

— Gosto quando demonstra algo por mim. — diz sincero e eu sorrio ainda mais.

— Gosto que seja sincero, moço.

— Moço? — indaga e eu apenas dou de ombros. — Coisa de interior?

— Ei, olha quem fala. — digo me afastando e indico a casa ao redor. — Você também parece amar o interior.

— Nesse instante, agradeço aos céus pelo interior de onde você veio existir.

Assusto-me com suas palavras, e ao mesmo tempo sinto-me completamente bem. Ele vem até mim, e segura de leve minha mão, puxando-me pela cintura e mantendo nossos corpos juntos.

— Eu gosto mesmo da sua sinceridade. — digo e ele sorri amplamente.

Lindo.

— *O que disse? — pergunta e arregalo os olhos no mesmo instante.*

— *Droga! Eu pensei alto?*

— *Parece que sim, morena. Bom, você me acha lindo. — diz convencido e eu bato em seu ombro.*

De onde veio nossa intimidade? Eu realmente não faço ideia. Mas apenas estamos aqui, agindo como se sempre tivesse sido assim.

— *Não se ache tanto, moço bonito. — provoco e ele me puxa ainda mais.*

— *Você não faz bem para o ego de um homem. — diz e eu apenas reviro os olhos. — Mas isso não me importa.*

— *Como assim?*

— *Meu ego não importa, o que importa agora é... — diz e toca de leve em meus lábios, fazendo-me estremecer. — O quanto eu poderei beijá-la essa noite.*

— *Eu espero sinceramente que a causa desses suspiros tenham apenas o meu nome. — escuto sua voz bem próxima do meu ouvido e dou um salto na cadeira, pelo susto que me deu.*

— *Jesus!*

— Olá, morena. — diz, e faz-me levantar da cadeira, puxando-me rapidamente pra ele.

— Daniel, nós não...

— Eu só quero te ter perto de mim um pouco. — diz e faz um biquinho. *Como um homem de quase um 1,90 pode fazer um biquinho fofo?*

— Estamos no trabalho. — constato o óbvio.

— Estamos apenas nós e Levi neste andar, sabe que...

— Mesmo assim. — digo e me separo dele, porém ele continua segurando minha mão.

— Está quase na hora do almoço.

— E? — pergunto sem entender.

— Nenhuma companhia para esse almoço, senhorita Moraes? — provoca e eu dou de ombros.

— Acho que vou ficar por aqui mesmo. — retruco e ele sorri ameaçadoramente.

— Você não facilita nada, morena.

— Eu? Não fiz nada. — digo e ele dá de ombros, completamente relaxado.

É estranho estar tão perto dele e sentir-me tão bem. Por alguns minutos durante a noite, eu apenas o observei dormir, já que nada mais aconteceu entre nós. Não que eu não o deseje, isso ficou claro pra mim ontem, mas eu ainda sei que não é a hora. E por mais que devesse sentir alguma insegurança próxima a ele, um cara lindo, rico e com o histórico cafajeste, eu simplesmente confio. De uma forma que pensei que nunca faria com ninguém.

— Que tal hambúrguer no almoço? — pergunto, tomando um pouco de coragem.

— Parece Laura pedindo isso. — diz e bufa.

— Como assim?

— Minha sobrinha é simplesmente uma *traga*, ela devora tudo que envolve fritura e ainda mais se tiver algo com muita glicose no meio.

Gargalho de sua comparação e ele sorri também. É nítido o quanto ele se importa e ama a família.

— Então, senhor Lourenzinni, almoço? — pergunto e ele faz um sinal com dedo, entrando em sua sala novamente.

Ele de repente volta, sem o paletó e com a carteira em mãos.

— Almoço, morena.

— Você não vai usar mesmo o carro e o cartão que te dei, não é?
— pergunta, mordendo um bom pedaço do seu lanche e eu afirmo com a cabeça.

— Nem pensar. — digo, comendo algumas batatas fritas.

— Mas, Sophie...

— Eu agradeço pelo que tem tentado fazer por mim, por minha mãe... Mas isso é demais, Daniel. Você é meu chefe, o cara que eu estou conhecendo e... Não quero misturar as coisas, caso isso não vá pra frente.

— O que? — ele pergunta de repente, tomando um gole de seu refrigerante, e noto sua expressão incrédula. — Entendo.

— Como assim? Estou perdida no que está falando.

— Eu só pensei que... — para de falar de repente. — Esquece.

— Daniel...

— Eu sou um homem impulsivo, Sophie. Eu não sou do tipo que diz uma coisa e faz outra, e eu não gosto de ouvir você dizer que sou “o

cara que está conhecendo”, mesmo sabendo que isso é a verdade. Apenas esqueça as besteiras que eu digo em algum momento. — diz e força um sorriso sem dentes.

— Ei. — digo, e toco sua mão depositada na mesa. — Não disse nenhuma besteira e fico feliz que me entenda.

Ele assente e continua a me encarar.

— Mas sua mãe virá para o Rio, não é?

— Ainda não nos falamos, pela mensagem que ela me mandou, um amigo do meu tio está doente, e ela resolveu ir ajuda-lo. — conto. — Eu ainda não acredito que falou com ela.

— Bom, digamos que às vezes, sou impulsivo demais. — diz e eu gargalho.

— Pelo jeito você sempre é.

— Aliás. — diz, terminando seu lanche e tomando mais um gole de refrigerante. — Tenho um convite pra te fazer.

— Convite?

— Bom, o aniversário de minha sobrinha está chegando, e minha irmã e... — ele limpa a garganta, parecendo incomodado. — Levi estão organizando uma festa surpresa. Gostaria que fosse comigo.

Arregalo os olhos, encarando-o incrédula.

— Mas a sua família vai estar lá e eu não conheço ninguém. —
digo o óbvio e ele sorri levemente, tocando minha mão.

— Eles vão adorar você, aliás, a primeira garota que eles vão
conhecer. — diz e eu estaco.

— Primeira? — pergunto incrédula.

— Sim, morena. — diz e pisca pra mim. — Olha, eu sei que tudo
entre nós está acontecendo rápido, que eu praticamente a sequestrei
ontem pelo resto da noite e uma boa parte da manhã também, antes de
chegarmos a empresa. Mas eu quero que seja minha, Sophie. Eu vou
fazer o pedido no momento certo, eu prometo.

Ele saiu de algum dos romances que leio desde os 15 anos?

— Sophie?

— Eu apenas estou processando tudo isso. — digo, ainda sem
conseguir acreditar.

Quero que seja minha.

— Antes de ontem nós simplesmente não nos falávamos e...
Agora, eu...

Encaro seu rosto e vejo uma linha de tristeza o abater, ao mesmo
tempo em que ele parece forçar um pouco para me encarar. Há algo
instigante em Daniel, algo que eu quero descobrir, de alguma forma. Se

eu quero ser dele? Eu sei que de certa forma sim, e agradeço a ele por não rotular o que “temos”.

— Eu vou com você, moço bonito.

É a vez de ele parecer incrédulo, olhando-me por alguns instantes e depois sua expressão se suaviza.

— Então, eu realmente vou levar uma garota para os meus pais conhecerem. — diz, e fico um pouco desconfortável.

— É a primeira vez que faço isso também. — digo sem jeito.

— Fico feliz em saber disso, morena.

— É, por que? — provoco.

— Porque apenas mostra que estamos no caminho certo, e que de certa forma, somos um do outro.

Me seguro para não beijá-lo nesse instante. Apenas o encaro, sem palavras, tentando nos entender, mas não consigo. Vou me deixar levar, pelo que vier, pois sei de algum jeito que, estando com Daniel, sinto-me finalmente completa.



CAPÍTULO 7

Sophie

— Mãe, eu juro, está tudo bem. — afirmo pela décima vez ao telefone. — Daniel não vai ficar chateado.

— É que ele estava tão animado quando veio aqui e pelas mensagens...

— Mamãe, seu amigo precisa de você. Vai poder conhecer Daniel em outra ocasião.

— Ok, querida. Mas me diga, por que tive que saber sobre seu namoro por um desconhecido do que por você mesma? — fico sem fala no mesmo instante. — Sei que ele queria fazer uma surpresa pra você me levando aí, mas...

— Mamãe, Daniel é assim, impulsivo. — digo, sem querer dar muitos detalhes.

Preciso falar com Daniel a respeito disso. Não faço ideia ainda de quanto longe a conversa dele com minha mãe foi, e muito menos de como ele conseguiu tão rápido ganhar o carinho dela.

Escuto o som da campainha, e levanto da cama, ainda ouvindo mamãe falar sobre o quanto queria vir. Ela simplesmente odeia desmarcar algo combinado, e pelo jeito, ligará no mínimo umas duas vezes por dia para pedir desculpas.

— Mãe. — chamo sua atenção. — Tem alguém na porta. Posso te ligar mais tarde?

— Claro que sim, princesa. Fique bem, e por favor, peça desculpas.

— Ok, mãezinha. — digo contrariada. — Te amo.

— Te amo, e juízo.

Desfaço a ligação e dou uma espiada pelo olho mágico. Assustome ao ver minha melhor amiga, ou melhor, uma nova versão dela do outro lado da minha porta.

Abro a porta rapidamente, e minha boca cai, literalmente.

— Meu Deus! — exclamo incrédula.

— Não sabe como imaginei sua cara dezenas de vezes, e olha, está do jeitinho que pensei. — diz e gargalha.

Ela me dá um abraço e fecho a porta, ainda anestesiada pelo modo como ela está. Lola sempre foi linda, mas nesse instante está simplesmente magnífica.

— Então... — digo, tentando entender sua mudança radical.

Paloma Gerard, ou simplesmente Lola para os amigos, nunca foi muito adepta a mudanças. Desde que a conheço, mas exatamente na época da faculdade, onde ela fazia administração, ela nunca sequer entrou num cabelereiro para tirar um mísero dedo de comprimento do cabelo. E agora, me aparece de repente, com os cabelos que batiam em sua cintura, em um corte chanel.

— Resolvi mudar. — diz simplesmente. — Olhei para mim e vi que não estava mais satisfeita com o que via. Aí quando Pedro disse mais cedo que amava meus cabelos...

— Lola! — exclamo incrédula.

— O que foi? — diz, jogando-se para trás em meu sofá.

Vou até ela, sentando-me no tapete da sala.

— Por que ainda finge que não se lembra da noite que passaram juntos? — pergunto.

— Pelo mesmo motivo que ele chamou o nome de Melissa em seus sonhos. — diz e revira os olhos. — Porque o homem que me tirou da lama, e pelo qual sou apaixonada, simplesmente ama outra mulher.

— Mas Lola, vocês nem conversaram sobre a noite...

— Ele pensa que não faço ideia, e fujo dele há dois meses, então...

— Uma hora ele vai falar com você, sei disso. — digo, já sabendo pelo que ela conta, como ele deve ser.

— Ele que tente. — ela então toca os cabelos curtos. — Já tirei dele o gosto de achar algo, em sua segunda opção, bonito.

— Você está ainda mais linda. — digo e ela bufa. — Não seja petulante.

— Ei. — exclama e se senta direito. — Petulante é a senhorita que sumiu a noite toda e não respondeu nenhuma das minhas mensagens, ligações e...

Ela continua a falar e minha cabeça de repente se perde, e os olhos mel de Daniel invadem minha visão.

Lindo.

— Eu ouvi um suspiro? — pergunta e bate a almofada com força no sofá. — Ah meu Deus, me diz!

— Te dizer o que? — pergunto sem entender.

— Quem é ele?

— Ele quem? — faço-me de desentendida.

— Qual é, Sophie? De todos esses anos de amizade nunca te vi demonstrar nada por nenhum homem, a não ser o seu chefe rabugento, mas ainda sim é raiva e...

Sorrio automaticamente, ao me lembrar de toda raiva que passei com ele. Como tudo pode mudar de repente?

— Não! — diz e toca o próprio rosto. — O lindo do seu chefe, que é irmão da mulher que o homem que eu amo ama?

— Meu Deus, Lola! — gargalho de sua frase, e ela dá de ombros, sorrindo.

— O mundo é mesmo pequeno. — diz e pisca. — Agora me conte, como o ódio se tornou amor de repente?

Sorrio sozinha e então começo a contar sobre tudo, vendo as várias caretas e a boca aberta de Lola se transformar a cada segundo. Ela suspira, delira, grita e me xinga, tudo ao mesmo tempo. Mas depois de tudo que houve, nada melhor do que ter uma amiga para colocar tudo pra fora.

Daniel

Tomo mais um gole de minha cerveja e bufo por Gustavo ainda encarar o maldito celular. Ele sempre foi viciado em trabalho, mas pelas suas expressões, sua obsessão com o aparelho não tem nada a ver com isso.

Gustavo Di Lucca e eu somos amigos desde a faculdade, na realidade éramos quatro. Eu, Levi, Gustavo e Caleb. Depois de algum tempo, antes mesmo da graduação de cada um, Caleb acabou se afastando de nós por alguns motivos de família, mas mesmo assim, temos certo contato. Eu e Levi sempre fomos mais chegados, ainda mais por Gustavo ser um cara fechado e Caleb estando longe. Mas hoje, não há como olhar para cara de Levi, sem que toda mágoa que sinto venha à tona, a dor que ele causou em minha irmã, é muito maior que o elo que

eu e ele tínhamos. Já Gustavo e eu nos aproximamos novamente recentemente, e por algum motivo, ele me chamou pra beber hoje, e até agora não abriu a boca e disse o porquê.

— Agora, chega! — digo e tiro o celular de sua mão, colocando-o em cima da mesa.

— O que foi? — pergunta e me olha impassível, como sempre.

— Me chamou pra beber e até agora não tomou um gole da sua cerveja. — digo e ele dá de ombros. — Vamos lá, Guto! Desembucha!

— Não tenho nada pra falar. — diz e pega o copo de cerveja e vira uma boa quantidade.

— Então se eu pegar seu celular e...

Assim que faço o movimento de levantar o celular, ele quase derruba a mesa para pegá-lo.

— Eu sabia! — digo e gargalho de sua cara, dando-lhe o celular.
— É mulher, não é?

Ele bufa e lê algo no celular, finalmente saindo de seu modo frio, demonstrando algo que há muito não tempo via nele – raiva. Gustavo não é o tipo de pessoa que sai do sério ou demonstra algum sentimento por qualquer coisa.

— A empregada de Levi. — diz e passa as mãos pelos cabelos.
— Ou ex empregada, eu não sei ao certo como as coisas estão.

— Marta? — indago, completamente incrédulo. — Você transou com Marta?

— Não, porra! — diz nervoso. — A gente se beijou... Isso foi há alguns meses e...

— Você a quer na sua cama. — constato o óbvio e ele faz uma careta, mas ao mesmo tempo assente. — Qual o maldito problema, então? O famoso Gustavo Di Lucca tem alguma regra que impede de ir pra cama com ela? — zombo.

— O problema é que ela simplesmente me ignora. — diz e seu sorriso morre. — Eu falaria com Caleb se ele tivesse algum tipo de sucesso no casamento, o qual sabemos que não passa de fachada. Levi muito menos chegaria perto, já que ele é o pior exemplo de nós quatro. — não consigo evitar uma careta. — Aí me sobrou o *cowboy* da universidade, que enlaçou os corações de várias pessoas.

Ele faz um sinal com o copo de cerveja na mão e é minha vez de bufar. Eu odeio ser chamado de *cowboy*!

— Bom, como que isso entre vocês começou? — pergunto e ele sorri em deboche.

— Desde quando nos tornamos paus mandados? — diz, bebendo mais um gole de sua cerveja.

— Desde o momento em que me chamou pra tomar cerveja pra falar sobre Marta.

— Ok, vamos lá!

Gustavo começa a contar e sorrio várias vezes de todas às vezes em que Marta o negou. Eu a conheço pouco, mas pelo que minha irmã diz, ela é dura na queda. E só uma mulher dessas para cativar um homem frio e distante como Gustavo. Queria poder já dizer a verdade para ele, que é tão clara só pelo fato dele ter me chamado para falar de uma mulher.

Eu sei bem como ele se sente a respeito de Marta, pois eu me sinto do mesmo modo a respeito de Sophie. Nesse momento, agradeço pela minha morena não ser tão cabeça dura, e por ter me apaixonado justamente por ela.



CAPÍTULO 8

Daniel

Escuto o toque do meu celular e me viro na cama, mas quando penso que vou deitar sobre algo macio, sinto meu corpo cair e bato de cara no chão.

Que merda foi essa?

Levo às mãos a cabeça no mesmo instante, sentindo a dor absurda, mas não pelo impacto, algo como... Ressaca.

Abro os olhos aos poucos e olho ao redor, notando que não estou sequer em minha casa. Levanto meio sem jeito e encaro o quarto vazio. Balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando voltar para a realidade, e vou até o espelho de frente pra cama.

Encaro meu reflexo e minha cara está péssima como já imaginava. Escuto novamente meu celular tocando e meio sem jeito, sigo o som. Chego à sala do apartamento, e encontro Gustavo caído no tapete da sala.

Como nós dois viemos parar em seu apartamento? Não faço ideia.

Finalmente encontro meu celular, jogado em cima da mesa da sala de estar. Atendo prontamente e vou até Gustavo, tentando acordá-lo.

— Alô. — digo e empurro novamente Gustavo, o qual apenas se vira no sofá.

— Senhor Lourenzinni. — estranho ao ouvir a voz de minha morena me chamando assim. Será que algo aconteceu? — O senhor Tavares está te esperando para a reunião das 9h.

— Sophie. — respiro fundo, já sabendo o porquê dela estar assim. — Ele está a sua frente, não é?

— Sim, senhor.

Bingo!

Tiro o celular da orelha rapidamente e olho as horas – 09h11min.

Droga!

— Diga a ele que tive um imprevisto e que em alguns minutos eu chego aí. — peço e ela responde apenas um simples “Sim, senhor”. — E morena, estou sentindo sua falta.

Desfaço a ligação no mesmo instante, sem esperar por sua resposta, pois sei que ela não dirá nada demais. Ainda mais com um cliente importante a sua frente.

— Ei! — grito e Gustavo finalmente abre os olhos. — Preciso de um terno seu e sapatos.

Ele fica em silêncio e se vira novamente.

Desisto dele e simplesmente vou para o seu quarto. Procuro o closet, e dentro dele logo encontro vários ternos. Felizmente, não temos tamanhos muito diferentes.

Tomo um banho rápido, apenas para melhorar minha cara e logo me visto, e não sei por que encontro sapatos de tamanhos diferentes no closet dele, mas ao menos algum me serve.

Saio do quarto e encontro Gustavo ainda desmaiado no sofá. Reviro os olhos da cena ridícula e pego o celular novamente, já tirando

uma foto. Estava a ponto de enviar a foto para Levi... Assim paro no mesmo instante. Isso não existe mais.

O modo como éramos parceiros, mesmo estando há anos longe do Brasil. Sempre compartilhamos tudo, a respeito de tudo. Os momentos engraçados que passamos, nem que fosse por fotos em mensagens. Triste é me lembrar das fotos de Laura, das fotos de Melissa... Por que ele fez aquilo com ela? Eu sempre pensei que ele a amasse.

— *Você engravidou minha irmã, porra! Ela tem dezesseis anos, Levi!* — grito e o empurro com força, fazendo com que ele bata na parede.

— *Eu... Eu vou me casar com ela.* — diz, após alguns segundos em silêncio. — *Eu vou cuidar dela e do bebê, eu prometo, Daniel.*

— *É bom que o faça, se não eu mesmo te mato!*

Toco de leve em minha testa e resolvo ignorar isso. Preciso mesmo é chegar ao meu trabalho, isso que importa agora. Além do fato de minha irmã está melhor, não posso perder meu tempo pensando em Levi.

Saio do apartamento de Gustavo, e logo estou na rua, que felizmente fica a uma quadra da empresa. Resolvo ir andando, e a passos apressados tento chegar rápido. Por conta disso, assim que vacilo um

passo, acabo esbarrando em alguém e faço com que uma pasta caia no chão.

— Me desculpe. — digo e começo a pegar alguns papéis que caíram no chão.

Assim que levando meu olhar, uma mulher loira me encara como se me avaliasse, mas não de modo desejoso. Entrego a pasta, e ela simplesmente sorri de um modo diferente, que me deixa intrigado.

— Desculpe? — pergunto, sem entender o porquê dela me olhar tão atentamente.

— Me desculpe, é que te conheço, mas você não me conhece. — diz e dá de ombros.

— De onde? — pergunto intrigado.

— Bom, sou Lola. — ela me estende sua mão e eu aceito, apertando de leve. — Melhor amiga da...

— Paloma! — encaro o homem que grita a alguns passos de nós e logo ele enlaça a cintura da tal “Lola” que parece tensa de repente. — O que faz com... — ele então levanta seu olhar e me encara. — Lourenzinni? — indaga.

Encaro-o por alguns instantes, tentando descobrir quem é, e aos poucos minha memória interliga os traços dele aos de Caleb. Pedro

Soares, claro!

— Pedro, quanto tempo não? — pergunto e o cumprimento.

Engraçado é que ele apenas estende a mão, mantendo “Lola” presa em seu outro braço.

Meu celular toca e nesse momento tenho um estalo, preciso realmente ir.

— Desculpem, estou atrasado. — digo e Lola abre um sorriso.

— Cuide dela. — diz e a encaro sem entender. — Vá logo, homem!

Sem entender mais nada, apenas saio de perto dos dois e continuo meu caminho. Não atendo Sophie, pois em poucos minutos já estou de frente ao prédio da empresa.

Alguns olhares me acompanham enquanto passo pela recepção, e apenas aceno com a cabeça para todos. Costumo sempre dizer bom dia, mas com meu atraso, espero que entendam meu mau jeito de hoje.

Assim que as portas se abrem em meu andar, assusto-me com a cena que vejo ao chegar perto de minha sala.

— Então, nós podemos negociar isso, linda. — escuto a voz de Tavares e fico já em estado de alerta.

Noto como ele está próximo a Sophie, que apenas permanece sentada em sua cadeira, encarando o computador. Ele está ao seu lado, e noto seu olhar malicioso.

Desgraçado!

— Vai ser simples, apenas terá que me satisfazer e...

Já dou um passo à frente, e pronto para pegar esse desgraçado e jogá-lo pra fora dessa empresa à ponta pés.

— Senhor Tavares, eu juro que se não se afastar agora mesmo, esse lindo peso de metal em forma de leão que está sobre minha mesa vai encontrar sua testa em poucos segundos.

Ela o encara e até eu fico perplexo com seu olhar furioso. *Minha!*

— Acho bom fazer o que ela falou, antes que muito mais que um peso de metal encontre sua cara. — digo em alto e bom som, e Sophie me encara surpresa, mas não mais que o próprio Tavares, um playboy que acha que entende algo de negócios.

— Acho que entendeu errado o que aconteceu aqui, Daniel. — ele diz e dá de ombros.

— Senhor Lourenzinni. — corrijo-o rispidamente. — Agora se seu pai quiser tratar algo comigo, mande-o vir pessoalmente. Não preciso de nenhum babaca dando em cima da...

— Sua secretária gostosa? — pergunta em deboche e não me seguro mais.

Vou até ele o pego pelo colarinho, tentando não jogá-lo contra a parede e socá-lo no mesmo instante.

— Minha mulher. — digo com ódio e ele arregala os olhos.

— Daniel, por favor, não. — ouço a voz baixa de Sophie. — Não vale a pena.

Solto Tavares no mesmo instante e o vejo sorrir largamente, enquanto arruma sua gravata.

— Entendi tudo. — diz e encara Sophie, mas logo passa por nós dois, ficando a certa distância. — Pensei que ela fosse burra, mas é ainda mais esperta.

Dou um passo à frente, mas logo sinto a mão de Sophie em meu braço. Encaro-a e ela apenas faz um sinal de negação com a cabeça.

O desgraçado logo deixa o andar e eu apenas respiro fundo várias vezes, tentando não gritar mil maldições.

— Ei. — Sophie me chama, mas eu simplesmente não consigo falar, pois a única pergunta que passa por minha mente é: Quantas vezes isso já aconteceu?

— Quantas? — pergunto.

— O que?

— Quantas vezes ele deu em cima de você? — pergunto e finalmente me viro pra ela, encontrando seu olhar preocupado.

— Não é importante. — diz e abre um fraco sorriso. — Eu sei me defender bem, aliás, ele nunca chegou tão perto como hoje. Fique tranquilo.

— Eu... — sinto-me culpado. — Droga, se eu não fosse um ogro com você antes, com certeza teria me contado e... Merda! — digo com raiva.

— Está tudo bem. — diz e dá uma voltinha. — Estou inteira. — pisca em minha direção e eu não me seguro, desço meus lábios nos seus.

Beijá-la é como paraíso e ao mesmo tempo o inferno na terra, pois meu corpo fica em paz e entra em combustão. Esse beijo é como confirmar que ela é minha, que ele e nem mais nenhum outro poderá o fazer, poderá tocá-la como eu.

Logo ela se afasta e toca meu rosto com delicadeza.

— Não podemos tornar disso um hábito.

— Seria um hábito delicioso. — digo e ela dá um leve tapa em meu ombro. — Senti mesmo sua falta, morena.

— Eu também, moço bonito.

Seus olhos transmitem várias coisas nesse instante, mas nada do que eu consiga decifrar. Eu só quero ver em algum momento neles, o mesmo que sinto por ela, comprovar isso. Ter a certeza de que ela só quer a mim, que só quer estar em meus braços. Que eu consiga fazê-la se apaixonar, do mesmo modo que caí por ela.



CAPÍTULO 9

Sophie

— Sophie! — dou um pulo dos braços de Daniel, o qual faz uma careta.

Viro-me para lado rapidamente e volto a me sentar em minha cadeira. Levi Gutterman vem até mim, com vários papéis em mãos, e assim que sua cabeça se levanta e ele constata que estou aqui, abre um grande sorriso.

— Graças a Deus! — diz e coloca os papéis sobre a mesa.

Ele então olha para o lado e dá um leve aceno.

— Daniel. — ele cumprimenta e me seguro para não olhar para o homem que tirou meu fôlego a poucos segundos.

Apenas escuto a porta atrás de mim bater, e sim que Daniel simplesmente o ignorou e entrou na sala.

É pelo jeito ele odeia mesmo Levi.

— Então, senhor Gutterman. — digo, vendo seu semblante um pouco triste, aliás, o semblante que ele tem estado há um bom tempo.

— Desculpe por isso. — diz e suspira fundo. — Aliás, pode me chamar de Levi, sabe disso.

— Sim, desculpe. — digo e ele então puxa uma cadeira e fico próximo a minha mesa. — Então, Levi, qual o problema?

— Bom, eu simplesmente estou perdido nesse contrato. — diz e afrouxa um pouco da gravata. — Preciso urgentemente de uma assistente, Sophie. Será que pode indicar alguém para o cargo?

— Bom. — paro e penso um pouco, pego os papéis e começo a lê-los, ainda sem ter uma resposta.

Logo entendo o porque dele não entender o contrato, está praticamente todo errado. Não segue nenhuma das normas da empresa e muito menos faz algum sentido.

— Desculpe, mas esse contrato não é válido. — revelo e ele arregala os olhos. — Até as assinaturas estão no local errado.

— Droga! — diz e pega os papéis. — Obrigado, Sophie. Vou marcar uma reunião para conseguir consertar isso.

— Tudo bem.

— Ah, pense para mim sobre alguém que seja qualificada para esse emprego. — diz e eu assinto. — Qualquer coisa eu te peço socorro pelo telefone.

— Ok, senhor... Quer dizer, Levi. — digo e ele sai.

Balanço minha cabeça e volto ao trabalho, organizando vários papéis na mesa e arquivando alguns. Quando vou ver, já estou tão concentrada que as horas simplesmente voaram. Uma fraca luz incide das grandes janelas que revestem a entrada do escritório, do chão até o teto, e acendo as luzes, deixando tudo mais iluminado.

Daniel sequer saiu de sua sala, nem mesmo para o café e muito menos me chamou. Estranhei isso, porém não quis intrometer, sei que ele é um homem ocupado e com certeza está perdido em um dos vários contratos que eles têm pra fechar.

Encaro o relógio sobre minha mesa e vejo que já está na hora de me expediente se encerrar. Ajeito as ultimas coisa e deixo tudo pronto

para a segunda feira, já que felizmente, o fim de semana chegou.

Após arrumar tudo, coloco um blazer por cima de minha blusa fina de seda branca e pego minha bolsa, indo até a sala de Daniel. Bato de leve na porta e logo escuto sua voz dizendo um simples: “entra”.

Abro a porta devagar e logo o encontro, sentando em sua mesa, envolto de várias pastas e papéis, e fico me perguntando como ele consegue se localizar no meio de toda essa bagunça. Ele continua com a cabeça baixa, e apenas mexe de leve em seus óculos... Ele fica lindo com esses óculos.

— Queria saber se ainda precisa de mim. — digo um pouco vacilante, pois sua presença de repente se tornou ainda mais intimidadora pra mim.

Ele finalmente levanta seu olhar e me encara, franzindo a testa. Ele então olha para o lado, pelo jeito para seu relógio e arregala os olhos.

— Nem vi as horas passarem. — diz e suspira fundo, jogando o papel que estava em sua mão, sobre a mesa. — Tudo certo para segunda? — pergunta.

— Sim, deixei tudo pronto.

Ele então se levanta e coloca os óculos sobre a mesa, passando as mãos sobre os cabelos. Logo ele pega seu terno e alguma coisa na gaveta

de sua mesa.

— Que tal um cinema hoje? — pergunta e o encaro embasbacada, ele geralmente é o último a sair daqui.

Sei disso pois muitas vezes ficamos até altas horas da noite revisando contratos, além dos relatórios intermináveis.

Penso sobre sua proposta, e por mais tentadora que pareça, apenas quero ir pra minha casa, tomar um banho relaxante e me jogar no sofá.

— Cansada da semana, morena? — pergunta e eu assinto, um pouco envergonhada. — Que tal um cinema em casa?

— Como assim?

— Bom, posso ir até o seu apartamento e assistirmos um filme, da sua escolha. — diz e sorrio. — Assim que dormir, eu te deixo confortável sua cama e vou pra casa.

— Mas e a pipoca? — indago brincando.

— Fica por sua conta, senhorita Moraes.

— Ok, vamos lá!

Espero-o vir até mim, mas logo seu celular toca e ele o encara sem jeito.

— Um minuto.

Assinto e apenas vejo-o sua expressão mudar completamente.

— O que? Mas ela... Ricardo se acalma, por favor! — diz praticamente gritando. — Ela não está comigo. Mas eu tenho uma ideia de onde ela pode estar. — diz, e se escora sobre a beira da mesa. — Sim, tudo bem. Até daqui a pouco!

Ele aperta algo em seu aparelho e suspira frustrado.

— Tudo bem? — arrisco perguntar.

— Desculpe, tenho que ajudar um... Ricardo. — diz sem jeito e eu apenas assinto. — Me desculpe, morena, eu só...

— Eu entendo. — digo, mesmo sem estar entendendo nada. — Pode ter certeza que não vou me incomodar de cair na cama assim que chegar em casa.

Ele vem até mim e o noto tenso. Ele me abraça de repente e tudo consigo fazer é retribuir.

— Promete ser sincera? — pergunta em meu ouvido, fazendo-me afastar um pouco dele.

Seus olhos parecem frágeis e fico um pouco sem jeito, vendo-o totalmente vulnerável.

— Diga. — peço e ele respira fundo.

— Existe algum outro homem em sua vida? Quer dizer, alguém que você teve um sentimento forte ou pode voltar a se apaixonar?

— Não. — respondo, mesmo sem entender o porque de sua pergunta.

— Eu sou um homem quebrado, Sophie. — diz triste, o que me faz querer abraça-lo no mesmo instante. — Mas eu estou completamente apaixonado por você. Por mais que seja rápido, por mais que seja novo... Eu não consigo esconder. Eu não quero te perder.

Fico sem palavras e não sei o que dizer, muito menos o que responder.

— Eu estou aqui. — digo e toco seu rosto. — Apenas com você, moço bonito.

— Obrigado. — diz e beija de leve minha testa.

Sorrio fracamente e ele enlaça minha cintura, tirando-nos de sua sala.

— Não quer que eu vá com você? — pergunto assim que entramos no elevador e ele abre um sorriso fraco.

— Só quero resolver isso e ir pra casa, morena. Não quero te envolver no meu passado. — diz e eu apenas o encaro, tentando pensar em algo que possa deixa-lo bem.

— Por que não vai pra minha casa depois que resolver isso? — arrisco perguntar e ele me olha um pouco surpreso. — Você não está

bem, vejo isso.

Mexo em minha bolsa e pego as chaves extras que sempre carrego. Olho-o com certo desafio e lhe entrego a chave.

— Sophie, não precisa fazer isso pelo que eu disse, eu só...

— Você já me mostrou sua casa, nada mais justo do que conhecer a minha. — digo, dando de ombros e lhe dou um leve selinho.

Ele continua com os braços em torno de minha cintura, e assim que o elevador para e nós saímos, noto alguns olhares sobre nós dois. Abro a boca pra dizer algo para Daniel, porém o aperto em minha cintura logo se torna mais forte e o encaro, entendendo o que quer dizer.

Ele não quer esconder de ninguém....

E por mais que seja algo precipitado, eu também não.



CAPÍTULO 10

Daniel

Paro em frente a praça e respiro fundo. Por que o passado sempre parece querer nos perseguir?

Desde que voltei para o Brasil apenas pensei em manter distância de Carla, mas no decorrer de tudo simplesmente não consegui me afastar. Carla chorou em meus braços novamente, dessa vez por conta do medo de perder o homem que ela ama. Ao menos isso não me afetou, e eu

fiquei com ela no hospital nos dias em que sucederam ao sequestro dela, Laura e Rafael, onde infelizmente, Ricardo acabou sendo baleado.

Sempre pensei que seria difícil encará-la, ver em seu rosto a mesma rejeição de antes, mas essa foi uma cena pela qual não passei. Acho que desde que meus olhos se depararam com Sophie, nenhuma outra mulher permaneceu em meus pensamentos, nem mesmo Carla. Mas hoje, que pensei poder estar ao lado da minha morena, sou surpreendido por mais uma vez ter que ir até Carla. Ela nunca me pediu nada, e mesmo sabendo que não quer ser encontrada, eu sei que não posso deixá-la sozinha. Não nesse momento.

Saio do carro e ando a passos largos até onde ficam os bancos da praça. Olho ao redor com cuidado, buscando uma silhueta parecida com a dela, mas ainda nada me parece familiar. Mais alguns passos e chego à árvore em que... Onde ela jurou nunca esquecer. Nunca esquecer do filho que ela perdeu, mas amava imensamente.

Ando em volta e a procuro por todos os lados, mas não a encontro. Fico alguns minutos esperando, na esperança dela aparecer, porém apenas algumas pessoas passam caminhando despreocupadas.

Uma leve chuva começa a cair e volto para o carro frustrado. Onde Carla está? Onde ela pode estar?

Ricardo me ligou e jurou que ela estava emocionalmente abalada por algo que eles descobriram, sem dizer muitos detalhes, e que ela simplesmente saiu de casa de manhã e não voltou. Ela não retorna suas ligações, muito menos responde suas mensagens. Isso vai de mal a pior.

Encaro meu celular e busco seu número. Talvez, por sorte, ela me atenda e diga onde está. Carla pode não ser mais a mulher que amo, isso ficou pra trás, mas nunca será considerada como nada em minha vida, o tempo que passamos juntos, mesmo que curando suas feridas, foi especial pra ambos.

Na primeira tentativa a chamada toca até cair. Bufo já mais do que preocupado, encarando a fina chuva que cai sobre o painel do carro. Ligo de novo e peço aos céus força, porque sei que acima de tudo, Carla não deve estar nada bem. Seja lá o que a abalou, foi algo realmente ruim.

— Dani...

Paraliso ao ouvir sua voz.

— Carla. — digo com calma. — Onde você está?

— Dani, por que está ligando? — pergunta e ouço seu choro. — Ah meu Deus, Ricardo, ele...

— Sim, ele me ligou e disse que você simplesmente resolveu sumir. — digo e tento controlar meu tom, o que não é muito fácil.

Ao mesmo tempo que estou preocupado, estou realmente *puto* por ela fazer algo assim.

— Eu só precisava de um tempo. — diz baixinho.

— Carla, por favor, me diz onde está que eu vou te buscar.

— Não posso, Dani, eu não consigo olhar pra Ricardo... Acho que nunca mais vou conseguir.

— Do que está falando? — pergunto já nervoso. — O que foi que ele te fez?

— O problema foi o que ele não fez. — diz e ouço seu choro ainda mais alto. — Ele não me traiu, Dani.

— O que? — minha voz sai em um sussurro.

— Nicole enganou a todos nós... Rafael não é filho de Ricardo. — diz e fico estático, olhando para o teto do carro.

— Deus do céu.

— Eu sou uma idiota, Dani. — diz após alguns minutos.

— Carla, não tinha como sabermos e...

— Eu magoei você também, Dani. Magoei todos a minha volta por conta de uma mentira. — diz e apenas continuo calado. — Eu perdi você naquela época.

— Carla, me diz onde você está. — peço novamente.

— Eu vou pra casa. — diz de repente, surpreendendo-me. — Não vou atrasar ainda mais sua vida. Eu sinto muito, Dani.

— Carla, você não...

— Eu te amo. — diz e assim a ligação é desfeita

Disco novamente seu número, mas é em vão, a ligação vai direto para a caixa postal. Ligo várias vezes para ela e apenas o mesmo acontece.

— Droga! — exclamo frustrado.

Ligo então para Ricardo e ele atende no primeiro toque.

— Ela atendeu o telefone e me disse que está indo pra casa.

— Sério, ela...

— Sim, ela parece estar bem. Mas não consigo mais falar com ela, já que desligou o telefone.

— Obrigado, Daniel. — diz e noto um tom de alívio em sua voz.

— Apenas mande uma mensagem avisando quando ela chegar, tudo bem? — peço.

— Claro.

— E Ricardo?

— Sim?

— Ela ama você, seja lá o que ela fez a você, saiba que isso não muda esse sentimento. Dê valor a isso.

— Eu sempre dei.

Logo desligamos e fico apenas alguns segundos encarando o nada a minha frente. Não me dói mais falar em Carla, e por mais incrível que pareça, muito menos dói falar com o cara que ela escolheu. Tem coisas que não são para acontecer.

Ela está em casa.

Solto um suspiro aliviado ao ler a mensagem, ligo o carro e vou pra casa.



CAPÍTULO 11

Sophie

Beijos quentes são depositados em meu pescoço e todo meu corpo se arrepia. Sinto um formigamento tomar conta do meu ser e logo nossos lábios se encontram. Nossas línguas duelam vorazes, e sinto meu coração bater freneticamente. Eu o quero, ser apenas dele... Abro os olhos e seu sorriso cafajeste estampa o lindo rosto. Fico sem ar por alguns instantes, mas assim que nossos olhos se encontram, só consigo pensar novamente em me jogar sobre ele. E assim, o faço.

— Morena. — escuto sua voz grossa e sinto outro arrepio correr pelo meu corpo. — Acorda, morena.

— Eu estou acordada, Daniel. — digo e suspiro fundo, sentindo seus toques sobre meu corpo.

— Morena, abre os olhos. — ele pede e apenas consigo sorrir.

— Ok, senhor mandão.

Forço meus olhos a se abrirem e estranho certa resistência deles para com isso. Viro-me de lado, buscando os braços de Daniel e de repente sinto suas mãos em meu rosto. Assim que consigo me acostumar com a escuridão do quarto, levo um susto. *Eu estava sonhando.*

Arregalo os olhos e agradeço por Daniel não conseguir ver meu rosto agora. *Que vergonha!*

— Tudo bem? — ele pergunta e acaricia meu rosto. — Você estava meio agitada, fiquei preocupado. Foi um pesadelo?

— Ah. — digo sem saber onde enfiar minha cara. — Claro, um pesadelo.

— Tudo bem, morena. — diz e ouço seu sorriso. — Estou aqui agora, ok?

— Ok. — digo, e me aconchego em seus braços.

Se ele soubesse que esses braços estavam fazendo minutos atrás comigo... Misericórdia!

Pare de pensar nisso, Sophie!

Ficamos alguns minutos apenas apreciando o silêncio, ao menos ele parece estar. Ajeito-me um pouco na cama, ficando com a cabeça sobre seu peito, tocando de leve em seu peitoral nu, e ele se mexe. Ele usa uma simples calça de moletom pelo que sinto, e logo começa a passar as mãos pelos meus cabelos.

Um pequeno verso de uma de minhas músicas favoritas inunda minha mente.

“Tão correto e tão bonito, o infinito é realmente um dos deuses mais lindos.”

Daniel se tornou um pequeno infinito, algo que nunca nem imaginei ter com alguém. Não sei dizer em que momento foi, ou como chegamos a isso, mesmo sabendo de cada passo – mesmo os tortos – que tomamos. Eu me apaixonei por ele.

Ele solta um breve suspiro e fico intrigada, lembrando-me de como ele saiu tenso após me deixar em casa.

— O que foi? — pergunto e ele apenas pega minha mão e dá um leve beijo. — Daniel?

Ele então se afasta e sinto sua falta no mesmo instante. Logo as luzes se acendem e pisco algumas vezes para me acostumar.

Só assim consigo ver claramente, como Daniel parece... Culpado.

— Está tudo bem com seu amigo? — pergunto, já que ouvi ele dizer o nome de um homem.

Ele vem devagar até a cama, e ao contrário do que pensei, ele não se deita novamente, apenas se senta na beira dela. Sem entender muito bem, sento-me contra os travesseiros e apenas espero.

Com isso ele permanece em silêncio, encarando o nada e fico sem saber o que fazer.

— Eu acho melhor ir pra casa, eu só...

— Nem pensar. — digo no mesmo instante e me levanto, ficando a frente dele. — Eu não sou burra, Daniel. Sei que tem algo te preocupando, e seja lá o que for não precisa me dizer agora, ok?

Ele não me olha, apenas encara os próprios pés. Ajoelho-me a sua frente e assim, fica impossível de ele não me olhar.

— Você por acaso tem algo com outra mulher? — pergunto, já sentindo algo dentro de mim se remexer.

— Não. — diz imediatamente, segurando seu rosto. — Eu jamais faria isso, morena.

— Ok, se não é isso e você não está metido com algo ilegal, estamos resolvidos. — digo e ele me encara espantado. — Não matou ninguém, né?

— Por Deus, Sophie! — diz e finalmente abre um sorriso. — Eu não estou metido com nada ilegal, satisfeita?

— Muito. — digo e pisco pra ele. — Agora, você vai levantar dessa cama e assistir um filme comigo.

— Mas você está cansada, morena.

— Bom, agora eu só quero pipoca e um bom filme. — digo e ele finalmente se levanta, me seguindo pra fora do quarto.

Meu pequeno apartamento alugado não é algo espetacular de se olhar, mas é bem aconchegante, e pelo olhar de Daniel, vejo que ele de certa forma gosta.

— Desde a hora que entrei, reparei que esse apartamento lembra você, em cada detalhe. — diz e eu sorrio, olhando para os quadrinhos coloridos na parede.

— Como pode dizer isso?

Vou até a cozinha e começo a procurar a pipoca.

— Bom, parece alegre e ao mesmo tempo simples. — diz e dá de ombros, encostando-se contra a pia.

— Está dizendo que sou simples, senhor Lourenzinni? — finjo aborrecimento e ele apenas sorri, arqueando a sobrancelha esquerda.

Passo por ele para ir até as panelas, mas logo seus braços me impedem e sou eu quem está encostada contra a pia. Mas como...

— Você não tem noção do quanto me faz bem, morena. — diz e dá um leve beijo em meus lábios.

— Você me deixa louca, Daniel. — ele sorri e então toco seu rosto. — Gosto de te ver assim.

— Assim como?

— Solto, leve... Fica ainda mais bonito assim.

Me solto dele e finalmente me organizo com a panela, óleo e pipoca.

— Eu sinto muito por ter ficado estranho agora a pouco. — diz e sorrio pra ele, ligando o fogo.

— Uma coisa que tem que saber de mim, Daniel. É que eu nunca vou forçar você a me dizer nada, em hipótese alguma. Se precisa de tempo para me contar, seja lá o que for, eu espero. — digo e abro um sorrisinho, ouvindo o milho começar a estourar.

— Claro, se eu não fizer nada ilegal e não tiver outra mulher. — diz e eu afirmo com a cabeça.

— Exatamente, grandão. — digo e bato em seu ombro com o pano de prato.

— Novo apelido? — questiona zombador.

— Talvez. — dou de ombros.

A pipoca fica pronta e rapidamente desligo o fogo, procurando um recipiente para colocá-la. Assim que consigo fazer tal proeza, deixo a pipoca sobre a pia e começo a procurar algo para beber na geladeira.

— Bom... Temos refrigerante pra agora. — digo e ele assente. — Por que está tão quieto?

— Apenas observando você. — diz e vem em minha direção, carregando o balde de pipocas. — Linda, doce, perfeita...

— Estou com o meu pijama mais velho, Daniel. — repreendo-o.

— Isso que te torna especial. — diz e me ajuda a pegar os copos. — Simples e maravilhosa ao mesmo tempo.

— Você me deixa sem fala, homem. — sou sincera.

— Você tira o meu fôlego, morena.

Encaro-o sem jeito e até esqueço-me de como se respira nesse instante. Estou realmente perdida com esse homem.



CAPÍTULO 12

Sophie

Acordo com o som da minha campainha e reviro os olhos. Olho ao redor e a luz da sala praticamente me desorienta. Mas o que?

Vejo Daniel caído ao meu lado, em sono profundo, e abaixo de nós está apenas o tapete da sala. Nós acabamos dormindo no meio do filme, porque nem disso me lembro.

A campainha soa novamente e bufo baixinho, dando um jeito em meus cabelos e ajeitando meu rosto. Daniel abre devagar os lindos olhos

e noto seu rosto todo amassado. Como alguém pode ficar bonito logo de manhã? Isso é injusto.

— Eu vou ver quem é. — digo e ele bufa.

— Mas é sábado de manhã.

Rio de seu mau humor e ele apenas se vira, ignorando minha gracinha. Pelo jeito ele não é alguém da manhã.

Levanto devagar e a passos incertos vou até a porta. Sem sequer ver pelo olho mágico abro a porta e encaro meu vizinho sem entender muito bem sua presença.

— Oi Sophie. — Paulo diz e forço um sorriso.

— Paulo, como vai? — pergunto por educação, já que na realidade não quero saber sua resposta.

— Bom, desculpe vir logo de manhã. — diz um pouco sem jeito.

— Tudo bem, o que houve? Algum problema com o síndico?

— Pelo menos não dessa vez. — diz e abre um leve sorriso, mas que de repente some de seu rosto. — Na verdade tem a ver com...

Sinto então um braço passar pelo meu pescoço e a presença de Daniel atrás de mim. Olho para Paulo e ele fica em silêncio, claramente olhando para Daniel embasbacado.

— Ah, Paulo esse é Daniel. — digo rapidamente.

Daniel não me solta e apenas estende a mão em forma de cumprimento, Paulo sem se fazer de rogado estende a dele e a aperta com força a de Daniel.

Seguro a gargalhada e Paulo muda seu olhar pra mim, com aquela cara de quem diz “Como isso aconteceu e eu não soube?”. Paulo é um cara bonito, ou ao menos eu pensei isso quando o vi pela primeira vez no prédio há poucos meses que ele se mudou. Alto, forte, com a cor negra em contraste com os olhos verdes, e que com certeza deixa muitas mulheres sem chão. Mas o caso dele é diferente, pois nenhuma mulher consegue mexer com ele, ao menos soube disso quando o encontrei chorando no elevador, e ele acabou desabafando sobre o homem que amo e como é difícil lidar com Thiago, já que ele mesmo após três anos juntos não os assume.

Bom, Paulo se tornou um amigo, e muitas vezes nos falamos, mas nos últimos tempos, com tudo que houve com Daniel, acabei negligenciando isso e nem lhe disse nada. Acho que ando vivendo nas nuvens que nem me lembrei de pedir conselhos dele, e muito menos me lembrei de perguntar como foi a resposta de Thiago sobre o ultimato que Paulo o deu. Paulo me mandou mensagem falando que finalmente iria colocar Thiago contra a parede, mas não me disse como foi, e eu como péssima amiga também me esqueci de perguntar.

— Então, cara, o que quer com a minha namorada? — Daniel pergunta, daquele jeito grosso que eu bem conheço.

Namorada?

Fico chocada e Paulo abre um largo sorriso, piscando pra mim.

— Eu volto depois, Sophie. — diz e dá de ombros. — Mas pra adiantar, eu estou feliz. Foi um prazer, Daniel.

Paulo nem me dá tempo de responder e simplesmente sai e entra no seu apartamento. Fico perplexa pela situação constrangedora e ao mesmo tempo feliz por saber que pelo jeito Thiago os assumiu. Paulo realmente merece.

De repente sinto Daniel se afastar e ele fica parado no meio da sala, com as mãos na cabeça.

— O que foi? — pergunto e ele não me olha.

Estranho seu jeito, ainda mais porque quem devia estar brava sou eu, pelo modo rude com que ele tratou meu amigo.

— Estou esperando uma explicação. — diz e eu não consigo mais me segurar, gargalhando.

Ele então se vira e me encara incrédulo.

— O que é tão engraçado? — pergunta e noto sua expressão fechada.

— Ciúmes, querido? — pergunto em deboche e ele bufa.

— Posso tomar um banho? — pergunta e fico estática.

— Daniel, não seja assim... Paulo é só um amigo. — digo e ele apenas assente, olhando pra qualquer lugar, menos pra mim.

— Ok. — diz, surpreendendo-me. — Eu só quero tomar um banho, Sophie.

É, agora eu sinto falta de quando ele me chama de “morena”. Mas pelo jeito ele está se segurando para não dizer nenhuma besteira e não quero piorar a situação.

Vou até o quarto e pego uma toalha limpa. Volto pra sala e o encontro no mesmo lugar.

— Aqui. — entrego pra ele a toalha.

— Obrigado. — diz baixinho. — Onde fica o banheiro?

— No corredor, à esquerda.

Ele então passa por mim e vai direto pra lá. Fico parada no meio da sala, olhando para o teto, um pouco sem saber o que fazer com sua frieza. Tudo isso por conta de Paulo?

Vou até a cozinha e tomo um pouco de água, pensando em como falar com ele sobre isso. Tomo coragem então e vou até o banheiro, bato

na porta, mas ele não me responde, e consigo ouvir sua voz cantando algo baixinho.

— Daniel? — o chamo, mas nenhuma resposta.

Mesmo sem saber ao certo o que estou fazendo, giro a maçaneta da porta e felizmente ela se abre, entro meio sem jeito, mas assim que meus olhos param na silhueta de seu corpo através do box

Solto um suspiro profundo e ele sequer percebe minha presença. Penso no que fazer, de como agir, mas apenas consigo ficar parada, ouvindo a música que sai de seus lábios:

“Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs.”

Fico estática e penso no que fazer, em como chegamos até aqui. Não faz muito tempo que tudo começou, e de alguma forma eu quero estar com ele, ser dele... Faz muito tempo desde que estive assim com um homem, na verdade há muito tempo, quando tinha 15 anos. Desde então nenhum outro despertou meu interesse ou fez meu corpo ferver, mas com Daniel tudo é diferente, completamente.

Sorrio ao examiná-lo, vendo que continua perdido em sua música e sequer notou minha presença. Tiro meu pijama e respiro fundo, tomando coragem de fazer algo que nunca nem cogitei. Antes sequer

pensei em Daniel de outra forma, mas agora, o que mais quero é ele. Apenas ele.

Sem mais querer pensar, abro o box e finalmente seu olhar encontra o meu. Daniel arregala os olhos e de repente desce seu olhar para meu corpo nu, e noto no mesmo instante sua expressão mudar.

— Morena...

— Shhh. — digo e fico entre ele e a água fria que cai.

Daniel não diz mais nada e apenas me encara. Toco de leve em seu rosto, descendo com cuidado meus dedos para seus lábios, testando novamente o que tocá-lo causa em mim. Um gemido escapa de seus lábios e apenas ajo com meu coração, meu desejo... Puxo-o pra mim e nossas bocas se chocam, selvagens, necessitadas. Isso só me faz ter mais certeza do que estou fazendo.

Nos afastamos pela falta de ar e Daniel me encara, tocando de leve em meu rosto, como se quisesse gravar esse momento, como se fosse único.

— Tem certeza, morena? — pergunta e eu assinto.

— Mais do que tudo.

Logo a água para de cair e ele começa a distribuir beijos pelo meu rosto, que logo estão em meu pescoço, fazendo suspirar de prazer... Seus

lábios vão descendo pelo meu corpo, o que me faz estremecer mas seus braços me seguram forte contra a parede. A cada toque dos seus lábios em meu corpo, sinto o coração dar um pulo, e não consigo pensar em mais nada, muito menos em meu nome.

Após me fazer chegar ao ponto mais alto do prazer, ele se levanta, segura meu rosto e me beija com vontade, como se estivesse me marcando como sua. Antes que eu possa pensar, ele me pega no colo e tira de dentro do box, e sem se preocupar com o rasto molhado que deixamos, e muito menos com os lençóis, estamos em minha cama.

Seu corpo grande me cobre, deixando-me sem fôlego por ver cada pedacinho dele. Toco-o e vejo como é recíproca essa loucura que sentimentos um pelo outro. Analiso cada pedaço dele, e ouço seus gemidos baixinhos e roucos, o que me deixam ainda mais louca para tê-lo.

— Droga. — diz baixinho, enquanto beijo seu pescoço e ele me toca de uma maneira que é capaz de deixar qualquer mulher sem nexo.

— O que?

— Eu não trouxe camisinha, eu sequer cogitei que...

— Eu estou protegida.

— Tem certeza? — pergunta e para de me tocar, deixando-me frustrada.

— Eu confio em você. — digo e ele abre um belo sorriso.

— Sou todo seu, morena.

E com isso, ele me invade, e sinto que nada no mundo pode ser melhor. Perco o fôlego e noto sua respiração irregular em meu pescoço. Antes que eu consiga raciocinar novamente, ele me beija e esqueço completamente de tudo. Nossos corpos se unem de modo que parece transcendental, e a cada momento que nossos olhares se encontram, tenho a certeza de que sim... Eu caí por esse homem, perdidamente.



CAPÍTULO 13

Daniel

— O que tanto pensa? — pergunto e Sophie suspira em cima de meu peito.

— Que estou feliz. — responde baixinho e planta um beijo em meu peito. — E você?

Estamos jogados no chão do quarto, com apenas um lençol ao nosso redor. Se pensei que não podia me apaixonar ainda mais por essa mulher, hoje ela me provou ao contrário. Não por termos feito sexo, mas sim, porque foi diferente, por completo. Aquele velho clichê de não foi

só sexo, teve algo mais que sempre ouvi algumas pessoas comentando realmente existe, algo que talvez seja o tal “fazer amor”.

Não foi uma entrega de apenas uma parte, foi de ambas. Algo que nunca tive com nenhuma outra mulher e nem imaginei que teria. Sorrio satisfeito ao lembrar do modo como ela invadiu o banheiro e fez-me esquecer do meu próprio nome naquele instante. Eu não deixei a porta aberta por nenhuma razão maior, acho que pelos anos morando sozinho, me acostumei a não trancar nada, e ela, felizmente, fez meu lado possessivo desaparecer em menos de um segundo.

Mas agora, lembrando-me daquela cena, meu estômago se revira, e a puxo mais pra perto de mim. Não gosto de imaginar o quão amigo ela e o tal Paulo são.

— Bom, acho que ainda não engoli aquele seu amigo. — digo com desdém, mas não deixo minha tensão se mostrar, já que não quero estragar nosso momento.

— Não precisa se preocupar com isso, Paulo sempre foi um bom amigo e continuará sendo assim. — diz despreocupada e eu bufo. — Posso contar algo?

— O que, Sophie? — pergunto e fecho os olhos, sem querer ouvir o que ela tem a dizer.

Será que eles já dormiram juntos? Será que tinham uma amizade colorida?

— Ih, já vi que toda vez que ficar chateado ou bravo vai me chamar pelo meu nome. — diz e ouço sua risada.

Essa mulher quer me matar.

— Morena. — digo com ênfase. — Eu sou um homem possessivo, mas eu juro que estou tentando me controlar.

— Paulo é gay. — diz de repente e eu abro os olhos, incrédulo.

— Mas...

— Ele tem até namorado e mesmo que não tivesse, e não fosse gay, não teria porque se chatear. — diz animada e apenas continuo encarando-a sem acreditar. — Mas foi bom você ter uma mini crise de ciúmes.

— Bom pra quem? — pergunto nervoso, e me sentindo o cara mais imbecil da face da Terra.

— Bom pra nós dois. — diz e morde o lábio inferior. — Sua carinha de chateado me causou algo que...

— Que te fez invadir meu banho? — indago presunçoso e ela me dá um tapa no peito.

— Como se você não tivesse gostado. — provoca no mesmo tom.

— Morena, se você quiser invadir todos os meus banhos... — digo e a surpreendo, mudando nossas posições, colocando-a debaixo de mim. — Pode sempre o fazer.

— Hum, isso me dá ideias, senhor Lourenzinni.

— De qual tipo? — pergunto, dando leves beijos em seu pescoço, vendo-a se arrepiar por inteira.

— Do tipo que envolve apenas nós dois, sem nenhum lençol no meio.

Olho seu rosto que arde em desejo e não me aguento, beijo-a com vontade. Faço amor com a minha mulher novamente, sem conseguir pensar em mais nada que não seja nós dois, juntos, perdidos um no outro.

Estou sentado na mesa, enquanto Sophie se mexe agilmente entre o fogão e a sua dispensa. Tentei a todo custo ajuda-la a fazer algo para comermos, mas ela simplesmente ordenou que eu me sentasse e

aguardasse. Assim, como um bom menino, vejo sua bela desenvoltura com as panelas, e pelo cheiro, ela está fazendo algo muito bom.

Escuto o toque do meu celular e o pego, vendo o nome de meu pai estampando a tela.

— Oi pai. — digo e faço um gesto pra Sophie, a qual apenas assente.

— Daniel Lourenzinni, é bom você trazer sua bunda para a fazenda amanhã. — mamãe praticamente ordena e eu começo a gargalhar. — Mateus! Isso é culpa sua, olha só, isso que dá mimar as crianças e...

Coloco no viva-voz já não aguentando o nervosismo de minha mãe sozinho. Acho que Sophie merece conhecer a família doida para a qual ela entrou.

— Mãe, você e meu pai tem que aprender a usar seus próprios celulares. — zombo e escuto a risada do meu pai do outro lado.

— Eu vou bater em você e no seu pai. — ela diz e assim Sophie se vira pra mim, encarando-me sem entender.

— Está no viva-voz. — revelo e Sophie abre um leve sorriso.

— Sua irmã está aí? — minha mãe pergunta.

— Não, apenas sua nora. — digo despreocupado e Sophie arregala os olhos.

— Ah sim, minha nora... — de repente ela fica em silêncio. — O que? Como assim? Nora? Você não está brincando, não é?

Sophie começa a rir voltando a olhar as panelas e ouço meu pai dizer “Eu disse que ele está ocupado fazendo netos”. Minha morena então volta seu olhar pra mim e me encara incrédula.

— Daniel, meu filho, eu nem acredito. — mamãe diz já num tom mais ameno. — Traga ela pra nos conhecer assim que puder.

Olho para Sophie, a qual sorri um pouco sem jeito mas assente.

— Tudo bem, mãe. — digo e ouço o grito típico de felicidade de minha mãe.

“Ok, agora, deixe-me falar com nosso filho.” Sorrio ouvindo a voz de meu pai e logo ele é quem fala no telefone: — Como vai o plano sobre netos? — meu pai indaga e vejo Sophie ficar vermelha.

— Bom, estamos em prática com isso.

— Daniel! — ela grita horrorizada e ouço a gargalhada de meu pai.

Logo escuto o barulho de algo estranho na ligação.

— Sabia que Matheus ia soltar alguma besteira. — mamãe diz e bufa. — Olá querida, bem-vinda família. Eu sou Clara, e, por favor, ignore o seu sogro, ele é um babaca às vezes.

— Olá. — Sophie diz, vindo mais pra perto de mim. — Eu sou Sophie, é um prazer conhece-los.

— Sophie? — mamãe praticamente grita.

Droga!

— Melissa vai ter um treco quando descobrir. — diz animada. — Ela bem que me avisou sobre.

— Sobre o que? — agora é a vez de Sophie perguntar e eu fico completamente sem chão.

— Daniel falava demais sobre a nova assistente pessoal dele, mas ao mesmo tempo em que víamos raiva, eu e Melissa desconfiamos de algo mais. — diz e Sophie me encara divertida. — Viu só, nós tínhamos razão!

— Sim, mãe, toda a razão. — digo já constrangido.

— Agora, vou deixa-los em paz e nos vemos em breve. Beijos.

— Beijos, até mãe! — digo e desfaço nossa ligação.

— Então quer dizer que minha má fama correu por aí? — Sophie indaga divertida e eu sorrio.

— Eu estava ficando louco com a sua indiferença, mulher. —
digo e ela dá de ombros, indo até o fogão.

— Eu nem consigo imaginar o que dizia ao meu respeito.

— Bom, apenas a verdade, que você me deixava louco. —
confesso e ouço sua risada.

— Lola também ouviu muito sobre você, acredite. — diz e fico
curioso, lembrando-me da mulher loira na qual esbarrei.

— Quem é Lola?

— Minha melhor amiga, por que? — pergunta e a vejo desligar o
fogo.

— Quando me ligou ontem de manhã, eu estava de ressaca,
porque bebi com um amigo, Gustavo. — explico e ela se vira pra mim,
olhando-me curiosa. — Felizmente estava no apartamento dele e esse
fica há duas quadras da empresa, mas quando me arrumei e saí andando
rápido pela rua, esbarrei em uma loira. — o olhar de Sophie muda. —
Ela me encarou de um jeito diferente e logo se apresentou como Lola, daí
ela ia dizer algo sobre onde me conhecia e Pedro Soares apareceu, e
praticamente a fundiu nele, acho que por ciúmes, algo assim...

Sophie começa a gargalhar e eu a encaro sem entender.

— Lola é assim mesmo, vai ter que se acostumar com ela. — diz e vem até mim. Afasto a cadeira e ela se senta em meu colo. — E esse Pedro, bom, é o cara que ela ama.

— Sério? Eu conheço Pedro há muito tempo, porque sou amigo do primo dele mais velho, Caleb.

— Sim, só que posso te contar algo? — pergunta e eu assinto. — Só peço que não fale pra sua irmã.

— Tudo bem, o que é?

— Lola diz que Pedro ama Melissa. — diz e fico perplexo.

— Por que isso?

— Bom, isso já não é uma história minha para contar.

— Tudo bem, morena.

— Mas você conhece um pouco do Pedro, acha que... Que pode ser verdade.

— Pra ser bem sincero, eu acho que Pedro gostou de minha irmã quando eram mais novos. Mas depois que Melissa se casou e bom, tudo mudou na sua vida, eles não tiveram mais contato. Duvido muito que ele a ame.

— Eu acho que ele gosta da Lola. — Sophie diz e eu concordo.

— O modo como ele a cercou quando a viu falando comigo, é típico de um cara louco de ciúmes.

— Esse tipo de coisa que acontece entre eles, ela não me conta. — diz e bufa baixinho. — Desculpe te encher com isso, é que...

— Morena, eu gosto de conversar com você. Seja lá do que for. — digo e sorrio pra ela.

— Aliás, temos uma conversa pendente.

— Como assim?

— Quero saber de tudo o que disse pra minha mãe e o motivo dela ter gostado tanto de você. — diz e fico completamente sem graça.

— Eu apenas fui até a casa dela, me apresentei, disse que tinha te pedido em namoro, que você aceitou e bom, meu charme cuidou do resto.

— Você é muito presunçoso, senhor Lourenzinni.

Abro um fraco sorriso e sinto-me culpado pelo modo como comecei isso, é ruim saber o quão imbecil eu fui.

— O que foi?

— Só me desculpe por isso, morena. Fui muito egoísta agindo assim com você, envolvendo sua família e bom, ainda mais pelas suas costas.

— Ei. — ela toca de leve em meu rosto. — Você foi sincero comigo, está tudo bem, amor.

Não consegui evitar o sorriso em meus lábios. Mesmo com todas as diferentes formas dela me chamar, acho que nenhuma supera essa.

— Você me chamou de amor. — constato e ela abre um sorriso tímido.

— Não gostou? — pergunta, e pela primeira vez, noto insegurança em sua voz.

— Não, morena, eu adorei na verdade.

Ela sorri e dá um beijo em meus lábios, antes de se levantar e ir novamente até o fogão.

Fico apenas ali, sentado, observando-a. Meu interior se aperta nesse instante e até abro a boca pra falar sobre Carla, sobre meu passado, mas novamente, não consigo. Por alguma razão sinto que falar sobre Carla será um erro, e meu medo não me deixa ir por esse caminho. Mas se tem algo que não quero com a minha mulher é segredos, e por isso, tenho que tomar coragem e lhe dizer toda a verdade.

— A comida está pronta. — diz animada e se vira pra mim, tirando o pequeno avental de sua cintura. — Tudo bem?

— Tudo, morena. — digo e forço um sorriso.

Sophie não parece muito convencida, mas também não insiste no assunto. De certa forma, novamente, sinto-me culpado. Novamente, sou um completo covarde.



CAPÍTULO 14

Semanas depois

Sophie

Organizo alguns papéis sobre as mesas e paro um segundo, vendo que falta uma assinatura de Daniel. Estranho porque deixei esses papéis com ele há pouco e ele confirmou que estava tudo *ok*. Bato de leve em sua porta e entro, e estranho ainda mais ao vê-lo olhando para o teto da sala.

— O que foi, amor? — pergunto, e então seu olhar recai no meu.

— Melissa me ligou. Ela me disse mais sobre a festa surpresa de Laura, eu me ofereci para ajudar a preparar tudo, e até mesmo iria à casa de Levi, mas eu não sei lidar ainda com isso, morena. — diz e suspira fundo. — Eu não sei como Melissa consegue olhar pra ele, após tudo o que ele fez, depois de tudo que ela sofreu.

— Cada pessoa reage de uma forma a respeito da vida. — digo, e vou até ele, sentando-me em seu colo.

Com as semanas que se passaram, cada vez mais conheci Daniel, consegui descobrir coisas novas a respeito dele, a respeito de mim. Ele simplesmente me leva a sempre querer viver mais, sorrir mais... Mesmo nos momentos em que conversamos a respeito de sua irmã, e eu falei sobre meu pai. Eu entendo como Daniel se sente perante Levi, é como se fosse impotente, mas também entendo Melissa, pois só ela sabe o que é melhor em sua vida.

Mas de toda forma foi bom ouvi-lo falar a respeito de sua família, e eu pude contar o pouco sobre a minha. Daniel se mostrou ainda mais perfeito, quando ouviu atentamente cada palavra que disse sobre meu pai, que simplesmente sumiu no mundo quando minha mãe contou sobre a gravidez. Mas a vida muitas vezes é assim, injusta, mas o que nos caracteriza são nossas escolhas.

— Acho que tem seus motivos para não querer estar próximo de Levi, pois além de ele ter sido horrível com sua irmã, ele era seu melhor amigo. — digo com cautela. — Mas pelo que me disse, e pelo que vejo em Melissa, ela não é o tipo de pessoa que guarda mágoa, apesar dos pesares.

— O que eu faço, morena? — pergunta e noto seu tom cansado.

— Não precisa fingir que está tudo bem, e sei que é demais pra você ver ela próxima a Levi, mas... Quem sabe não pode ajuda-la com algo do aniversário. Quem sabe alugar aqueles escorregadores enormes, pula-pula, algodão doce... Seria uma boa surpresa.

— Você acha? — pergunta incerto.

— Quando era criança, eu simplesmente amava. — confesso.

— Obrigado. — diz baixinho. — Vou providenciar isso.

— Não gosto de te ver assim. — digo e toco de leve seus cabelos.

— Eu me preocupo.

— Eu sei, morena. Mas tem coisas que não consigo disfarçar.

— Nem ouse. — digo rapidamente. — Até porque se estamos juntos, é porque podemos cuidar um do outro.

— Eu cuidei muito bem da senhorita ontem a noite. — diz e seu sorriso cafajeste se faz presente.

— Você não presta, senhor Lourenzinni.

— Nunca disse que prestava.

Sorrio e lhe dou um leve beijo, já vendo uma brusca mudança em sua expressão. Fico feliz por conseguir fazê-lo ficar melhor, pois isso só significa que posso cuidar dele, da forma que realmente quero.

Dias depois...

Tento me soltar dos braços de Daniel, mas ele parece fazer questão de me prender contra ele. A festa de sua sobrinha está linda, e Melissa ficou realmente feliz pela ideia dos brinquedos para as crianças, e agora todos estão em mesas espalhadas pelo belo jardim da casa de Levi.

Escuto um pouco da conversa dos pais de Daniel, e ao mesmo tempo tento entender o porquê de ele estar tão distante, e fazer tanta questão de ficar com seu braço em torno de mim. Isso está se tornando algo sufocante.

Podia mentir e dizer que não desconfio de nada, mas a verdade é que consegui ver claramente o modo como ele mudou quando um casal

chegou à festa. Pelo que vejo, o homem alto, loiro e de olhos verdes, é claramente irmão de Levi, mas o que me intriga mais é a mulher ruiva ao lado dele. Essa mulher foi a qual eu vi de relance Daniel abraçar no hospital há muito tempo atrás. Na época em que eu não sabia nada de sua vida e nem fazia questão. Mas agora, sinto que tem algo aí.

A cada segundo que se passa, forço ainda mais meus sorrisos, tentando não transparecer minha insegurança e desconfiança. Tem algo errado entre Daniel e essa mulher, sei disso.

— Vou ao banheiro. — digo, e mesmo a contragosto, ele me solta.

Saio de perto de sua família e sigo para dentro da casa, onde felizmente, tem algumas plaquinhas que indicam onde fica o banheiro. Sigo-as e logo chego, mas estranho ao ouvir um som de vômito atrás da porta.

Bato de leve e em poucos segundos a porta se abre. Só pode ser obra do destino...

— Tudo bem? — pergunto meio sem jeito, ao encarar a ruiva que me faz desconfiar mil coisas a respeito de Daniel.

— Algo não me fez bem. — diz simplesmente e abre um belo sorriso. — Desculpe a falta de jeito, sou Carla Gutterman.

Então minha ficha cai... Carla só pode ser a cunhada de Levi.

— Tenho que ir, antes que Rafael ou Ricardo apareçam atrás de mim. É um prazer...

— Ah desculpe, Sophie Moraes.

— Um prazer, Sophie.

Ela então se afasta e vejo-a ir em outra direção, em vez do jardim, onde acontece a festa.

Ricardo... Esse nome me é familiar.

Respiro fundo e olho para a porta aberta do banheiro, ao mesmo tempo em que olho na direção onde Carla foi. Algo me diz que isso é errado, mas simplesmente o faço, sigo-a.

Subo as escadas atrás dela, e tento não fazer barulho. Parece até que vou descobrir algo proibido. Rio de mim mesma e decido voltar assim que piso no primeiro andar.

— *Ricardo não seja assim. — ouço o grito de Carla e paraliso. — Eu não amo Daniel, não assim.*

— *Você acha que eu me importo sobre o que você sente por Daniel? — escuto a voz de um homem que deduzo ser o tal Ricardo. — Eu não dou mais a mínima para o que você sente, Carla. Eu me cansei.*

— *Mas eu...*

— *Você me escolheu em vez dele, eu sei disso! Você jogou isso na minha cara por anos! — o homem grita. — Me deixe em paz, pelo menos respeite o aniversário da minha sobrinha.*

— *Ric, eu...*

— *Saia, Carla!*

Incrédula, desço os degraus o mais rápido possível. Assim que chego no banheiro, entro e praticamente solto uma lufada de ar. Como assim ela escolheu Ricardo em vez de Daniel?

Após alguns minutos saio do banheiro, ainda um pouco perdida com minha desconfiança, e me sentindo uma louca por estar me importando com a vida alheia. Nunca fui desse jeito.

Vou andando pelo corredor e tento não me perder, observando as plaquinhas que indicam o jardim.

— *Carla, eu não posso falar com você agora.*

Paro no mesmo instante, sem conseguir crer que estou ouvindo a voz de Daniel.

— *Eu só queria me desculpar.*

Olho de relance para a cozinha e vejo Daniel parado perto da ilha, e a tal Carla a sua frente, gesticulando alguma coisa. Ela tem os olhos e bochechas vermelhas, o que mostra claramente que acabou de chorar.

— Eu já disse que está tudo bem. — Daniel diz e vejo em seu semblante que está preocupado.

— Eu não sei o que deu em Ricardo para ligar pra você e... Eu sinto muito por toda essa situação.

— Ele estava desesperado, Carla. Só acho que deveria lutar por esse homem, você o ama.

— Sim, eu o amo. — ela diz e abaixa a cabeça. — Mas eu te amo também, e não quero que você sofra.

O que?

— Carla, não...

— Eu te amo, Dani, eu sempre te amei. — ela diz e tenta se aproximar dele. — Eu senti tanto a sua falta esses anos, e eu apenas quero te pedir perdão, algo que não fiz direito naquela época.

— Carla, isso é parte do passado, acabou. — Daniel diz simplesmente e eu fico sem reação, vendo a mulher que ele amou ou sei lá, ama, o abraçar.

— Eu não esperava que você estivesse com alguém. — ela diz e fico em choque. — Pode soar egoísta o que eu vou dizer, mas depois de tudo, eu nunca te imaginei com outra mulher.

— Você fez sua escolha, Carla. Seguiu sua vida, por que eu não faria o mesmo?

— Porque você me ama. — Carla diz, e o silêncio irrompe na cozinha.

Nunca a frase: “quem cala consente” fez tão sentido pra mim.

Sem mais conseguir me esconder, apenas saio de trás da parede em que me escondi e encaro os dois de frente. O olhar de Daniel é o primeiro que recai sobre mim e só assim percebo as lágrimas em meu rosto.

— Morena, não é isso que...

— Que eu estou pensando? — ironizo, complementando sua frase. — Você nem faz ideia do que estou pensando.

— Sophie, eu e Daniel só estávamos conversando e...

— Cala a boca! — digo, já sem conseguir ouvir a voz dessa mulher. — Não acha que já é o suficiente pedir perdão pelo passado? Ou melhor, já não disse que o ama? Por que ainda está aqui?

— Sophie, se acalma. — Daniel diz baixo e tenta vir pra perto de mim, porém eu me afasto.

— Que diabos são esses gritos? — olho pra trás e vejo o irmão de Levi.

— Ric, eu só estava falando com Daniel e...

— Por Deus, alguém tire essa mulher daqui antes que eu...

— Carla, você enlouqueceu? — ele praticamente grita e apenas vai até ela, segurando seu braço, e os dois saem em seguida.

— Que aniversário maravilhoso. — ironizo e já resolvo sair desse ambiente, sem conseguir encarar Daniel.

— Sophie, me escuta, eu...

Ele continua a falar, mas é como se conseguisse coloca-lo no mudo. Olho ao redor e tento me reconhecer parte de seu mundo, e nem isso eu consigo mais. Daniel não era obrigado a me dizer nada, mas a cena que presenciei mostra apenas duas coisas. Duas coisas que me rasgam por dentro.

— Morena, você está me ouvindo? — ele pergunta e não consigo olhá-lo, já que está próximo demais de mim. — Eu apenas estava com medo.

— Que eu descobrisse sobre seu grande amor? — pergunto de relance, segurando as lágrimas que tendem a querer cair. — Me diz você, Daniel. O que Carla é pra você? — pergunto e ele fecha os olhos no mesmo instante.

— Parte do meu passado. — responde nervoso.

— Pelo que vi hoje, ela é boa parte do seu presente ainda. — digo e ele respira fundo. — O que eu faço aqui? Me trouxe pra mostrar pra ela? Por isso não me contou sobre essa parte da sua vida? Por causa dela estava mal naquela noite em que dormiu no meu apartamento? Se ela fosse mesmo parte do seu passado, você não estaria tão mexido por estar próximo dela. — praticamente grito e seu maxilar se enrijece no mesmo instante.

— Tio Dani!

Viro de costas no instante em que Laura invade a cozinha e apenas vejo de relance ela se jogar no colo de Daniel.

— O que foi, princesa?

Os dois começam uma conversa, a qual não faço a mínima questão de participar. Limpo como posso o meu rosto e tento não demonstrar minha tristeza assim que me viro para encará-los.

— Tia So, vamos lá fora? — a pequena pergunta e meu coração dói pela inocência em seu olhar.

Como tudo era mais fácil nessa época.

— Claro, querida.

Ela desce do colo de Daniel e vai correndo pra fora, deixando-nos sozinhos novamente.

— Amor, eu só... — ele para de falar e então sinto sua mão em meu braço. — Só me escute.

— Depois, Daniel. — digo rispidamente, sem conseguir controlar minha raiva.

Por que dói para ele falar a respeito? E se dói é porque ainda sente algo por ela?

— Morena, não faz assim. — diz e vem atrás de mim, que a passos rápidos chego antes dele no jardim.

— Vou fingir, assim como me pediu naquele dia em seu escritório. — digo baixinho e ele arregala os olhos, incrédulo. — Pode deixar, senhor Lourenzinni. Vou agir como sua mulher até o fim do aniversário.

Daniel então fica parado e eu sigo para onde estão seus pais, os quais abrem um sorriso assim que me aproximo. Sustento um sorriso no rosto também, tentando não transparecer nada, mas por dentro, estou quebrada.

Eu só quero ir pra casa.

Bônus

Carla

— O que você pensa que está fazendo? — Ricardo praticamente grita, assim que entramos num dos quartos de hóspedes da casa de Levi.

Fico em silêncio e uma forte dor de cabeça me atinge, sento-me na cama no mesmo instante e respiro fundo várias vezes.

— Estou esperando, Carla. — ele insiste e eu permaneço em silêncio, agora com os olhos fechados. — Você tem que crescer, Carla! Não pode jogar com os sentimentos dos outros!

— Eu não estava...

— Claro que sim! — diz num tom mais baixo, mas sua voz é gélida, assim como o que vejo em seus olhos.

— Eu apenas queria conversar com Daniel, dizer a ele antes que...

— Você poderia ter dito em outra hora. — me corta. — Ele está feliz, está com uma mulher que parece ser legal. Já basta o dia que sumiu e eu tive que engolir o meu orgulho e ligar pra ele, em desespero.

— Eu nunca te pedi nada disso. — digo, já sem forças para discutir.

— Mas eu não iria dormir pensando que a mãe do meu filho estava na rua, ou que algo pior poderia ter acontecido com ela. — diz e suas palavras são como facas em meu peito. — Pra você ter noção que outro homem conhece muito melhor a mulher que eu amei.

— Não me ama mais? — pergunto e fecho os olhos novamente, sem querer ouvir sua rejeição.

— Eu só quero que pare com isso. — desconversa. — Isso interfere na vida das pessoas, pode ter arruinado a vida deles.

— Eu só queria falar com um velho amigo. — digo em desespero.

— Por que não ligou e marcou outro dia? — pergunta e ouço seus passos próximos de mim. — Porque queria fazer uma cena e...

— Porque estou grávida. — explodo de uma vez, já sei conseguir guardar isso pra mim. — E sabe que eu posso não ter chance.

— Deus! — ouço-o dizer baixinho e já não seguro minhas lágrimas.

Choro em desespero, repassando todos os últimos dias em minha mente, desde que descobri minha gravidez. Tudo acontecendo novamente, e sinto meu corpo ainda mais fraco que antes. Eu perdi um

filho uma vez, mas nessa, eu não vou deixar acontecer. Seja o que for que aconteça, meu filho vem em primeiro lugar, e eu apenas, precisava dizer aqueles que amo, o quanto os amo, pois as chances de sobreviver ao parto são mínimas.



CAPÍTULO 15

Daniel

Abro a porta do carro, e em silêncio Sophie entra. A viagem até o seu apartamento é feita do mesmo modo. Abro a boca várias vezes para dizer algo, mas nada sai, não sei por onde começar, nem o que dizer. Com certeza ela entendeu tudo errado, e agora sim, eu estou morto de medo.

Assim que estaciono em frente do seu prédio, ela já se ajeita pra sair, e eu seguro seu braço, sem saber o que fazer.

— Morena, por favor, só me escuta. — digo e ela então para, e me encara.

— O que Daniel?

— Me deixa subir, só me deixa...

— Ok. — diz e sai do carro.

Praticamente corro atrás dela e me dói ver a distância clara que ela mantém entre nós. O elevador finalmente chega no seu andar e ela anda a passos rápidos até abrir a porta, e nem me espera pra entrar, jogando a porta em minha direção.

Assim que entro, vejo-a parada no meio da sala, como se não soubesse pra onde ir.

— Diz logo, Daniel. — pede, de costas pra mim.

— Morena, eu só estava morrendo de medo. — confesso e dou alguns passos em sua direção. — A minha história com Carla é parte do meu passado... Eu e ela nos tornamos próximos na época em que ela perdeu o bebê que esperava, e sim, ela já era casada.

Sophie então se vira pra mim e me olha atentamente, e noto lágrimas em seu rosto. *Droga!*

— Eu a levei para o hospital, eu estive ao lado dela naquele momento... Carla precisava de um amigo, e eu não sei por que, mas na

época nada pareceu mais certo do que estar ao lado dela. Então quando ela resolveu passar uma temporada em Salvador, eu fui com ela... Nunca aconteceu nada entre nós, absolutamente, mas eu me apaixonei. — respiro fundo, tirando finalmente isso de dentro de mim. — Eu tive que voltar para o Rio, por conta da faculdade, mas não perdemos contato. Mas depois de um tempo ela voltou e eu achei que aí, teria a minha chance. Porém Carla aceitou Ricardo de volta. Além de aceitar o filho dele, da traição com Nicole, a mesma que Levi traiu Melissa. Mesmo assim eu insisti no que sentia e fui até ela, eu a... A pedi em casamento, Sophie. Eu achei que talvez ela pudesse me escolher.

— Mas ela escolheu Ricardo. — Sophie diz e passa as mãos por seus cabelos, e eu assinto.

— Eu fui morar no Canadá logo depois disso, sem querer ter que ver de perto a mulher que eu amava com outro homem, enquanto eu estava destruído. Eu voltei para o Brasil por conta de Melissa, e também porque já tinha passado da hora de enfrentar isso, mas tudo mudou quando te conheci. Eu fiquei com medo de te contar e isso te afastar e mim, de pensar que me importo e...

— E não se importa? — ela pergunta, olhando-me sem entender. — O seu silêncio na cozinha no momento em que ela afirmou que você a ama demonstrou claramente o que sente.

— Eu não sinto nada, Sophie. — digo já nervoso. — Quer dizer, eu gosto dela, apesar de tudo, mas aquele amor não existe mais... Não depois que eu te conheci.

— Daniel...

— Eu consegui fugir do que sentia na época por Carla, indo pra outro país, mas você morena, é totalmente diferente, por isso eu não te disse nada. — confesso. — Eu não queria te perder por algo sem importância, algo que acabou há tanto tempo... O que sinto por você é maior que tudo que já consegui sentir, e eu simplesmente não podia te perder por isso.

— O que me dói não é você não ter me contado... Dói saber que você continua mentindo pra mim. — diz e se afasta ainda mais.

— Sophie, eu não amo Carla. — digo já transtornado.

— Então por que não disse isso na cara dela? — ela pergunta e já eleva o tom de voz.

Isso só piora.

— Porque eu fiquei sem chão, vendo que Carla parece nada mais do que perdida, doente...

— Porque se importa, essa é a questão aqui. — ela constata e abaixa a cabeça. — Naquela noite em que estava estranho... Foi por conta

dela?

— Foi. — confesso e respiro fundo. — Ricardo me ligou preocupado já sem ter com quem falar, porque Carla sumiu. Eu fui até o lugar onde ela costumava ficar e pensar, mas não a encontrei. Eu liguei, ela atendeu e disse que descobriu que na verdade Ricardo nunca a traiu e... Eu só não queria que ela se machucasse, eu não poderia ficar bem com isso, sabendo que ela precisava de mim.

— Ok. — Sophie diz baixinho. — Apenas vá embora, Daniel.

— Morena, não faz assim. — digo, já sem conseguir segurar minhas lágrimas. — Eu te amo, eu não quero te perder.

— Eu só preciso ficar sozinha. — pede baixinho e finalmente seus olhos encontram os meus.

— Tudo bem, eu vou te dar o espaço que quer. — digo, mesmo que isso me doa por inteiro.

Sem conseguir me segurar, vou até ela e a abraço. Sophie não me corresponde e isso me quebra por dentro. Passo as mãos de leve por seu cabelo e beijo de leve.

— Eu te amo, não se esqueça disso.

Afasto-me dela e ela sequer me encara, olhando novamente para seus pés. A passos lentos vou até a porta e saio de seu apartamento,

sentindo meu coração se estilhaçar a cada passo longe ela.

Chego ao meu carro e já não consigo me controlar, soco o volante com força deixando as lágrimas descenderem. Fico um tempo apenas parado em frente ao seu prédio, sem conseguir ir embora. Eu realmente estraguei tudo.



CAPÍTULO 16

Sophie

Eu te amo, não se esqueça disso.

Essa frase fica repassando em minha mente por nem sei mais quantos minutos, já que parece uma eternidade que estou aqui, sentada no meio da sala, sem saber o que fazer e como falar com ele. Eu não sei o que pensar, nem sei o que sentir.

Será que ele apenas estava mesmo com medo? Será que não sente algo por ela e não quer acreditar? Sinto um medo rasgar meu peito e

choro baixinho, sem ao menos conseguir entender quando me tornei tão emotiva perante a ele.

Escuto o som da campainha e apenas me encolho ainda mais no meio do tapete. Por que ele voltou? Fico em silêncio sem querer falar com ele, mas logo a campainha soa novamente.

Então tenho um estalo e me lembro de que ele tem as chaves. Por que então tocaria a campainha? Levanto-me mesmo a contragosto e vou até a porta, vendo através do olho mágico que é Lola. Ela é a única pessoa que conheço que tem a chave do apartamento mas nunca a usa pra entrar, sempre tenho que abrir a porta.

Abro a porta e forço um sorriso, e ela no mesmo instante joga algumas sacolas no chão e me abraça. Desabo.

— Eu vou acabar com a raça dele. — diz nervosa e me leva até o sofá, onde ela senta e eu me deito em seu colo. Como ela pode me conhecer tão bem? — O que aconteceu?

— Não sei explicar, em um momento estava tudo perfeito, no outro a mulher que ele amava apareceu dizendo que ele a ama, e agora ele diz que me ama. — digo de uma vez, e sei que tudo deve parecer uma bagunça.

— Ok. — Lola diz e tenho certeza de que não entendeu absolutamente nada. — Mas de qualquer forma, eu e Lourenzinni vamos ter uma conversinha.

— Não seja doida. — digo e levanto meu olhar, vendo-a sorrir. — Não se esqueça que até hoje me impede de falar com Pedro.

Ela revira os olhos, mas assente.

— Mas então, já que ainda é difícil falar... Por que não comemos algumas porcarias que eu trouxe e assistimos a um filme? — indaga e é impossível não sorrir, isso na verdade é tudo que preciso agora.

— Seria perfeito.

— Ok, agora a senhorita fica deitadinha aí enquanto eu arrumo tudo e depois vamos tirar qualquer besteira da sua cabeça.

— Lola, eu...

— Quieta. — me corta e já levanta, indo até as sacolas e as pegando. — Vou só dar um jeito em tanta glicose e já volto.

— Ok. — digo sorrindo e vejo-a ir pra cozinha.

Ajeito-me melhor no sofá e tento não pensar muito em Daniel, no que houve. De certa forma é muito para absorver, mas sei que em breve temos que nos falar, mas a hora certa não é agora, não hoje.

No outro dia

— Você realmente não pode ficar triste. — Lola diz e me entrega um comprimido para dor de cabeça.

— Obrigada. — digo e dou de ombros, engolindo-o em seguida. — Minha sinusite tem ligação direta com as minhas emoções.

— Sua mãe que não te escute. — ela zomba e eu bufo. — Fica tranquila não vou contar pra ela. Mas a senhorita precisa ficar deitada por um tempo, e nada de ficar querendo limpar a casa.

— Está uma sujeira, Lola. — digo nervosa e ela gargalha.

— Deixa um pouco pra lá o seu lado virginiano e apenas me espera voltar do trabalho pra te ajudar, ok?

— Não sou um bebê, Paloma. — digo nervosa e a vez dela bufar, sei o quanto ela odeia que lhe chamem pelo nome. — Ai. — digo sentindo novamente meu corpo todo mole e minha cabeça doer.

— Viu só, fica quietinha aí, que logo eu volto. — diz e eu abro a boca pra ir contra. — Nada de reclamação. Vou ligar pra seu chefe e avisar que não pode ir hoje.

— Não. — digo, soltando uma lufada de ar. — Eu ligo pra ele, fica tranquila.

— Ok então, já sabe o que penso, não é? — indaga e eu assinto.
— Então tenha um bom dia com Bela e a Fera.

— Obrigada por tudo, Lola. Você é a melhor. — digo e ela sorri.

— Sei disso. Tenho que ir antes que seja 7 horas e eu me atrase, beijos, te amo. — diz e pega a bolsa no canto do quarto. — Até mais tarde!

— Até, te amo também.

Ela pisca em minha direção e sai. Escuto o barulho da porta da frente se fechando e tomo coragem para pegar meu celular na mesa de cabeceira. Respiro fundo lendo algumas das mensagens que Daniel mandou dizendo que me ama e que sente minha falta ao seu lado. *Ele me tem nas mãos! Droga!*

Sem mais enrolar ligo pra ele, o qual atende no primeiro toque.

— Morena, oi... — ele diz rápido e eu sorrio fraco, percebendo seu desconforto. — Precisa de uma carona? Quer dizer, tudo bem?

— Oi, Daniel. — digo e respiro fundo, com a dor de cabeça ainda me atormentando.

— Algum problema?

— Eu tive uma crise de sinusite e até agora estou na cama, com uma dor de cabeça constante. — digo e ouço apenas sua respiração. — Não posso ir trabalhar hoje, pode descontar...

— Está com muita dor, morena? — pergunta e eu fico sem fala.

— O de sempre, de todas minhas crises. — digo baixinho. — Eu só queria te avisar pra que saiba que não estou fugindo de você, eu realmente estou com dor.

— Tudo bem, morena.

— É... — fico sem ter o que falar. — Te vejo amanhã então.

— Eu te amo. — diz e desliga o telefone.

Encaro meu celular incrédula e bufo sozinha. O que deu nele?

Sem conseguir mais pensar, apenas me viro na cama e coloco o filme pra rodar em meu notebook. Por mais que já tenha 25 anos, nunca me canso de assistir A Bela e a Fera, e novamente, é nesse filme que me foco, pra poder esquecer um pouco de tudo ao meu redor.

Com o tempo sinto minhas pálpebras pesadas e meu corpo ficando leve. Entrego-me ao sono, na esperança de que essa dor melhore logo.

Acordo com o barulho de algo caindo e estranho a forte luz entrando pela janela. Pego meu celular e vejo as horas, pelo jeito não dormi nem três, mesmo parecendo que foi uma eternidade. Escuto novamente um barulho vindo da sala e fico sem entender.

O que Lola faz aqui tão cedo? Ela deveria estar no trabalho.

Levanto meio sem jeito e vou até a sala, olho ao redor e não vejo ninguém.

— Lola?

Dou mais uns passos e analiso a sala, que está impecavelmente limpa e arrumada. Escuto um barulho vindo da cozinha e bufo sozinha.

— Lola eu nem acredito que veio aqui limpar a minha casa, deveria estar no trabalho...

Paro no mesmo instante que entro na cozinha. Daniel Lourenzinni está vestido com apenas uma bermuda de moletom e encostado na pia, lavando minha louça. Ele está com fones de ouvido e canta algo baixinho, sem sequer notar minha presença.

Aproveito o momento para examiná-lo e sinto meu corpo ferver, ao ver o quão maravilhoso ele é, em toda sua glória. *Se controla, Sophie!*

— Daniel. — o chamo um pouco mais alto, porém ele sequer se mexe.

Chego perto dele e toco seu ombro, e ele rapidamente se vira, tirando os fones.

— Oi morena. — diz simplesmente e eu o encaro incrédula.

— “Oi morena”, sério? — pergunto e ele dá de ombros.

— O que espera que eu diga?

— Bom, seria bom saber por que está limpando o meu apartamento enquanto eu durmo, sendo que deveria estar no trabalho. — digo o óbvio e ele sorri.

— Eu transferi todos os compromissos de hoje para semana que vem. E sobre a limpeza, não é nada além do que estou acostumado a fazer em anos morando sozinho.

— Mas por que isso? — pergunto ainda sem entender nada.

— Você é mais importante, morena. — diz e fico sem fala. — Mais importante que qualquer reunião ou algo do trabalho.

— Daniel, você não devia estar aqui.

— Você quem devia estar na cama. — diz e fecha a torneira. —
Pra cama, morena.

— Eu não estou mais mal, se quiser ir pra casa e...

— Pra cama. — insiste e faz sinal com a cabeça.

— Você não pode entrar na minha casa, começara limpar e me
obrigar a...

— Eu posso sim, morena. — diz convencido e me segura em seus
braços.

— Daniel, eu...

Ele me encara do jeito que me desestabiliza e abre um belo
sorriso, penso que ele vai me beijar, mas em um milésimo de segundo,
ele simplesmente me pega em seus braços, beijando minha testa.

— Eu apenas quero seu bem, amor. — diz e vai comigo até o
quarto, me colocando com cuidado sobre a cama. — Descansa, precisa
disso.

— Daniel, por que está aqui? — pergunto, já sem conseguir
controlar minha vontade de estar próxima a ele.

— Porque eu te amo, morena. — diz e se senta ao meu lado,
tocando meu rosto. — Sei que está magoada, mas eu apenas quero que
entenda que é tudo pra mim.

Sem resistir, toco seu rosto, sentindo a barba áspera sob meus dedos.

— Senti sua falta. — confesso e ele encosta nossas testas.

— Eu também. — diz e abre um leve sorriso. — Eu espero que me perdoe, morena. Eu nunca quis te magoar.

— Podemos falar disso depois? — peço e ele assente. — Fica aqui comigo.

— Mas morena, eu...

— Você quer que eu melhore, não é? — pergunto e ele assente.
— Então só deita aqui comigo, me abraça enquanto assisto meu filme favorito.

— Tudo bem, amor.

— Eu gosto quando me chama assim. — digo, enquanto ele se aconchega a mim e me cerca com seus braços.

— Não quer comer algo antes? — pergunta, enquanto eu coloco novamente o filme no notebook.

— Não, estou bem.

— Que filme é?

— A Bela e a fera. — conto animada e ele revira os olhos. — O que?

— Eu fugi a infância inteira de minha irmã para não ver filmes de princesas, e agora, aos 31 anos eu tenho que encarar isso. — afirma e eu sorrio.

Ficamos em silêncio enquanto o filme roda e eu sequer foco nas cenas, as quais sei de cor. Eu penso em tudo que considerei sobre nós dois ontem a noite, a madrugada ao lado de minha melhor amiga que me ajudou a enxergar o óbvio – eu não estou apenas apaixonada, eu amo esse homem.

Vê-lo agir desse modo, como se eu fosse o centro de seu universo, deixa-me inquieta, mas ao mesmo tempo enaltece meu ser. O modo como ele simplesmente me deixa segura apenas estando por perto, e nesse instante, joga pra fora qualquer resquício de dúvida que tinha a respeito do que ele sente.

Temos que conversar a respeito de Carla, deixar tudo claro, sem que depois isso nos resulte em mais brigas. Mas tenho certeza de algo, eu amo esse homem, e eu não abrirei mão dele por conta de passado nenhum.



CAPÍTULO 17

Daniel

— Ah, preciso aumentar! — ela diz animada e coloca o som do notebook no último. — Que foi? — pergunta me encarando.

— Acho engraçada sua reação...

— Shhh. — diz, enquanto olha fixamente para a tela. — Agora.

“Sentimentos são fáceis de mudar

Mesmo entre quem não vê que alguém pode ser seu par

Basta um olhar que o outro não espera

Para assustar e até perturbar, mesmo a Bela e a Fera

Paraliso, encantado com sua voz doce e vendo o amor claro que ela tem pela música. Seu olhar encontra o meu, e por dentro tudo de mim se remexe. Os momentos mais simples, como assistir um desenho antigo, são incríveis ao lado dela. Eu realmente a amo.

“Sentimento assim, sempre é uma surpresa

Quando ele vem nada o detém

É uma chama acesa

Sentimentos vem para nos trazer

Novas sensações, doces emoções

E um novo prazer

Numa estação como a primavera

Sentimentos são como uma canção para a Bela e a Fera”^[2]

Ela então suspira fundo e para o filme, parecendo encantada com a cena.

— Você realmente gosta disso, morena.

— Ah, é simplesmente perfeito. — diz e suspira novamente. — O que está achando?

— Bom, é bonitinho. — digo e ela me encara, claramente incrédula. — Não espere os meus suspiros.

— Homens. — diz e revira os olhos. — Eu amo a história. — diz sorridente.

— Mas por que parou o filme? — pergunto sem entender.

— Porque na realidade estou pensando em nós, não nele. — confessa e se senta contra os travesseiros. — Pensando sobre o que vi no aniversário, em como reagi, no que me disse, no que a tal Carla disse... E em duas perguntas que tenho para você.

— O que? — pergunto, já sendo pego pela sua vontade repentina de tocar nesse assunto.

— Eu realmente entendi que tiveram um passado, que não foi algo fácil e não tem como simplesmente fingir que não se importa, porque eu sei que se importa com ela. Mas e se ela te escolhesse agora,

se ela viesse até você e dissesse que te ama, como homem, o que você faria?

— Nada. — respondo de imediato, sem precisar pensar. — Eu sei exatamente o que quero e a mulher que quero que me ame, e não é ela.

— Ok. — diz baixinho, ainda com os olhos nos meus. — Eu sei também que se ela precisar de você, como amiga, você não vai negar, pelo que te conheço, não seria capaz disso. Mas eu só quero ter a certeza de que não vou ficar pra trás nessa história, que se acaso ela te procurar ou precisar de você, eu estarei ao seu lado. Eu não vou mentir, não gosto dela, mas por você, para que fique bem...

— Não se preocupe com isso, morena. — digo, sorrindo sem acreditar no que ela diz. — Sou apenas um amigo para ela, por minha escolha agora, seja lá o que ela queira, se Carla precisar de mim, você será a primeira a saber, mas eu também não vou parar a minha vida por ela.

— Como assim? — indaga.

— Eu sempre estou lá pra ela, desde que voltei para o país. Quando Ricardo ficou internado, quando ela decidiu simplesmente sumir sem dar notícia e ele veio até mim atrás dela... Mas sabe, eu não posso ficar no meio disso, é tóxico para todos nós.

— Ufa! — ela diz sorridente. — Pensei que levaria um tempo pra você perceber isso.

— Você me fez perceber, no momento que mandou Carla calar a boca no meio da cozinha. — digo e sorrio, Sophie não se dá por vencida e me dá um tapa. — Ei!

— Ela mereceu, mas enfim... — dá um sorrisinho de lado. — Eu não me estresso a toa, mas vê-la falar aquilo pra você foi à gota d'água.

— Mas vamos lá, sua segunda pergunta. — instigo-a.

— Bom, se eu escolher ser sua, quais as chances de eu me arrepender? — pergunta e fico sem fala.

Penso por alguns instantes, tentando encontrar as melhores palavras e argumentos, mas no fim, apenas resolvo ser sincero.

Sophie

— Acho que na realidade tem muitas chances... — confessa, e sua expressão se torna séria. — Eu não sou um homem fácil, Sophie. Não

sou um príncipe encantado e muito menos sei dizer *não* para as pessoas. E isso pode ser uma benção, mas em outros casos uma maldição. Mas eu prometo que vou me esforçar a cada dia para ser um homem melhor pra você.

— De que livro você saiu? — pergunto, tocando seu rosto, já sem conseguir controlar meu sorriso.

— Como assim? — ele parece completamente confuso.

— Você não percebe que a sua sinceridade é seu maior charme. Sabe, Daniel, você é o tipo de homem que toda mulher diz que quer ter, mas a maioria diz isso pelo seu físico. Alto, loiro, olhos cor de mel, porte másculo... Mas o que realmente me encanta em você são suas atitudes. Você não se esconde, fingindo ser perfeito, ao contrário, você simplesmente se mostra, por mais errado que possa ser. — digo e suspiro fundo. — Você podia ter dito que não vou me arrepender, que vai ser perfeito... Mas não, você mais uma vez foi sincero, e é por essas e outras atitudes, que eu te amo por completo.

— O que? — ele pergunta, arregalando os olhos, já segurando os dois lados de meu rosto.

Apenas consigo rir de sua expressão.

— O que o que? — provoco e ele me encara sério.

— Repete, morena. — pede baixinho e todo meu corpo se arrepia, com a proximidade de seus lábios. — Repete.

— Eu te amo. — digo e sorrio pra ele. — Eu não vou desistir de nós.

— Me perdoe por não ter te dito nada antes.

— Meu problema não foi sua omissão, Daniel. Foi o susto de ver aquela cena, de imaginar que você pudesse realmente estar brincando comigo e amando outra mulher.

— Nunca, jamais pense isso. — diz e passa o dedo de leve sobre meu lábio inferior. — Nenhuma mulher tem esse poder sobre mim. Você me fez abrir meu mundo, minha vida, meu tudo pra você. Você me faz pensar em filhos, família, uma coisa que há muito eu nem cogitava. Antes, você me fazia querer chegar logo no trabalho, mesmo nos dias ruins, apenas porque sabia que te veria lá. E hoje, me faz querer ficar em casa, debaixo das cobertas, com apenas o seu corpo enroscado no meu, sem ter hora pra sair, hora pra acabar. Eu te amo, morena, com todo meu coração.

As lágrimas descem com força pelo meu rosto e não consigo fazer mais nada do que senão beijá-lo. Meu corpo se arrepia por inteiro em contato com o seu, enquanto sua língua tira o resto de sanidade que

ainda existia em mim. Afasto o notebook de lado, e puxo pra baixo a bermuda que Daniel veste, surpreendendo-me ao notar que ele não usa nada por baixo.

— Você está com dor, morena. — diz, já com a voz entrecortada.
— Eu preciso que se comporte, para que eu me comporte.

— Dor nenhuma vai me tirar o que sempre sonhei em ter, ainda mais como o homem que amo. — digo e beijo de leve seu pescoço.

— O que? — pergunta, tirando meu pijama com cuidado, deixando-me nua sob ele.

— Sexo de reconciliação. — sou sincera e ele sorri em meu pescoço, possuindo-me no mesmo instante.

— Feita sob medida para mim.

Arfo, sem conseguir mais me controlar, buscando sua boca pra acalantar meu desespero. Assim que sua boca cai na minha, enquanto nossos corpos se tornam apenas um, não consigo pensar em mais nada, nem mesmo raciocinar. A não ser, ter a certeza de que, todas as vezes que li por aí que sexo pós-briga é o melhor, eles estavam completamente certos. Isso é o paraíso, o nirvana. E não quero nada além do que esse momento com ele... nada.



CAPÍTULO 18

Meses depois

Sophie

— Droga! — exclamo nervosa, abaixo a tampa do vaso sanitário e dou descarga.

Respiro fundo uma, duas, três vezes, até sair de dentro da cabine e encarar meu reflexo pálido no espelho.

— Isso não vai ser fácil. — falo sozinha e passo um pouco de água no rosto.

Estou feliz, mas ao mesmo tempo me sinto péssima por nada parar em meu estômago. Levo as mãos a minha barriga, relembrando os cinco testes de farmácia que deram positivos.

— É bebê, você deve ter puxado para o seu pai. — digo e sorrio sozinha. — Já está me dando trabalho.

Ajeito como posso minha maquiagem e saio do banheiro, buscando Lola e Paulo entre as mesas do *Chandel*, o restaurante em que ela trabalha, mas hoje resolveu nos chamar para almoçar.

— Tudo bem? — os dois perguntam antes mesmo que eu me sente, e apenas respiro fundo.

— Apenas o afilhado ou afilhada de vocês já me dando um pequeno trabalho. — digo e ambos sorriem.

— Ai, eu nem acredito que vou ser madrinha de novo. — Lola praticamente grita e eu a encaro perplexa. — Que foi? Quanto mais afilhados melhor.

— Eu até agora estou assimilando isso. — Paulo diz e o encaro sem entender. — Não nos conhecemos há muito tempo e...

— Paulo, amizade não se define por tempo, e sim pelo que passamos juntos. Você me ajudou a tolerar algumas loucuras de Daniel, aguenta o ciúme bobo dele, além de que sempre sai pra comer com a gente e passamos horas conversando. Quem mais eu chamaria para ser padrinho?

— Mas vem cá. — Lola interfere. — Você escolheu os padrinhos do bebê, mas ainda não contou ao pai dele que ele existe.

— Para de ser engraçadinha, sabe que vamos depois de aqui buscar o resultado do teste Beta hCG^[3]. — digo e ela sorri amplamente.

— Daniel vai pirar, isso é um fato. — Paulo constata, fazendo-nos sorrir.

É bom ver a convivência gostosa que temos, todos nós. Daniel e Paulo de certa forma se tornaram amigos, mesmo que às vezes Daniel tenha um pouco de ciúmes, além de Lola que ama infernizar a cabeça do meu namorado e não cansa de jogar na cara dele o quão idiota ele era por ser grosso comigo. Além de infernizar a vida do namorado de Paulo, que não aguenta mais ter a orelha puxada por ter enrolado tanto pra assumir a relação deles. *Apenas Lola sendo Lola.*

— Então, decidiram o que vão pedir?

Levanto meu olhar e sorrio ao ver Pedro, o qual sequer olha para os lados, e está com os olhos fixos em Lola.

— Ao gosto do chefe. — Lola pede e pisca pra ele.

— Ok, boneca. — diz claramente apaixonado e eu olho pra Paulo, que finge estar tendo uma ânsia.

— Paulo! — chamo sua atenção, mas ele apenas dá de ombros, enquanto Lola sorri.

— Eu quero apenas uma salada. — digo, por motivos claros de não querer abusar muito da boa vontade de meu estômago.

— O mesmo que o da Lola. — Paulo diz e logo Pedro se afasta. — Estou me sentindo vip, já que o dono e chefe do restaurante veio nos atender. Por que será, né, Sophie?

Dou de ombros, fazendo-me de desentendida, enquanto Lola finge não entender a provocação.

Meu celular vibra sobre a mesa e o encaro o visor, vendo ser o número de Daniel.

— O *grandão* ligando. — Lola caçoa, e eu apenas a ignoro, atendendo.

— Oi amor.

— Oi. — ele diz. — Estou com alguns problemas e não vou conseguir sair tão cedo dessa reunião.

Bufo sozinha, já imaginando como deve estar sendo horrível para ele ficar horas preso dentro de uma sala cheia de novos ou possíveis investidores, discutindo burocracia e números. Era para eu estar lá, mas Daniel insistiu tanto em me dar o dia de folga que eu simplesmente cedi, já que realmente não estou bem nos últimos dias.

— Vai pra minha casa hoje?

— Não, pensei de você ir pra fazenda hoje, o que acha? — pergunta e fico sem entender.

A maioria dos dias passamos em seu apartamento que gentilmente apelidei de “sem graça”, porque realmente, não tem nada a ver com ele, ou passamos no meu. Na fazenda nós geralmente vamos aos fins de semana ou quando podemos ficar dias apenas curtindo aquela paz. Agora, numa terça-feira, onde ele possivelmente não chegará cedo, por que iríamos a fazenda?

— Não entendi na verdade.

— Pensei em passarmos o dia de amanhã juntos. — sugere.

— Mas e as outras reuniões?

— Levi se comprometeu em dar conta de tudo, além de que a nova assistente dele parece ser competente.

— Ok. — digo por fim, mesmo sem entender muito bem sua vontade.

— Não parece muito animada em passar um dia comigo.

— Não é isso, amor. É que achei estranha essa sua vontade repentina.

— Nem tão repentina, já que deixei isso combinado com Levi desde sexta passada. — diz simplesmente e eu rio.

— Ok, amor. Depois que almoçar eu vou pra lá, tudo bem?

— Tudo. Leve seus amigos se quiser, talvez eu chegue tarde.

— Ok, beijos. Te amo.

— Também te amo, morena.

Ele desfaz a ligação e suspiro apaixonada, ao mesmo tempo em que levo as mãos para minha barriga.

Começo novamente a me perguntar se ele vai ou não gostar da novidade, em como será sua reação. Estamos juntos há praticamente um ano, não é um tempo consideravelmente grande, mas parece que o conheço de outras vidas, como se tivéssemos uma ligação. E por isso, há dois dias, quando finalmente Lola me convenceu a fazer os testes e

deram positivos, eu apenas chorei de felicidade, porque um filho dele, mesmo que não planejado, é um sonho do futuro se tornando parte do agora.

— Terra chamando Sophie. — Lola brinca e eu sorrio, limpando uma lágrima que desce. — Até o final dessa gravidez teremos muitas lágrimas por vir, não é?

— Eu espero que todas sejam apenas de felicidade.

Nossos pratos chegam e começo a comer devagar, prestando a atenção que posso no que meus amigos falam, já ansiosa pra pegar o resultado em mãos e ter a plena certeza de que uma vida cresce em mim, uma vida feita por eu e Daniel. Isso parece um sonho bom, e não quero acordar, não agora.



CAPÍTULO 19

Daniel

— Ela caiu. — digo e Melissa dá um pulo, batendo palmas, animada. — Está tudo certo, não é?

— Dani, é a milésima vez que pergunta isso. — diz revirando os olhos e eu fico ainda mais nervoso.

— Eu vou pedir a mulher que eu amo em casamento, Melissa. — digo e levo as mãos aos cabelos, quase os arrancando fora. — E se ela disser não?

— Ela seria uma idiota. Mas Sophie não é, então fique tranquilo.
Ela te ama, gatinho.

— Como está o nosso futuro príncipe encantado? — mamãe pergunta, entrando em meu quarto e eu apenas dou de ombros. — Daniel, você precisa se vestir! — chama minha atenção.

— Ainda tem um tempo até ela vir, Lola ficou de me mandar mensagem. — tento acalmá-la, sendo que eu estou praticamente pirando.

— Ah. — mamãe suspira, vindo até mim, tocando meu rosto com carinho. — Meu menino vai casar! — diz e seus olhos se enchem d'água.

— Mãe, um dia isso ia acontecer. — brinco e ela puxa minha orelha, assim como fazia quando era apenas um menino. — E ainda é apenas o pedido.

— Mesmo assim. — diz e se senta ao meu lado. — Parece que foi ontem que descobri que estava grávida.

— Ela fez o mesmo comigo. — Melissa diz e mamãe lhe lança um olhar de reprovação. — Apenas comentei.

— Vocês dois sempre serão meus bebês. — diz e suspira fundo.
— Vendo vocês tão grandes me faz pensar no porque não tive mais filhos.

— Porque é cabeça dura e ignorou os pedidos do seu marido.

Papai entra no quarto e pisca pra mim, que rio da cara de brava que mamãe faz.

— Embora eu nunca tenha te dado sossego. — diz e Melissa revira os olhos.

— Não comece com gracinhas, Matheus. — mamãe diz e se levanta, indo até ele, que a puxa pela cintura e lhe dá um leve beijo nos lábios.

A relação de meus pais é linda, por mais que no começo tenha sido tão conturbada e meu pai tenha feito algumas escolhas erradas. O que eles têm hoje é o que quero ter com Sophie, uma relação limpa e cheia de amor, respeito e dedicação.

— Ainda não pirou, filho? — meu pai indaga e eu nego, porém por dentro estou ficando completamente louco. — Sei...

— E onde está Laura? — pergunto, passando uma mão na outra, tentando me acalmar.

— Está ajudando Luzia a arrumar os últimos detalhes. — Melissa diz e eu sorrio.

— Tem que ser perfeito, gatinha. — digo, um pouco angustiado, já apavorado e sem saber como seguir cada passo que ensaiamos.

— Dani, você e Sophie tem uma relação linda, é possível ver o amor de vocês de longe. — Mel diz e vem até mim, sentando ao meu lado. — Você vai se sair bem, e eu tenho certeza que ela vai amar.

Abraço minha irmã com força e logo sinto nossos pais ao nosso redor. Os Lourenzinni juntos num abraço, como fazemos desde quando eu era criança. Toda força e apoio que eu precisava para tornar esse momento mais do que especial, um momento único tanto para mim quanto pra Sophie, inclusos neste abraço.

Ouçó batidas na porta e levanto meu olhar, no instante em que meus pais se afastam.

— Desculpem atrapalhar. — Luzia diz sorrindo. — Mas eu só queria falar um momento com Daniel.

Meus pais se afastam, e Melissa pisca pra mim, saindo todos do quarto em seguida.

— Algum problema? — pergunto e ela fica em silêncio, vindo até mim.

— Sabe Daniel, quando apareceu na frente da minha casa, pedindo a mão da minha filha em namoro, eu achei lindo e ao mesmo tempo em que gostei da sua atitude, fiquei bem desconfiada. Eu só não pude vir naquele convite por conta do meu amigo, que hoje é meu

companheiro, e padraсто da Sophie... Mas enfim, quando ela me contou a verdadeira história, que você agiu por impulso sem saber como agir diante da frieza dela, tudo se encaixou.

— Me desculpe, eu sei que não devia ter começado nada assim.
— sou sincero e ela me lança um sorriso.

— Eu sei querido, mas independente disso fico muito feliz em saber que minha filha tem alguém tão doce ao lado dela, que além de ser um bom homem, é companheiro e se preocupa com aquilo que ela gosta.
— diz e toca de leve em meu rosto. — Quando o pai de Sophie foi embora, eu fiquei sem chão, mas continuei firme por ela, porque ela sempre foi a luz em minha vida. E eu vejo, o modo como você a olha, que foram feitos um para o outro. Além de minha benção pra pedir minha filha em casamento, eu te dou todo meu amor de mãe, porque pra mim, é como um filho.

Emociono-me com suas palavras, e me levanto, abraçando-a. Luzia Moraes é uma mulher excepcional, que tenho a grande honra de ter em minha vida. Uma cópia mais velha de minha morena, e do jeito discreto e ao mesmo tempo decidido dela. Sinto um grande carinho e admiração por essa mulher.

— Ai, vamos parar com esse chororô. — diz e passa as mãos no rosto, sorrindo. — Ela vai amar essa surpresa. Perdi as contas de quantas

vezes ela assistiu “a bela e fera” quando criança.

— Eu espero que sim. — digo e sinto meu celular vibrar no bolso.

Em meia hora chegamos aí, prepare-se

Olho pra minha sogra em expectativa e ela sorri.

— Querida? — levanto meu olhar para porta e vejo Rodolfo, o padrasto de Sophie, parado na porta. — A amiga de Sophie mandou mensagem pra você.

— Ah! — minha sogra grita e ambos gargalhamos de sua felicidade. — Vou deixar você se trocar, e vou para minha posição.

— Obrigado por tudo. — sou sincero.

— Obrigada você, querido. Por manter um lindo sorriso no rosto de minha filha. — diz e sai do quarto, acompanhada do namorado.

Olho para a roupa separada sobre um lado da cama e respiro fundo. *Hora do show.*



CAPÍTULO 20

Sophie

Assim que vejo que estamos próximos da fazenda, começo a tentar dar um jeito no meu rosto, já que estava chorando até agora após ler o resultado do teste Beta hCG.

Positivo.

— Mulher, você vai se afogar nessas lágrimas logo mais. — Lola caçoa, enquanto Paulo dirige.

— Eu só estou feliz. — digo e toco minha barriga. — Quanto tempo será que estou?

— Bom, pelo que eu interpretei, usando minha querida internet... Três semanas. — Lola diz, claramente emocionada. — Eu me nego a chorar hoje.

— Por quê? — pergunto sorrindo em meio às lágrimas.

— Porque é um dia tão feliz. — diz e suspira fundo. — Tão lindo!

— Você está mesmo caindo de amores, Paloma Gerard. — provoco e ela bufa.

— A gravidez está confundindo sua mente. — caçoa e eu apenas consigo sorrir.

Volto a tentar arrumar minha maquiagem e Lola insiste em ficar falando para eu parar com isso, já que logo chegaremos na fazenda, mas é questão de não querer o rímel grudando no rosto.

Quando finalmente Paulo estaciona, saio do carro e olho para um dos lugares onde tudo comigo e Daniel começou, e onde é nosso refúgio, acho que nosso cantinho favorito no mundo, mesmo que não tenha explorada praticamente nada fora daqui.

Acho que amar é isso, apenas sentir, se entregar... É não escolher o melhor lugar pra ficar, e simplesmente deixar acontecer.

— Vamos? — Lola pergunta e só assim, percebo que estava parada, olhando para o mesmo lago onde nadamos juntos pela primeira vez, naquela nossa primeira noite como “casal”.

Com a mão em meu ventre, vou andando a passos rápidos até a porta de entrada, e divago comigo mesmo sobre a nostalgia que invade meu ser justo hoje, que era para ser um dia tão comum, mas esse pequenino ou pequenina tornou tão especial.

Pego a chave em minha bolsa e coloco na fechadura, mas assim que tento abrir, estranho por não conseguir. Então, apenas tento abrir a porta, e assusto-me, quando noto que ela não está trancada.

— Gente...

— Vai! — Lola diz e pisca pra mim.

Olho pra Paulo e ele apenas acena com a mão, para que eu entre. Olho pra eles sem entender, mas acabo entrando na casa.

— Oi? — pergunto pra sala vazia e logo escuto passos vindos da escada.

Olho pra cima e vejo Laura descendo, com uma carinha sorridente.

— Oi, tia So. — diz e vem até mim, me abraçando.

— O que foi Lau?

— Vamos lá pra cima. — pega minha mão, e sem que eu possa negar, me leva até o primeiro andar.

Ela então abre a porta do quarto que fica ao lado do de Daniel, e entra comigo.

— Eu não estou entendendo nada. — digo pra ela, que sorri largamente.

— Aqui. — diz e me entrega um cartão branco.

Olho-a sem entender, mas desviro o cartão, lendo o que está escrito.

“Oi, morena. Sei que não deve estar entendendo nada, mas apenas siga os passos, e vai descobrir. Primeiro, vá ao banheiro desse quarto e vista o que Laura lhe mostrar.

Eu te amo,

Daniel”

Fico estática e encaro Laura, que continua no mesmo lugar, acho que apenas esperando alguma atitude minha. Meio sem jeito, volto a

mim, e caminho até o banheiro.

Olho primeiro para a bancada e encontro todos os produtos que uso no banho, e em especial, o perfume que Daniel tanta ama. Olho com mais atenção e encontro outro cartão, colado no espelho.

“Você é a mulher mais linda para mim, a única que desestabiliza meu ser, e me faz querer ser meu melhor a cada dia...

Tome seu banho e leve seu tempo,

Daniel”

Deixo os dois cartões juntos, em cima da bancada da pia e retiro minha roupa. Tomo um banho com calma, tentando assimilar tudo que está acontecendo, mas a emoção de saber de nosso filho me embarga de uma forma tão devastadora que sequer consigo raciocinar diante dessa surpresa de Daniel.

Assim que termino o banho, seco-me com a toalha e me visto com um roupão. Pego os dois cartões e saio do banheiro, encontrando Laura sentada na cama, pelo jeito me esperando.

— Espera. — ela diz e vai até o armário, tirando algo de dentro.
— Aqui...

Encaro o belo vestido amarelo longo, de alças finas e com aspecto de cetim. Ele é simples e completamente lindo, com uma cor que me lembra a ouro.

Laura não diz nada, apenas me entrega, e vai até o armário novamente, pegando uma caixa de sapatos e uma sacola.

— Aqui, tia. — diz e coloca ambos sobre a cama.

Abro a caixa e sorrio espantada, vendo um par de belas sandálias de cor preta, delicadas como o vestido. Pego a sacola e dentro encontro um conjunto lindo de lingerie que tenho certeza que não marcará o vestido.

Olho pra Laura e volto para o banheiro, onde coloco a lingerie e o vestido. Ambos têm caimento perfeito em meu corpo.

Saio e Laura arregala os olhos, encarando-me incrédula.

— Ficou perfeito.

— Obrigada, Lau. — digo e coloco as sandálias. — E agora?

— Vem! — diz ainda mais animada que antes, e me leva pra fora do quarto, indo comigo ao quarto da frente.

Assim que ela abre a porta, sorrio ao ver Melissa e Lola me esperando em pé, ao lado de uma grande penteadeira.

— Vocês vão me matar do coração hoje. — digo e sigo até elas.

— Aqui, *morena*. — Lola provoca e me entrega um cartão.

“Você não precisa de nada mais do que você mesma para estar perfeita para mim, mas eu te conheço Sophie Moraes, você ama se arrumar, e como diz: ficar com a pele perfeita. Mal sabe que pra mim já é perfeita, sem maquiagem nenhuma... Mas quem seria eu se não fizesse todos os seus gostos?”

Com todo amor,

Daniel”

Encaro as meninas a minha frente e ambas me mandam sentar na cadeira que está na frente da penteadeira.

— Vamos te deixar ainda mais linda do que já é. — Melissa diz e tira a toalha que protegia meus cabelos molhados.

— Se prepare, mulher. — Lola diz e vira a cadeira, deixando-me de costa para o espelho.

— Sério? — pergunto já perdida e ambas assentem. — Ok, então.

Enquanto Melissa mexe em meu cabelo, Lola faz minha maquiagem. Meu lado curioso grita pra perguntar algo ou ao menos ver o que elas estão fazendo, mas eu apenas consigo ficar em silêncio, esperando elas dizerem algo, porém, elas sequer abrem a boca.

Passam alguns minutos e de repente, Lola se afasta, piscando pra mim. Paro de sentir as mãos de Melissa em meu cabelo e de repente, apenas sinto a cadeira girar. Encaro meu reflexo e fico perplexa com o que as duas foram capazes de fazer. Meus cabelos estão com um leve encaracolado e ao mesmo tempo selvagens, na maquiagem Lola não podia ter feito uma pele mais perfeita, além de um batom nude que combinou perfeitamente com o delineado preto.

— Meu Deus! — digo sem ter outras palavras pra expressar.

Escuto o barulho da porta e olho de relance, arregalando os olhos ao ver minha mãe e minha sogra entrando.

— Mas...

— Oi princesa. — mamãe diz, como se não fosse surpresa vê-la no Rio.

Daniel insistiu comigo e por fim acabei aceitando sua ajuda e cedendo pra conseguir trazer minha mãe para o Rio, mas assim que a convidei pra vir morar comigo, mamãe negou, confessando que estava

apaixonada por seu amigo Rodolfo e que ele já era mais do que isso, era seu namorado, e que nunca Minas Gerais pareceu tão atrativa pra ela. O que eu podia fazer? Apenas disse pra que ela fosse ainda mais feliz, e que a saudade nós mataríamos todos os meses, ou eu indo pra Minas ou ela vindo para o Rio.

— Mãe, Clara...

— Você vai entender, pequena. — minha mãe diz e me entrega outro cartão.

“Posso confessar algo? Eu estou uma pilha de nervos e morrendo de medo de esquecer os passos, mas por você, eu faço tudo, absolutamente...

Espero que brilhe ainda mais hoje,

Daniel”

Então Clara me entrega duas caixinhas, uma comprida e uma menor. Abro-as e quase caio da cadeira, ao ver um lindo par de brincos, que claramente são joias, e pelo pouco que entendo, são de ouro branco, em formato de uma pequena rosa. Na outra caixinha – comprida –

encontro uma pulseira detalhada em ouro branco também, só que em pequenas gotas.

— Eu estou... Deus, chocada! — sou sincera e todas riem.

— *Tá* na hora. — Melissa diz e me encara. — Vamos?

Levanto-me um pouco sem jeito, mas sigo Melissa, que me leva até a beira da escada, e noto que a iluminação está diferente. Até a metade da escada eu consigo enxergar tudo, mas depois disso está um completo breu.

— Boa sorte. — Melissa diz e me entrega um cartão

Logo ela se afasta, voltando para o quarto, deixando-me sem noção de mais nada.

Antes que eu possa ler, escuto então o começo de uma melodia e então tudo começa a fazer sentido em minha mente. Não, Daniel não faria isso. *Ou faria?* Então todo o ambiente se ilumina e na beira da escada, vejo o homem que tem meu coração, parado, vestido com uma linda camisa social azul e calças brancas. Seu cabelo está bem penteado e ele segura uma rosa vermelha.

Ele se vestiu de príncipe/fera – do seu jeito, mas se vestiu.

Seguro as lágrimas que querem descer, e escuto novamente a mesma melodia soar, a da parte favorita de meu filme favorito. Só então,

lembro-me do cartão, e o viro, lendo a pergunta de Daniel e já quase desabando.

“Dança comigo?”

Desço as escadas com cuidado, e assim que chego ao último degrau, Daniel faz um cumprimento digno de nobreza, e me estende seu braço. Sem sequer pensar, faço o mesmo cumprimento e aceito sua dança.

“Sentimentos são fáceis de mudar

Mesmo entre quem não vê que alguém pode ser seu par

Basta um olhar que o outro não espera

Para assustar e até perturbar, mesmo a Bela e a Fera”

Daniel fica em perfeita postura e me guia pelo meio da sala, que nesse instante não tem nenhum móvel, apenas parece com a verdadeira cena do filme.

— Como? — pergunto, em meio à música que toca, e o olhar profundo do homem que amo.

— Você me disse uma vez o quanto sonhava com o príncipe encantado quando era mais nova. — diz e me gira, em um perfeito passo. — Eu apenas queria te dar um dia assim, ser seu verdadeiro príncipe e mostrar a você a princesa que é.

— Eu te amo. — digo e sorrio pra ele, que continua a dançar comigo, até o fim da música.

Assim que paramos, tudo fica em silêncio, e toco seu rosto, incrédula com tudo isso. Levo uma de minhas mãos ao ventre, já pensando em contar a ele, porém ele me surpreende, ajoelhando-se.

— Daniel.

— Todos aqui me ajudaram nessa surpresa, e em cada pequeno detalhe, para que fosse perfeito. — diz e só assim olho ao redor, vendo nossos amigos e família, que com certeza assistiram cada passo de nossa dança. — Mas não teria como ser menos perfeito, porque é com você, morena. Eu escolhi essa música, esse tema, porque sei o quanto ama a história, e pra ser honesto, você realmente conseguiu me transformar, pois teve o pior de mim e desde que admiti meu amor por você, tem apenas meu melhor. — diz e já não consigo controlar as lágrimas, ele então tira uma caixinha do bolso de trás da calça e abre, mostrando uma linda aliança, com uma rosa de diamante no centro. — Eu quero isso, pelo resto de nossas vidas. Sophie Moraes, aceita se casar comigo?

— É claro que sim. — digo e praticamente me jogo sobre ele, sem conseguir fazer outra coisa que não seja chorar. — Eu te amo tanto.

Ele se levanta comigo e me roda em seu colo, distribuindo beijos pelo meu rosto. Nesse instante escuto uma salva de palmas e uma música começa a tocar no ambiente. Assim que nos afastamos, ele me beija, selando esse momento tão perfeito de nossas vidas, e mal sabe ele, que pode melhorar.

Ele coloca com cuidado a aliança em meu dedo anelar esquerdo, e me estende a dele, que apesar de ser simples, faço questão de colocar em seu dedo e beijo sua mão com carinho. Aproveito esse momento, que todos ainda nos observam, e pego sua mão na minha, levando-a até minha barriga.

— Nós dois dizemos sim a você. — digo e Daniel arregala os olhos, em meio às lágrimas que descem por seu rosto.

— Morena...

— Estou grávida. — revelo e escuto o grito da mãe dele, e Daniel começa a chorar ainda mais, caindo de joelhos na minha frente, beijando minha barriga.

— Eu te amo, morena. — diz olhando-me, e logo muda seu foco, para meu ventre. — E amo essa pequena parte nossa, parte do nosso amor.

Assim que ele se levanta, eu o beijo, selando mais um acontecimento em nossas vidas. Afastamo-nos e somos cercados por todos aqueles que também amamos, e nos parabenizam pelas novidades. Porém, por um segundo eu consigo parar e apenas focar no homem que abraça sua irmã e chora de felicidade, o homem que eu nunca imaginei um dia chamar de meu.

A paixão de Daniel nos trouxe até aqui naquela noite, onde tudo começou. Mas o nosso amor, o que criamos no dia a dia, com paciência, calma e companheirismo, é o que nos faz permanecer. Então ele abre um enorme sorriso, olhando para mim neste mesmo segundo, e assim, eu tenho novamente a certeza, que não importa o que aconteça, nós estamos juntos, para o que der e vier.

E agora, além de dois, somos três... Arrisco dizer, somos completos.



EPÍLOGO

“Tudo o que sabia era que estar com ela o fazia sentir-se completo. de uma forma que poucas pessoas no mundo poderiam compreender.”^[4]

Anos depois...

Sophie olhou para o lado e teve que respirar fundo, pois não conseguia acreditar nas palavras daquela tórrida mulher. Ela conhecia bem o marido que tinha, a relação que compartilhavam, e além disso, o amor que transbordava deles. Por que diabos então, a nova assistente dele insistia em afirmar que era sua amante?

Teve que respirar fundo mais uma vez, encarando o velho local de trabalho, que antes era tão acostumada, mas que há muito não vinha. Há exatos cinco anos ela conseguiu o tão sonhado emprego de economista e para crescer profissionalmente teve que abrir mão dos momentos amorosos durante o expediente. Mas tudo caminhava bem em sua vida, assim como na de Daniel, pelo menos ela pensava assim.

Mais uma vez, sentada na cadeira que antes era sua, quando ainda era uma assistente, ela relembrou as palavras cruéis e frias da mulher que há menos de um mês tinha se tornado a assistente dele, já que Sarah, a real dona do cargo, estava de férias.

Acha mesmo que ele não é capaz de trair? Nunca vi um homem com tanto fogo quando meu chefe... Delicioso chefe.

Aliás, amanhã passarei a tarde toda trancada com ele em sua sala, fazendo muito mais do que apenas rever relatórios e anotações.

A tal Jessica, que lhe mandou mensagem, disse muito além. Deixou claro que era a amante de Daniel desde que assumiu um cargo novo temporariamente e que não queria nada, nada além de provar isso para Sophie. O que Sophie não entendia era o porquê ela estava se sujeitando a isso? Por que ela simplesmente não fazia um escândalo e infernizava a vida de Daniel?

Parece mais que o objetivo de Jessica era acabar com o relacionamento deles, mas de forma silenciosa, como se fosse realmente a amante apaixonada pelo marido seduzido e louco por ela. Mas Sophie conhecia Daniel, bem melhor que ele mesmo, e desde que recebeu essa mensagem, não teve um minuto sequer que cogitou a possibilidade de ser verdade.

Daniel a amava, e comprovava isso todos os dias, durante esses quase dez anos de casados. Tinham uma vida sólida, duas filhas lindas e três gatos que viviam espalhados pela bela casa na fazenda. Por que diabos ela tinha vindo para a empresa por conta de uma mensagem idiota, de uma assistente claramente louca?

Um barulho chamou sua atenção e ela se virou, vendo um Daniel furioso pedindo em seu tom mais duro para que a tal Jessica saísse da sala e fosse arrumar o que fazer, porque estava sendo demitida.

— Eu disse que ela não confiava em você. — a tal Jessica gritou, parecendo histérica. — Ela sabe que sou sua...

— Minha o que? — Daniel gritou impaciente. — Alguém tire essa mulher daqui, ou eu não respondo por mim.

Os barulhos altos chamaram atenção da sala vizinha à dele, que só podia pertencer ao outro dono, Levi Gutterman. Ao encalço de Levi,

Melissa vinha um pouco assustada, pelos gritos que ouviram.

— Mas o que está acontecendo aqui? — Levi perguntou e bufou ao ver Jessica com o decote mais aberto do que o normal e a saia levantada, o que era claro, foi feito propositalmente. — Apelou para Daniel? — indagou e Jéssica ficou branca feito papel.

— Eu...

— Qual é, Jessica? — Levi insistiu. — Tentou fazer a mesma cena comigo antes, só que te cortei porque felizmente, minha mulher tinha chegado e ouvido toda sua loucura. Eu te dei uma chance, porque disse que estava com problemas e havia agido por impulso, e não pensado muito bem. Mas pelo jeito, teve tempo suficiente pra tentar dar em cima do outro chefe.

— Ora, sua... — Daniel começou a dizer, mas se calou, quando seu olhar caiu sobre a mulher que ama, sentada na mesa que sempre seria dela. — Morena, desculpe por isso, eu realmente não sabia...

— Eu imaginei que fosse alguma loucura. — Sophie disse e se levantou, indo até o marido, dando-lhe um leve beijo. — Eu só vim... Na realidade nem sei por que, acho que queria te ver. Eu sabia que não seria capaz disso.

— Nunca, morena. Eu te amo. — ele disse e Sophie se derreteu ambos esquecendo-se completamente da assistente quase seminua parada a frente da sala.

— Acho que é hora de ir. — Melissa instigou a mulher, que sequer se moveu.

— Vocês são completamente loucos. — Jessica disse, já cansada de fingir algo, pois o que ela queria era poder fugar qualquer um daqueles homens, pelos quais ela era encantada há anos, mas nunca tinha tido a oportunidade de estar perto, bom, não tão perto quanto agora.

— Saia daqui antes que eu realmente me exalte. — Daniel disse em seu tom frio.

Olhando ao redor daquele casal, ela sentiu-se mal, vendo que nunca teve aquele tipo de relação. Onde nem mesmo uma mensagem ou uma boa cena montada conseguia estremecer o casal, ou onde ela sequer teve a oportunidade de ter uma experiência incrível com aqueles homens. Isso deve ser o tal amor que ela nunca conheceu, e isso a machucava, profundamente.

Sem dizer mais nada ela saiu, deixando pra trás, casais que sorriam ainda nervosos de tudo aquilo que ela mesma causou.

— O que ela te disse, morena? — Daniel perguntou de imediato e Sophie apenas deu de ombros, beijando-o novamente.

— Nada que não possa ser deixado de lado.

— Ela começou a abrir a roupa e eu fiquei louco, queria jogá-la pela janela. — Daniel disse e ela teve que gargalhar, porque conhecia bem o lado estressado do marido, e com certeza, ele poderia ser capaz daquilo.

— Mas agora... — Melissa começou a dizer, enquanto o outro casal ficava em chamego. — Estou com fome, que tal comida mexicana?

— Minha menina, nós fomos lá ontem. — Levi intercedeu por todos. — Que tal apenas algo leve naquele restaurante do outro lado da rua? — sugeriu.

— Por mim tudo bem. — Daniel disse e Sophie apenas assentiu. Dando-se por vencida, Melissa apenas concordou e todos saíram daquele andar, que parecia ainda um pouco contaminado com as mentiras contadas pela ex-assistente.

Sophie andava ao lado do marido, e não pode deixar de reparar no quão lindo, incrível e amoroso ele era. Claro, Daniel não era perfeito, nem de longe, mas a forma que ele a amava, a cuidava, valia por muito de seus pequenos defeitos, como por exemplo, sempre se deixar levar

pela carinha triste dos filhos, mesmo após eles terem aprontado algo. Daniel era um pai babão.

Levi e Daniel trocavam algumas palavras, como amigos que há muito tempo não eram. Passaram-se praticamente onze anos depois dos tormentos na vida de Melissa, e aos poucos, após acertar alguns socos em Levi, Daniel começou a aceitar a ideia de vê-la feliz ao lado dele, pois no final, tudo que importava para ele, era a felicidade dela.

As coisas iam bem, de uma forma que a cada dia, mesmo com os problemas, nada os fazia perder a fé ou persistir. Eram felizes, ambos os casais, apesar dos pesares.

Após um almoço de conversa e bate-papo, Sophie seguiu seu caminho para a empresa que trabalhava e Melissa pegou uma carona, já que passaria o dia no parque perto da empresa, buscando inspiração para seu novo romance. Levi e Daniel voltaram a seus postos e logo se isolaram cada qual em sua sala.

Alheio aos papéis sobre sua mesa Daniel apenas conseguia manter um sorriso no rosto, por mais uma vez comprovar a confiança que sua esposa tinha nele, e para com ele. Sophie – ele pensou – se transformou em muito mais do que apenas uma paixão, agregando a ele um amor indispensável, intransponível. A realidade era simples e clara: o que sobrou de sua paixão pela bela morena, era uma vontade imensa de

viver a cada dia mais o amor despertado em seu ser, um amor que ele apenas pensa em cuidar pelo resto de sua vida – e até mesmo nas demais.

Seu celular tocou, interrompendo seus devaneios. Ele então viu que era uma chamada de vídeo, de sua primogênita – Bella – que aquele dia havia faltado a escola e ficado na casa deles com a avó Clara, enquanto Olívia – a caçula – estava na escolinha.

Assim que atendeu, o rosto de sua mãe estampou a tela. Clara Lourenzinni já mostrava traços comuns de sua idade, como algumas rugas e linhas de expressão, mas que para Daniel continuava sendo sua bela rainha.

— Oi mãe, o que houve?

— Bom, Bella ficou falando na minha cabeça que queria te ver.
— disse dando de ombros. — Aqui estamos.

Logo a imagem de sua princesa mais velha apareceu, com o mesmo tom de pele moreno da mãe e com seus olhos cor de mel. Daniel sorriu pra ela, que deu um “olá” até que animado apesar da gripe que lhe atingia.

— Oi papai! — disse e sorriu amplamente. — Pai, eu acabei de achar uma coisa no banheiro do corredor. — explicou e levantou algo no

visor, mostrando claramente para Daniel o teste de gravidez com uma parte enrolada em papel higiênico.

— Deus, Bella! — Clara exclamou, incrédula, pegando o teste das mãos de Bella, que apenas permanecia sem entender o que era aquilo.
— Daniel...

Ele parou um segundo para raciocinar, tentando encontrar algum indício de que Sophie estivesse grávida, mas nada lhe veio à memória. Porém, tudo dentro de seu ser já se enaltecia, só de imaginar poder ter mais um fruto do amor de ambos.

— Qual o resultado? — Daniel perguntou, já sentindo seu coração acelerado e sua cabeça dando mil voltas.

Clara sorriu amplamente, colocando a câmera em melhor foco, deixando claro o resultado do teste. *Positivo!*

FIM

Nota II

E então?!

O que acharam de Sophie & Daniel? Espero que de alguma forma, eles tenham chegado ao seu coração.

E será que temos secundários que merecem seu próprio livro? Lola – a melhor amiga da Sophie – já tem seu livro disponível aqui na amazon (clique [aqui](#)). Não esqueçam de avaliar e deixar sua opinião sobre.

Muito obrigada pela leitura

E espero que até a próxima,

Aline



REDES SOCIAIS

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralinepadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)

OUTROS LIVROS

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e

ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa.
Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ INESPERADA.

CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo

Família Torres – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa em que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o **completo oposto**. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, de quem ela não suporta a presença um segundo.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?

FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres – Livro Extra



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir, o tanto quanto, um dia fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém. Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre.
Valéria está grávida do homem que não a ama. E não pretende deixá-lo descobrir.

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos – era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para perder horas conversando – mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada.

Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Família Reis – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação dela. Quando ela estava à sua frente, ele sabe que tudo o que deve fazer é correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, praticamente impossível desvendar o que se passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo, sempre lhe intrigou o

fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais – parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela e muito menos eles esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

UM CASAMENTO DE MENTIRA PARA O CEO

Família Fontes – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Nas voltas que a vida dá, Talita e Gael se encontram dizendo “sim” no altar.

A rejeição à frente de várias pessoas foi o que Talita Kang vivenciou aos dezessete anos, quando Gael Fontes a recusou e humilhou abertamente sobre o possível noivado dos dois.

Porém, como o carma nunca falha, tudo o que o herdeiro dos Fontes necessita quinze anos depois, quando retorna para recuperar a empresa da família, é justamente um casamento por contrato.

O que ele não esperava era que justamente a mulher que quebrou seu coração seria a candidata perfeita, e mais, que ela o escolheria novamente.

Ele a humilhou por um casamento por contrato.

Ele precisa dela agora, pelo mesmo motivo.

Talita se apegou a esse contrato pela sua família, e por uma promessa que apenas ela pode cumprir. Mas nada lhe impede de se divertir com a infelicidade do homem que estará preso nessa mentira com ela. Entre o carma, uma rede de mentiras e corações partidos, até que ponto um casamento por contrato significará apenas isso?

GRÁVIDA DO COWBOY QUE NÃO ME AMA

Família Esteves – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Ter um ditado como aquele sendo uma realidade, depois de tanto tempo, apenas fazia Guta duvidar se realmente queria tal casamento. Augusta que amava Juan, que amava Pâmela, que amava Franco, que amava Carolina, que felizmente, o amava de volta.

Deixada sozinha em casa, após finalmente ter o homem que amava da forma que sempre desejou, Guta parou de se questionar do que era necessário para que aquele casamento fosse real, e aceitou que o amor de Juan Esteves nunca seria seu.

Ela então o deixa para trás, e com ele, todo o sonho do primeiro amor que agora ela jurou que esqueceria. Contudo, o que ela não esperava, depois de tanto tempo, era que criaria algum laço real com ele.

Guta apenas quer os papéis do divórcio e distância, mas se descobre grávida do cowboy que não a ama.

UMA FILHA INESPERADA PARA O CEO

Família Esteves – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Júlia Medeiros sempre pensou que para bom entendedor, meia palavra bastava. Entretanto, ela não sabia o que entender, quando o homem para o qual se declarou, a abandonou na cama, na companhia de um chapéu. Ela só não tinha ideia do que mais acabou ficando para si.

Oscar Esteves sempre lutou por sua família, e seus irmãos eram seu mundo, contudo, os olhos bonitos da mulher que o encantou desde que a encarou pela primeira vez, sempre vagavam em suas memórias.

Anos depois e uma coincidência do destino, Oscar descobre que aquele amor não resultou em apenas lembranças que ele não conseguia tirar da mente, mas também, em uma filha.

UMA FAMÍLIA INESPERADA

Família Esteves – Livro 3



,

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Flávio, sempre teve Dove Kang. O caçula da Família Esteves, tem um sorriso fácil e piadinhas sempre na ponta da língua, mas não consegue fingir que ela não desperta nada dele, nem que seja medo. Diacho de moça bonita!

Dove Kang é uma mulher que vive pelo legado da sua família. Os Kang são poderosos e intocáveis, e nenhum deles vive para o romance.

Contudo, ela não pode negar que existe algo que sempre a surpreende nos olhos claros daquele menino.

Duas pessoas de realidades completamente opostas, mas que não conseguem evitar a atração que sentem. E talvez descubram que existe algo muito maior que **o medo e a surpresa** um no outro: **uma família inesperada.**

[1]. Amor de Violeiro – Eduardo Costa

[2]. Sentimentos São - Disney

[3] beta hCG é um hormônio produzido pelo organismo durante a gestação pelas células precursoras da placenta. Ele é um componente do HCG (gonadotrofina coriônica humana), hormônio específico da gravidez. Por isso esse exame é usado no diagnóstico da gestação. (Fonte: minhavida.com.br)

[4] Nicholas Sparks, O melhor de mim.